

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

ISABELLA FERRAZ LACERDA DE MELLO

**Pai abusador, filho agredido, irmãos marcados:  
os efeitos da violência sexual na trama fraterna**

Belo Horizonte  
2016

ISABELLA FERRAZ LACERDA DE MELLO

**Pai abusador, filho agredido, irmãos marcados:  
os efeitos da violência sexual na trama fraterna**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Estudos Psicanalíticos

Orientadora: Profa. Dra. Cassandra Pereira França

Belo Horizonte  
2016

A todos os irmãos e irmãs.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo seu amor, sua graça e por alimentar minha esperança diariamente.

Aos meus pais, Angelo Lacerda de Mello e Ermita Vitória Ferraz de Mello, pelos ensinamentos e valores passados e, acima de tudo, pelo grande exemplo de seres humanos. E aos meus irmãos, pela união e torcida.

À Cassandra Pereira França, por me acolher tão bem no Projeto CAVAS/UFMG desde o final da graduação e por ter aceitado me orientar neste trabalho. Seu apoio e contribuições foram essenciais para o desenvolvimento das minhas ideias e também para despertar em mim outros interesses teóricos e profissionais.

Aos professores Paulo César Carvalho Ribeiro e Paulo Vidal pelas contribuições valiosas na banca de qualificação.

Ao professor Fábio Belo pelas sugestões de leituras desde a entrevista de seleção para o mestrado.

À professora Adriana Franco, pela bela oportunidade acadêmica que me proporcionou e por me receber tão bem na UBA.

Ao doutor Gustavo M. Finvarb, por autorizar a realização do estágio no Hospital de Niños Ricardo Gutierrez.

À Susana Toporosi, presença especial nos últimos meses, pelas orientações, acolhimento, carinho e interesse em me ajudar a desenvolver este trabalho, e por ser tão admirável em sua delicadeza e luta pelas crianças e adolescentes.

À equipe do Hospital de Día, coordenada pelos terapeutas Thomas Hass e Patricia de Giovanni, por me permitir participar das supervisões e discussões de casos, além de fornecer materiais fundamentais para a pesquisa. E aos psicólogos Cynthia Funes e Tomas Vargas pelas contribuições com os casos clínicos.

Aos professores Julio Moreno e Ricardo Rodolfo pelos ensinamentos e por ampliar meu leque de possibilidades teóricas.

Aos amigos do Projeto CAVAS/UFMG, pelos momentos de aprendizado, conversas e festas também. À Cynthia Tannure e Dani Matos, pela ajuda na preparação da qualificação.

Ao André, por conseguir traduzir tão bem ideias em palavras, como as do título dessa dissertação.

Aos amigos de Alvo pelo imenso apoio e carinho nos períodos difíceis da construção desse trabalho.

À Nay Shimaru, companhia que tornou o percurso menos tortuoso e com quem pude compartilhar meses de alegrias e também tristezas.

Ao Ber Melo, pela companhia desde o início do mestrado e pelas discussões teóricas.

À Rafa Pazotto, pela amizade, carinho e preocupação comigo.

À minha querida prima Mari, pelo apoio e pelo trabalho com o *abstract*.

À tia Eliane, pela leitura e correções ortográficas.

Ao CNPq, agradeço o apoio financeiro fundamental para a realização da pesquisa.

## RESUMO

Mello, Isabella Ferraz Lacerda de (2016). *Pai abusador, filho agredido, irmãos marcados: os efeitos da violência sexual na trama fraterna*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

O presente trabalho tem por objetivo investigar os efeitos de uma verdade impactante, qual seja, a de que o próprio pai é um pedófilo que abusa sexualmente de seus filhos. A partir do viés psicanalítico, tentaremos compreender as reverberações identificatórias quando essa sentença é proferida durante a adolescência do sujeito – o que, sem dúvida alguma, irá tornar caótico todo o processo de elaboração do luto pela perda dos pais idealizados na infância. Apesar de não ter sido a vítima direta do pai, saber que seus irmãos foram molestados provoca no adolescente uma decepção ímpar. Para acompanhar esses “descaminhos” do reordenamento identificatório dos adolescentes, essa investigação percorrerá a trilha dos conceitos de trauma, clivagem e recusa em suas diferentes acepções, freudiana e ferenciana. A fim de ilustrar como o aspecto traumático da figura do pai abusador pode prejudicar o funcionamento do psiquismo dos filhos, faremos uma breve análise do filme *Festen* e também de três casos de adolescentes do sexo feminino de um hospital público de alta complexidade, especializado no atendimento de crianças e adolescentes, que tivemos a oportunidade de acompanhar indiretamente. Desses diferentes cenários pudemos observar não apenas a extensão do ressentimento, da decepção e da desidealização da figura paterna, mas, sobretudo, as manifestações sintomáticas que denunciam uma forte identificação com as vítimas diretas. Chamou-nos a atenção a união da fratria como suplência à função materna falha, e como um modo particular de validar os fatos abusivos que até então haviam sido encobertos pelo mecanismo do “desmentido” familiar.

Palavras-chave: Irmãos de vítimas de abuso sexual. Fratria. Vítima indireta. Adolescência. Trauma. Pai abusador. Desidealização. Clivagem. Recusa. Ressentimento.

## ABSTRACT

Mello, Isabella Ferraz Lacerda de (2016). Abusive father, assaulted son, marked brothers: the effects of sexual violence in the fraternal plot. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

This study aims to investigate the effects of an impressive truth, whatever it is, that his own father is a pedophile who sexually abuse their children. From the psychoanalytic bias, we try to understand the identificatory reverberations when the sentence is uttered during the adolescence of the subject - which, undoubtedly, will become chaotic all the grief process by idealized parental loss in childhood. Despite not having been the direct victim of the father, knowing that his brothers were molested causes adolescents an odd disappointment. To accompany these "detours" of identificatory reorganization of adolescents, this research will cover the trail of the concepts of trauma, cleavage and refusal in their different meanings, Freudian and Ferenczian. In order to illustrate how the traumatic aspect of the abuser father figure can impair the functioning of the psyche of children, we will make a brief analysis of the movie *Festen* as well as three cases of female adolescents in a public hospital of high complexity, specialized in services of children and adolescents, we had the opportunity to follow indirectly. From these different scenarios we have seen not only the resentment of the extent of deception and deconstruction of the father figure, but above all, the symptomatic manifestations that denounce a strong identification with the direct victims. We drew our attention to the phratry union as supplement to the maternal function fails, and as a particular way of validating the abusive events that had been hidden by the mechanism of a "denial" family.

Keywords: Brothers of sexual abuse victims. Phratry. Indirect victim. Adolescence. Trauma. Abusive father. Deconstruction of the ideal. Splitting. Refusal. Resentment.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1: O PESO DO DESMANCHE IDENTIFICATÓRIO NA ADOLESCÊNCIA .....</b>	<b>14</b>
<b>1.1. Os processos de luto na adolescência .....</b>	<b>15</b>
<b>1.2. O trabalho de idealização/desidealização dos pais.....</b>	<b>18</b>
<b>1.3. O reordenamento das instâncias ideais.....</b>	<b>21</b>
<b>CAPÍTULO 2: UMA SOBRECARGA A MAIS: UM PAI PEDÓFILO .....</b>	<b>32</b>
<b>2.1. O tabu do incesto.....</b>	<b>33</b>
<b>2.2. O trauma na psicanálise .....</b>	<b>38</b>
2.2.1. Descobertas iniciais sobre as neuroses.....	39
2.2.2. Da teoria do trauma ao papel das fantasias sexuais infantis .....	42
2.2.3. Novas bases metapsicológicas para o conceito de trauma .....	44
2.2.4. A originalidade das contribuições de Sándor Ferenczi sobre o trauma .....	50
2.2.5. Reverberações do trauma sobre os processos de idealização e de formação do Eu	53
<b>2.3. A incidência traumática de um pai pedófilo.....</b>	<b>55</b>
2.3.1. Sobre o movimento Dogma 95.....	55
2.3.2. O enredo do filme <i>Festen</i> .....	55
2.3.3. Família Hansen: uma família “kaput” .....	62
<b>CAPÍTULO 3: OS EFEITOS INTRAPSÍQUICOS DE UM RESSENTIMENTO QUE NÃO SE APAGA .....</b>	<b>65</b>
<b>3.1. Escuta clínica.....</b>	<b>65</b>
3.1.1. Caso 1: Duas irmãs, uma sentença .....	65
3.1.2. Caso 2: O interminável ciclo de decepções.....	68
3.1.3. Caso 3: Um namorado que seja reflexo de quem?.....	71
3.1.4. Pontos de convergência nos três casos .....	73
<b>3.2. Sentidos para a recusa (<i>Verleugnung</i>) .....</b>	<b>75</b>
<b>3.3. Ressentimento e remorso: afetos que infectam .....</b>	<b>80</b>

3.3.1. Ressentimento e remorso .....	83
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>86</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>90</b>

## INTRODUÇÃO

O interesse pela questão do abuso sexual no contexto intrafamiliar tem se associado, em grande parte, à tentativa de combater a violência, principalmente quando temos crianças e adolescentes envolvidos. Apesar do artigo 226 da Constituição do Brasil (1988) afirmar que “o Estado assegurará a assistência à família na pessoa de cada um dos que a integram, criando mecanismos para coibir a violência no âmbito de suas relações”, foi o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), lei 8.069, de 1990, que se tornou um importante aliado na luta contra a violência sexual. Esta lei ressalta a condição peculiar da criança e do adolescente como pessoas em desenvolvimento (art. 6º) e coloca como dever de todos a garantia da proteção dos seus direitos (art. 4º) e a proteção contra qualquer tratamento desumano (art. 18º). Além disso, destaca que nenhuma criança ou adolescente poderá ser objeto de qualquer forma de violência, sendo punido pela lei qualquer forma de atentado aos seus direitos fundamentais (art. 5º).

Nos últimos onze anos, o Projeto CAVAS/UFMG<sup>1</sup> tem participado do enfrentamento à violência sexual infantojuvenil e se dedicado à importante tarefa de desenvolver estudos e pesquisas teóricas sobre essa temática, com a finalidade de fornecer suporte à prática psicoterápica com crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. Durante esse tempo, surgiram vários questionamentos a partir dos atendimentos realizados, fomentando o desejo de produzir dissertações e teses que investigassem as correlações existentes entre o abuso sexual e conceitos psicanalíticos, tais como: o trauma, a sedução generalizada, a identificação com o agressor e a organização psíquica perversa.

Sabemos que os efeitos posteriores ao abuso sexual são bastante nocivos às crianças e adolescentes. Segundo Fuks (2010), as vítimas podem desenvolver quadros de depressão, sentimento de culpa, atraso escolar, distúrbios alimentares, déficit de atenção, diminuição da autoestima; além de tentativas de suicídio e gravidez na adolescência. Entretanto, a experiência com o acompanhamento dos casos atendidos pelo Projeto CAVAS/UFMG tem revelado que o raio das consequências é muito mais amplo: atinge de forma impactante toda a família. Prova disso é o fato da demanda de atendimentos no Projeto CAVAS/UFMG ter se

---

<sup>1</sup> Projeto de Pesquisa e Extensão do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais que oferece atendimento psicológico às Crianças e Adolescentes Vítimas de Abuso Sexual, criado em 2005 e coordenado pela Profa. Dra. Cassandra Pereira França.

diversificado nos últimos anos, pois além dos responsáveis buscarem acompanhamento psicológico para crianças e adolescentes consideradas vítimas diretas, alguns familiares têm solicitado atendimento psicológico para eles mesmos, por se sentirem afetados de alguma forma pelos abusos, principalmente nos casos intrafamiliares.<sup>2</sup> O novo cenário mobilizou a equipe do Projeto CAVAS/UFMG a pensar em novos estudos e frentes de atuação, despertando nosso interesse quanto aos desdobramentos do trauma da violência sexual no âmbito familiar, mais especificamente nos irmãos das vítimas diretas de abuso sexual que estão enfrentando a etapa da adolescência<sup>3</sup>.

A maioria dos casos de violência sexual ocorre dentro da estrutura familiar, lugar que deveria promover proteção e segurança à criança e ao adolescente, tornando a situação ainda mais alarmante. As estatísticas apontam que a maioria dos abusadores sexuais são homens e têm vínculos afetivos e de confiança com a vítima. Em um estudo realizado em Porto Alegre foram analisados processos de denúncias de violência sexual em que 98,8% dos casos o agressor era homem e tinha vínculos afetivos e de confiança com a criança; o agressor era pai da vítima em 57,4% dos casos e em 37,2% das ocorrências, o abusador era o padrasto ou pai adotivo da criança (Habgzang, Azevedo, & Machado, 2005). Sabemos que, apesar dos números informarem a alta incidência do abuso intrafamiliar, eles não contemplam a complexidade subjetiva implícita nos casos. Dessa forma, encontramos uma dificuldade ainda maior em localizar pesquisas específicas sobre as consequências da violência sexual nos irmãos das vítimas diretas e, àquelas as quais tivemos acesso, não utilizaram a teoria psicanalítica como aporte teórico, como por exemplo, os trabalhos de Angelcos, Merkel, & Sepúlveda (2011), Rosa (2007) e Hill (2003), apesar de nos ter ajudado a pensar a complexidade da nossa problemática.

Diante dos dados estatísticos e da realidade que escancara os pais e padrastos como sendo os principais agressores sexuais de seus filhos, nosso interesse está direcionado à investigação dos efeitos da descoberta impactante, qual seja, a de que o próprio pai é um pedófilo que abusa sexualmente de sua prole, naqueles filhos que não foram molestados por ele. Apesar de não ter sido a vítima direta do pai, saber que seus irmãos foram molestados

---

<sup>2</sup> Chamaremos de vítimas diretas “aquelas pessoas expostas diretamente aos fatos traumáticos sujeitas a sofrer danos físicos, materiais ou psicológicos, conforme a natureza da violência” e vítimas indiretas aqueles indivíduos que são pessoalmente afetados por um acontecimento violento mesmo sem terem sido atingidos de maneira direta (Almeida, 2012, p. 21).

<sup>3</sup> Tive a oportunidade de atender um jovem adolescente no Projeto CAVAS/UFMG, o qual teve seu irmão molestado, e ele apresentou manifestações sintomáticas muito significativas. Essa e outras experiências semelhantes influenciaram nossa escolha pelos irmãos adolescentes.

provoca no adolescente uma grande decepção que pode exercer uma força disruptiva no seu aparelho psíquico. Além do mais, sabemos que a adolescência é um período de grandes mudanças externas e internas em que a energia psíquica se volta para a reorganização interna do sujeito.

Diante da exposição desse cenário, iniciamos nosso trabalho com um panorama dos principais impasses vividos no período da adolescência, com especial enfoque nos processos de luto e no reordenamento das instâncias ideais que acompanham as desconstruções corporais e psíquicas necessárias para a formação da identidade do sujeito, resgatando algumas ideias desenvolvidas pelos psicanalistas argentinos Arminda Aberastury e Mauricio Knobel, no clássico “*Adolescência normal*” (1970). Agregamos as contribuições de Freud e Klein sobre o papel das instâncias ideais no sujeito e as ideias de psicanalistas contemporâneos, buscando compreender os processos de reestruturação no adolescente.

No segundo capítulo, investigamos como a figura de um pai abusador adquire um aspecto traumático que invade o psiquismo como algo insuportável. Estudamos como surgiu o tabu do incesto dentro das famílias (clãs) e qual o significado da sua proibição para a manutenção da ordem entre os seus membros. Além disso, percorremos o caminho da noção de trauma principalmente em Freud, contando com as contribuições de outros autores, como Sándor Ferenczi e Masud Khan, para entender o funcionamento dos processos traumáticos nos jovens que também chamamos de vítimas, ainda que não sejam vítimas diretas dos abusos do pai. Em seguida, articulamos essas problemáticas com o processo de idealização e com o filme *Festen* (Festa de família).

Tivemos o privilégio de acompanhar indiretamente três casos de adolescentes do sexo feminino, cujas irmãs foram molestadas por seus pais, no Hospital de Niños Ricardo Gutierrez – hospital argentino de alta complexidade referência no atendimento de crianças e adolescentes.<sup>4</sup> No terceiro e último capítulo, compartilhamos as histórias dessas jovens e os desafios enfrentados por elas no processo de revelação do abuso sexual, além das consequências do desmentido familiar na manifestação dos seus comportamentos e sentimentos. Posteriormente, investigamos alguns sentimentos e mecanismos que podem

---

<sup>4</sup> Assim como no Brasil, a maioria dos casos de abuso sexual da cidade de Buenos Aires são cometidos pelos pais e padrastos das vítimas. De acordo com o “Programa Las Víctimas Contra Las Violencias”, coordenado pela doutora Eva Giberti, realizado em parceria com o Ministério da Justiça e Direitos Humanos e a Unicef, em 76% dos casos atendidos pelo programa na cidade de Buenos Aires o agressor é o pai da criança ou adolescente, seguido pelos padrastos, 13%, e depois pelas mães, em 9% dos casos.

provocar grandes danos ao psiquismo a partir dos acontecimentos vivenciados, como a recusa, o ressentimento, o remorso e a relação deles com o mecanismo da clivagem.

Nossa intenção com este trabalho é que ele possa contribuir para a prática dos atendimentos psicoterápicos no Projeto CAVAS/UFMG e chamar atenção para a importância dos cuidados com todos os membros familiares que possam ter sido afetados pela violência sexual em suas famílias, buscando prevenir, de certa forma, outras formas de violência.

## CAPÍTULO 1: O PESO DO DESMANCHE IDENTIFICATÓRIO NA ADOLESCÊNCIA

A vida é tão bela que chega a dar medo,  
 Não o medo que paralisa e gela,  
 estátua súbita, mas  
 esse medo fascinante e fremente de curiosidade que faz  
 o jovem felino seguir para a frente farejando o vento  
 ao sair, a primeira vez, da gruta.  
 Medo que ofusca: luz!  
 Cumplicemente,  
 as folhas contam-te um segredo  
 velho como o mundo:  
 Adolescente, olha! A vida é nova...  
 A vida é nova e anda nua  
 - vestida apenas com o teu desejo!  
**(O Adolescente - Mario Quintana)**

A adolescência é uma das etapas mais importantes e transformadoras na vida dos seres humanos, um processo que se inicia com mudanças biológicas que irão desencadear transformações psíquicas múltiplas e variadas, pois, abruptamente, o jovem é surpreendido com mudanças corporais que vão lhe cobrar a busca de uma nova identidade, de um novo lugar na sociedade e que implica, como demarca Kancyper (2007), o fim da ingenuidade infantil.

O presente capítulo pretende mostrar um panorama dos principais impasses vividos no período da adolescência, com especial enfoque nos processos de luto e no reordenamento das instâncias ideais que acompanham as desconstruções corporais e psíquicas necessárias para a formação da identidade do sujeito – processos duradouros, intensos e indispensáveis para a organização do mundo interno frente ao desafio da adultez.

Mergulharemos na temática da adolescência resgatando, inicialmente, algumas ideias desenvolvidas pelos psicanalistas argentinos Arminda Aberastury e Mauricio Knobel, num livro clássico como “*Adolescência Normal*” que, na década de 1970, introduziu no Brasil algumas reflexões psicanalíticas importantes para se pensar a prática clínica com essa faixa etária. Partindo da necessidade de reconhecermos a síndrome da “anormalidade” da normalidade adolescente, os autores defendem a presença de condutas patológicas na adolescência como atitudes necessárias para que o jovem possa desenvolver-se e alcançar a estabilização das “verdadeiras perdas de personalidade” (Knobel, 1970/1981, p.10), e que

precisarão ser acompanhadas pelo enfrentamento de importantes lutos: o luto pelo corpo de criança, o luto pelo papel e identidade infantil e o luto pelos pais da infância (Aberastury & Knobel, 1970/1981b). Recuperemos um pouco mais o que nos diziam esses autores.

### **1.1. Os processos de luto na adolescência**

As modificações corporais na adolescência causam um grande impacto no jovem. Para ele, enfrentar essa transformação na própria pele é viver a experiência inicial de não se reconhecer e não reconhecer seu corpo como algo que lhe pertence. Tamanha confusão vem acompanhada de mudanças psicológicas importantes, que pedem um rearranjo libidinal e psíquico para esse novo corpo carregado de expectativas, medos e angústias. Aberastury (1970/1981a) destaca que as mudanças físicas ocorridas no período da puberdade desencadeadas pela ativação dos hormônios gonadotróficos da hipófise, responsáveis tanto pelas alterações das características sexuais primárias (aumento do pênis e testículos e também do útero e vagina), quanto pelas características sexuais secundárias (aumento dos seios, crescimento dos pelos pubianos, mudanças no timbre da voz) é que vão escancarar o ponto de partida para as mudanças psicológicas que cobrarão da criança e de seus pais

Aceitar a prova de realidade de que o corpo infantil está se perdendo para sempre. Nem a criança nem seus pais poderão recuperar esse corpo, mesmo que pretendam negá-lo psicologicamente ou mediante atuações, nas quais a vida familiar e a sociedade pretendam comportar-se como se nada tivesse mudado. (Aberastury, 1970/1981a, p. 16)

A representação mental que o indivíduo tem do seu corpo necessita ser transformada e isso só será possível através do conhecimento físico que tem de si mesmo. No entanto, a experiência de ter sido invadido por mudanças corporais incontroláveis pode ser vivida como um “sentimento de despersonalização” (Knobel, 1970/1981, p. 35) e ser angustiante para o menino ou menina que antes era visto como criança e, após essas transformações, passa a receber outras nomeações transitórias, que reabrem constantemente a questão: “onde foi parar o corpo que me pertencia e a criança que todos viam em mim?”, e que exigem que “a própria criança precise de tempo para fazer as pazes com seu corpo, para terminar de conformar-se a ele, para sentir-se conforme com ele” (p. 19). Portanto, para que esse processo não seja apagado por uma negação maníaca, é necessário um longo e intenso trabalho de luto para elaboração da modificação do esquema corporal e das dimensões representacionais do corpo e do psiquismo que foram perdidas.

Durante essa etapa da vida, o jovem passa por períodos contraditórios nos quais flutua entre a dependência infantil e a independência: ora teme perder o que lhe é conhecido e pertencido da sua condição infantil, ora deseja desprender-se e buscar no mundo uma nova identidade e se ver mais próximo do mundo adulto. Essa flutuação aparece também na sua forma de agir e se vestir, apresentando-se de diversas formas contraditórias diante dos próprios pais e das pessoas do mundo externo, como se em cada situação assumisse um personagem diferente de acordo com sua necessidade; “uma combinação instável de vários corpos e identidades” (Aberastury, 1970/1981a, p. 15). Incapaz de sintetizar todos esses corpos e identidades em uma forma única, o adolescente está em processo contínuo de transformações e experimentações, percorrendo um caminho de idas e vindas, em que tenta avançar e acercar-se do mundo adulto. Nessa trajetória, muitas vezes precisa refugiar-se em seu mundo interno, numa tentativa de ligação com o passado para que, aos poucos, possa aceitar a perda da sua identidade de criança e enfrentar o futuro.

Entretanto, seguindo o raciocínio de Aberastury (1970/1981a), antes que o adolescente construa seu próprio sistema de teorias e ideais (componentes importantes na construção da sua identidade e ideologia no mundo social adulto), ele precisará atravessar uma das tarefas mais árduas, qual seja, o trabalho de “desidealização das figuras parentais” (p.16). Este trabalho faz com que o adolescente se dê conta de que os pais não são exatamente o que ele pensava, aliás, são bem diferentes! Essa percepção irá produzir, a um só tempo, angústia e desprezo diante dos adultos. No entanto, a renúncia aos pais dependerá da possibilidade de identificação com eles. De acordo com Aberastury *et al.* (1970/1981b), a presença das imagens paternas no mundo interno do adolescente servirá de “ponte” tanto para a recepção de influências como para a troca de estímulos com o mundo externo. Apesar de a família ser a primeira expressão da sociedade que exerce grande influência na conduta dos adolescentes, o meio em que vive também “determinará novas possibilidades de identificação, futuras aceitações de identificações parciais e incorporação de uma grande quantidade de pautas socioculturais e econômicas” (Knobel, 1970/1981, pp.51-52).

A experiência de perda da representação do corpo, da identidade infantil e dos pais da infância, é vivida pelo adolescente como uma experiência de fracasso ou impotência diante da realidade externa, como afirma Knobel (1970/1981). Esse sentimento de fraqueza demanda um trabalho de investimento de muita energia para remanejar-se emocionalmente. Assim, para compensar as dolorosas perdas sentidas no seu mundo interno, será convocada a entrada em ação de mecanismos de defesa, tais como o fantasiar e a intelectualização, que tentarão

resgatar a onipotência infantil perdida. Por um lado, a imaginação toma conta do adolescente e ele passa a fazer planos mirabolantes, dos quais podem surgir mudanças reais e transformadoras no mundo em que vive. Imagina como vai ser o futuro, que estará fazendo, qual profissão seguir. Por outro lado, através do movimento de intelectualização, o indivíduo fará uma espécie de reajuste emocional e começará a implicar-se em assuntos que antes não despertavam seu interesse e a buscar explicações teóricas para as problemáticas e valores sociais, como as questões políticas e religiosas, os princípios éticos, o amor, a liberdade e a educação.

Dessa forma, a garantia da internalização de imagens parentais positivas e papéis bem definidos “permitirá uma boa separação dos pais, um desprendimento útil, e facilitará ao adolescente a passagem à maturidade, para o exercício da genitalidade no plano adulto” (p. 57). Assim, a figura idealizada do pai bom e poderoso permitirá que o adolescente identifique-se com os aspectos positivos do pai e supere o temor à castração. Por outro lado, no caso da menina, ela poderá aceitar seus atributos femininos a partir da identificação com os aspectos positivos de sua mãe, superando o medo de ter o corpo destruído ou esvaziado (Knobel, 1970/1981).

Mas, se tiver ocorrido a situação inversa, ou seja, se os papéis das figuras parentais não tiverem sido bem definidos e estáveis, pode acontecer uma desvalorização radical desses modelos por parte do adolescente que, forçosamente, terá de buscar outros modelos identificatórios mais sólidos, de maneira compensatória ou idealizada. Por exemplo, nessa fase é muito comum a identificação dos jovens com vários ícones artísticos que servem de substitutos paternos. Segundo Knobel (1970/1981), “as identificações se fazem, então, com substitutos parentais nos quais se podem projetar cargas libidinosas, especialmente em seus aspectos idealizados, o que permite a negação da fantasia edípica subjacente” (p. 57). Quer dizer, o adolescente sai em busca de figuras substitutivas para se vincular em razão do imperativo que o faz negar as fantasias genitais e a possibilidade de concretizar a situação edípica com o par parental.

Em todos os casos, no entanto, na tentativa de solucionar a angústia vivida pelo eu “na sua busca de identificações positivas e do confronto com o fenômeno da morte definitiva de uma parte do seu eu corporal” (p. 40), conforme demarca Knobel (1970/1981), os jovens muitas vezes buscam escolhas idealizadas para a realização de identificações projetivas, pois

necessitam de suportes externos que, de alguma forma, possam dar garantia de continuidade da existência de si mesmos e de seus pais infantis.

Prosseguindo com as ideias desse autor, o triângulo edípico estabelecido durante a fase genital prévia é reativado de maneira mais intensa na adolescência por causa da realidade factível que a genitalidade impõe ao indivíduo. Não devemos nos esquecer que a vida do sujeito é marcada por duas grandes assinaturas pulsionais: o primeiro é assumido na fase edípica, promovendo a inserção da criança na estrutura familiar estável através da apropriação de modelos identificatórios com os objetos primários e, o segundo, na puberdade, com a busca por novos objetos amorosos (Hornstein, 2008).

## **1.2. O trabalho de idealização/desidealização dos pais**

Sabemos o quanto a idealização dos pais assume um importante papel na formação das instâncias ideais do sujeito, e também reconhecemos o esforço da função elaborativa de cada adolescente para realizar o árduo trabalho de desidealização das figuras parentais e de reconstrução identificatória. Nesse sentido, podemos encontrar no breve artigo freudiano “Romances familiares” (1909[1908]/1996i) uma descrição das fantasias sobre os pais idealizados na criança e as dificuldades para a libertação de sua autoridade. Partindo da enorme admiração sentida pelos pais vistos como detentores de todo o saber e referência de autoridade única para a criança, Freud descreve o intenso desejo da criança pequena em ser grande como seus pais. No entanto, reconhece que quando ela se desenvolve intelectualmente, começa a entender a classe a que seus pais pertencem e, a partir do seu relacionamento social com as famílias de outras crianças, passa a conhecer outros pais e a compará-los com os seus. Então, quando se sente descontente em alguma situação vivida, passa a questionar as qualidades únicas e admiráveis antes concedidas a eles, e começa a criticá-los e hostilizá-los, entendendo que existem outros pais melhores que os seus em determinados aspectos. Esses comportamentos hostis aparecem tipicamente nos conflitos edípicos, sendo mais comum que o menino tenha atitudes contrárias frente ao seu pai, desejando libertar-se dele. Neste momento percebemos a primeira tentativa de afastamento da autoridade. A criança cria fantasias, um romance familiar em que possui pais mais ricos, irmãos bastardos, mas onde ela ainda possui um lugar privilegiado na família. Apesar de parecer mal intencionada e ingrata a ponto de desejar ter uma família “melhor” do que a que tem realmente, esse cenário é apenas

um disfarce, pois ainda conserva a primitiva afeição da criança por seus pais. Segundo Freud (1909[1908]/1996i):

Todo esse esforço para substituir o pai verdadeiro por um que lhe é superior nada mais é do que a expressão da saudade que a criança tem dos dias felizes do passado, quando o pai lhe parecia o mais nobre e o mais forte dos homens, e a mãe a mais linda e amável das mulheres. (...) Assim volta a manifestar-se nessas fantasias a supervalorização que caracteriza os primeiros anos da criança (p. 222).

Durante a elaboração da noção de narcisismo e suas considerações sobre o ideal do Eu, Freud (1914/2010a) é levado a conceitualizar a idealização como “um processo envolvendo o objeto, mediante o qual este é aumentado e psiquicamente elevado sem que haja transformação de sua natureza” (p. 40). Encontramos breves informações sobre o processo de idealização em Freud, pois parece que ele se ateve mais ao desenvolvimento da noção de ideal do eu, deixando aos psicanalistas póstumos a tarefa de explorar melhor o mecanismo da idealização. Portanto, saímos em busca de contribuições complementares e encontramos em Laplanche e Pontalis (2001) o acréscimo de que, na idealização, as qualidades e o valor do objeto são levados à perfeição, sendo a identificação com o objeto idealizado um fator essencial para a concepção e enriquecimento das instâncias ideais do sujeito<sup>5</sup>.

Buscamos também algumas contribuições em Klein. No “Dicionário do pensamento kleiniano” (1992), nos deparamos com o fato de que muitos psicanalistas clássicos descreveram o mecanismo da idealização e outros mecanismos de defesa, porém, Melanie Klein foi quem ofereceu-lhe um significado peculiar ao defender sua presença nas fases iniciais do desenvolvimento humano. Para ela, a idealização é um tipo de defesa maníaca do eu arcaico contra a persecutoriedade que se instala no bebê na posição esquizo-paranoide. “A idealização é uma fuga aos horrendos e persecutórios círculos viciosos nas relações com objetos “maus” hostis e, portanto, uma defesa contra o surgimento do conflito pulsional primário” (Hinshelwood, 1992, pp. 383-384). A idealização exalta a perfeição do “objeto bom” para que este possa fazer frente à virulência dos “objetos maus”. No entanto, se por um lado, a idealização eleva o objeto bom à perfeição, impedindo assim a agressão contra esse mesmo objeto, por outro lado, também pode fazer com que a referida perfeição leve à aparição de novos mecanismos de defesa. Conforme descreve Klein (1946/1991):

A idealização está ligada à cisão do objeto, pois os aspectos bons do seio são exagerados como uma salvaguarda contra o medo do seio perseguidor. Embora a idealização seja, assim, o corolário do medo

---

<sup>5</sup> Baranger (1981) nos apresenta uma conceitualização mais específica ao conferir à idealização o fato de “atribuir ao objeto exterior ou interior perfeições que não possui ou levar ao extremo suas qualidades *reais*” (p. 140).

persecutório, ela origina-se também do poder dos desejos pulsionais que aspiram a uma gratificação ilimitada e criam então a imagem de um seio inexaurível e sempre generoso – um seio ideal (p. 26).

Mas, qual dedução poderíamos extrair dessa equação proposta por Klein, qual seja, a de que quanto maior é a persecutoriedade, maior será a necessidade de idealização? Se pensarmos em termos de funcionamento mental mais primitivo, uma consideração a ser feita é a de que aquele bebê que tiver um funcionamento psíquico regido, predominantemente, pela pulsão de morte, tenderá a realizar projeções maciças dessa pulsão, inaugurando assim o ciclo de persecutoriedade, que levará a uma maior idealização. Mas, lembremos que tal ciclo também pode ser retroalimentado pelas experiências advindas do ambiente externo. Assertiva que, sem dúvida alguma, abre algumas questões: como seria esse processo para um adolescente que tem o pai como figura idealizada e depois descobre que ele abusou sexualmente do seu próprio irmão? Teria essa verdade o poder de revigorar o ciclo de persecutoriedade típico da posição esquizo-paranóide? Perderia o pai todo o respeito de que até então foi merecedor? Haveria algum jeito de o adolescente preservar sua imagem internamente e sentir-se preparado para buscar em outras pessoas modelos satisfatórios de identificação? Todas essas questões nos parecem preocupantes, uma vez que concordamos com a ponderação de que “para que haja respeito é preciso que haja idealização ou, no mínimo, consideração pelos predicados sociais e morais daqueles que nos são oferecidos como modelos de vida aos quais devemos respeito” (Costa, 2006, p. 21). Antes de passarmos ao levantamento dos efeitos traumáticos que a verdade sobre a pedofilia de um pai pode desencadear, o que faremos no segundo capítulo desse trabalho, façamos algumas considerações sobre o processo de desidealização dos pais na adolescência.

Para Vega (2009), o desapego da autoridade dos pais talvez seja o luto mais doloroso que o adolescente tem que enfrentar por causa do sentimento de desamparo e sensação de abandono produzido, além do grande desconforto interno gerado no jovem, uma vez que a figura dos pais é vista como autoridade máxima durante muito tempo pela criança. Mas, apesar desse luto ser um dos mais dolorosos, é um dos mais importantes para o crescimento e desenvolvimento pessoal.

Na puberdade fica mais clara uma percepção que na infância se dava de maneira descontínua, a de que os adultos não são reis e somente são capazes de amparar em escassa medida. Ao aproximar-se do mundo adulto, o adolescente vai descobrir que os adultos não são como pensava – não detêm todo o conhecimento e não podem tudo – e seus pais também fazem parte desse grupo, para aumentar a decepção. A partir dessa realidade, Rodolfo (2008)

explora a ideia de que o adolescente começa a perder os laços fusionais que foram construídos com seus pais e mantidos durante vários anos. Entretanto, como lhe custa muito sentir-se desamparado por aqueles que pensava ser capazes de prover todo o necessário para protegê-lo das injustiças e falta de garantias presentes na humanidade, o adolescente é invadido por angústia e raiva, o que faz com que ele saia em busca de amparo no mundo externo, o que fará através da inserção social em grupos de pessoas com as quais se identifique. Assim, mesmo criando laços de amizade com outros adolescentes, a intimidade que se cria não tem a mesma intensidade e significado dos laços com os pais, o que pode abrir espaço para a aparição de desintegrações afetivas, como a dissociação e a indiferença afetiva. Diante dessa realidade, vejamos como as instâncias ideais se organizam e se reordenam no adolescente.

### **1.3. O reordenamento das instâncias ideais**

Para alcançar uma compreensão dos processos de reestruturação do Eu e seus ideais no adolescente, faremos uma breve revisão das contribuições de Freud sobre a formação dessas instâncias no sujeito, antes mesmo da chegada à etapa da adolescência. Esperamos que ao percorrer esse caminho, que vai da onipotência abarcada pelo Eu ao seu desdobramento em outras instâncias psíquicas (nas formulações freudianas posteriores), possamos compreender os processos de reestruturação das instâncias ideais no adolescente.

Não é fácil delimitar um sentido único da expressão “Ideal do eu” na obra de Freud. A construção desse conceito dentro do seu percurso teórico foi sendo desenvolvida gradativamente, enquanto Freud se aproximava da elaboração da noção do supereu e da segunda teoria do aparelho psíquico. Somente em 1923, no texto “O eu e o id” (1923), os dois conceitos aparecem como sinônimos pela primeira vez. Acompanharemos essas transformações buscando nos textos chaves o caminho traçado pelo autor para chegar às noções do Eu, Eu ideal, ideal do Eu e supereu.

Encontramos as primeiras construções de Freud acerca do Eu no artigo “Um projeto para uma Psicologia Científica” (1950[1895]/1996c), no qual apresenta a ideia inicial da composição do aparelho psíquico em que o Eu é constituído por uma experiência primária de satisfação, onde se concentram a totalidade de investimentos prazerosos e desprazerosos, somados à ilusão de onipotência do indivíduo que provocará o movimento incessante para

resgatar o objeto fonte de prazer, o qual não será recuperado de modo algum, nem mesmo pela experiência alucinatória do objeto.

No texto “Introdução ao Narcisismo” (1914/2010a), Freud continua desenvolvendo sua formulação sobre a libido e o Eu em que defende esse último como uma instância que deve ser desenvolvida no indivíduo, não algo que existe desde o começo da vida, sendo “a libido retirada do mundo externo dirigida ao Eu, de modo a surgir uma conduta que podemos chamar de narcisismo” (p. 16). Neste momento, o narcisismo é visto como forma de investimento pulsional necessário à vida. Lembramos que, anteriormente, com o autoerotismo, estágio inicial da libido, a energia estava dirigida às zonas erógenas e às pulsões parciais sexuais distribuídas pelo corpo, sem que existisse uma unidade das pulsões. Com a formulação do narcisismo primário, as pulsões se convergem em direção a um investimento libidinal do Eu, diferente do movimento que acontece no narcisismo secundário, cuja libido investida nos objetos é que retornará para o Eu.

As forças pulsionais, segundo Freud (1914/2010a), sofrem recalque quando entram em conflito com as normas morais e culturais do indivíduo se este institui um *ideal* dentro de si que servirá de comparativo com seu Eu atual - “Para o Eu, a formação do ideal seria a condição para o recalque” (p. 40). O narcisismo primário aparece deslocado ao novo Eu ideal que possui características semelhantes à perfeição narcísica infantil. Como o indivíduo não quer renunciar a satisfação plena e onipotente experimentada na infância, ele busca recuperá-la de alguma forma, sendo a via da formação de um novo ideal do Eu uma saída possível: “o que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal” (p. 40). A formação de um ideal eleva as exigências do Eu, favorecendo a ação do recalque e o mecanismo de regulação do Eu atual, cuja satisfação narcísica pode ser medida constantemente pela comparação entre este último e o ideal, tarefa exercida pela instância denominada inicialmente por Freud de “consciência moral”, instância de censura que parte da crítica dos pais, educadores e opiniões públicas de outras pessoas para formar o Ideal do Eu. O deslocamento da libido para o Ideal do Eu e a satisfação conseguida por meio da realização desse ideal irá promover o desenvolvimento do Eu no indivíduo, ao mesmo tempo em que percebemos uma oscilação do Eu entre uma maneira de empobrecimento, a partir de altos investimentos feitos no Ideal do Eu, e outra forma de enriquecimento, mediante a conquista das satisfações ligadas aos objetos e ao cumprimento do ideal.

Freud encerra seu artigo de 1914 destacando que o Ideal do Eu, além de possuir caráter individual, possui também um lado social, por representar “o ideal comum de uma família, uma classe, uma nação” (p. 50), abrindo portas para o entendimento da psicologia das massas e da substituição dos pais da infância pela figura dos companheiros, amigos e ídolos no período da adolescência.

Nas “Conferências introdutórias sobre psicanálise” (1917/2014a), Freud converte o significado do Ideal do Eu em uma instância do Eu que exercerá a função de censura antes realizada pela “consciência moral”, a qual possibilitava uma avaliação do Eu com relação ao seu ideal. Nesse texto Freud postula que O Ideal do Eu também irá participar da formação dos sonhos, exercendo sobre eles a função de censura.

Vemos uma mudança significativa no texto “Psicologia das massas e análise do eu” (1921/2011a), em que Freud clarifica o limite entre o Eu e o Ideal do Eu e este último assume um lugar no primeiro plano, como instância diferenciada do Eu inclusive capaz de se envolver em conflitos com ele. Ao analisar a introjeção do objeto diante da perda real ou emocional de um objeto amado nos casos de melancolia, Freud nos mostra que o Eu aparece dividido em duas partes, sendo que uma delas vocifera com a outra parte que contém o objeto perdido. A primeira parte abrange a consciência (instância crítica do Eu) e possui uma atitude cruel com relação à segunda parte. O Ideal do Eu cumpriria a função da instância crítica que entra em conflito com o Eu e a ele caberia exercer as funções de auto-observação, consciência moral e censura dos sonhos, além de exercer influência no recalque (Freud, 1921/2011a). Dessa forma, essa instância:

É a herdeira do narcisismo original, em que o Eu infantil bastava a si mesmo. Gradualmente ela acolhe, das influências do meio ambiente, as exigências que este coloca ao Eu, as quais o Eu nem sempre é capaz de cumprir, de modo que o indivíduo, quando não pode estar satisfeito com seu próprio Eu, poderia encontrar satisfação no ideal do Eu que se diferenciou do Eu (p. 68).

Freud defende ainda a existência de uma sensação de triunfo quando algo no Eu coincide com o Ideal do Eu – “também o sentimento de culpa (bem como o de inferioridade) pode ser entendido como uma expressão da tensão entre Eu e ideal” (Freud, 1921/2011a, p. 96). Também nos casos da fascinação amorosa, hipnose, formação grupal e neurose o sujeito instala o objeto de amor no lugar do ideal do eu, colocando-o na base do principal eixo de constituição do coletivo como fenômeno e na constituição do grupo humano, ao convergir vários ideais individuais em um ideal coletivo (Laplanche & Pontalis, 2001).

Um apontamento importante sobre o Ideal do Eu é notado por Florence (1994) em seu livro “As identificações”, quando nos lembra de que o ideal do eu “é inicialmente *o efeito da primeira e mais importante identificação do indivíduo*: a identificação com o pai da pré-história pessoal; ela é direta, imediata, mais precoce que todo investimento objetal” (p. 140, itálicos da autora). Posteriormente, Freud seguirá com sua teorização em busca da definição de uma nova instância, o supereu, descrevendo-a dois anos depois, no texto “O Eu e o Id” (1923/2011b), no qual promove a destituição do lugar conceitual do Ideal do Eu, ao atribuir suas características à instância superegóica. Nesse texto, Freud retorna à ideia de que por trás do Ideal do Eu encontramos a primeira e mais importante identificação do indivíduo, aquela feita com os pais. Ao mencionar o Ideal do Eu como gradação do Eu, Freud o coloca pela primeira vez como sinônimo do Supereu; uma só instância exatamente formada por identificação com a mãe e o pai, ao final do Complexo de Édipo:

O resultado mais comum da fase sexual denominada complexo de Édipo é um precipitado no Eu, consistindo no estabelecimento dessas duas identificações, de algum modo ajustadas uma à outra. Essa alteração do Eu conserva a sua posição especial, surgindo ante o conteúdo restante do Eu como ideal do Eu ou Supereu. (p. 42)

Freud (1923/2011b) apresenta então a dupla função do ideal do Eu ao demonstrar que a relação do supereu com o Eu abarca duas advertências, contrárias e complementares entre si, no desfecho do complexo de Édipo: “Assim (como o pai) você *deve* ser. Assim (como o pai) você *não pode* ser, isto é, não pode fazer tudo o que ele faz; há coisas que continuam reservadas a ele” (pp. 42-43). Dessa forma, o supereu recebe o lugar de herdeiro do complexo de Édipo e representante tanto da função de interdição como de ideal, lembrando que a instância superegóica também irá controlar grande parte do gozo do Id. Freud (1923/2011b) oferece ainda outras características ao Ideal do Eu, como a presença dos laços com a herança arcaica do indivíduo e a detenção dos valores mais profundos do ser humano.

A trigésima primeira conferência de Freud, intitulada “A dissecação da personalidade psíquica” (1932/19961), traz a consumação do supereu como instância independente existente no Eu que exerce função de auto-observação, consciência moral e Ideal do Eu. O supereu como herdeiro do complexo de Édipo é um exemplo da identificação com a instância parental, ao assumir seu lugar e assimilar as funções de observar, dirigir e promover ameaças ao Eu, com os mesmos aspectos de rigidez e severidade que os pais agiam com a criança. Mesmo que a criança tenha tido uma educação branda e mais afetuosa, Freud (1932/19961) constatou que o supereu pode adquirir essas mesmas características de severidade e rigor. A instância superegóica também funciona como veículo do Ideal do eu, pelo qual o eu se avalia e se

esforça para tentar alcançar uma perfeição sempre maior. “Não há dúvida de que esse ideal do eu é o precipitado da antiga imagem dos pais, a expressão de admiração pela perfeição que a criança então lhes atribuía” (Freud, 1932/1996l, p. 70). Porém, o supereu da criança não é construído segundo o modelo de seus pais, mas do supereu deles, o qual se torna veículo da transmissão da tradição e dos julgamentos de valores passados de geração em geração. Nas palavras de Florence (1994):

O supereu, como instância exigindo seu gozo, surge assim como uma figura temível e fascinante, fonte permanente da reativação do masoquismo primordial e de todas as suas consequências, aterradoras e escandalosas: recusa a se curar, reação terapêutica negativa, inércia e gosto pela morte. Ele é o lugar da cultura, da pulsão de morte. (p. 141)

No período em que o complexo de Édipo dá lugar ao supereu, os pais são vistos como figuras extremamente admiráveis. No entanto, no decorrer do desenvolvimento do indivíduo, o supereu vai se afastando cada vez mais das figuras parentais, tornando-se mais impessoal, uma vez que também assumirá as influências de outros modelos ideais, como os professores, educadores e ídolos, que gradativamente substituirão o lugar de perfeição e ideal, antes destinado somente aos pais.

Segundo Laplanche e Pontalis (2001), a literatura psicanalítica evidencia que o termo Supereu não anulou o termo Ideal do eu. Embora Freud tenha substituído o ideal do eu pelo supereu em suas construções teóricas, muitos autores não utilizam um pelo outro e traçam diferenças entre as duas instâncias, apesar de não descartarem a aproximação que há entre os dois conceitos. Para o psicanalista Nunberg, por exemplo, há uma separação entre as duas instâncias defendendo que o Eu obedece o Supereu para não ser castigado, e submete-se ao Ideal do eu por amor. Outros autores relacionam o supereu à autoridade e o ideal do Eu à maneira como o sujeito deve portar-se para cumprir a expectativa da autoridade. Neste trabalho, privilegiaremos a separação funcional dessas duas instâncias, já que entendemos que durante a adolescência é possível diferenciar a reconfiguração do supereu, da reestruturação do Eu ideal e do ideal do Eu. Afinal, como destaca Hornstein (2008), por mais que na trajetória adolescente esteja presente sentimentos de dúvida, medos, inseguranças, sofrimentos, predomina, sobretudo, a capacidade de transformação do sujeito. “Uma encruzilhada de fragilidades e potencialidades que questiona a identidade e as mudanças,

coloca em jogo a organização psíquica ao renovar os conflitos, em primeiro lugar entre o Eu e o Ideal do Eu”<sup>6</sup> (p. 118).

Pensando nos trabalhos de reorganização das instâncias mentais típicos do período adolescente, veremos agora as valiosas contribuições sobre as transformações psíquicas, somáticas e sociais vividas no período da adolescência, feitas por um médico e psicanalista contemporâneo argentino, Luis Kancyper, registradas em seu livro “Adolescencia: el fin de la ingenuidad” (2007). Ele destaca a importância do trabalho de reordenamento das identificações na etapa da adolescência para que o jovem possa ser capaz de construir seu próprio projeto, sexual e vocacional, a partir do seu desejo, já que essas identificações foram impostas antes pelos adultos e herdadas pelo adolescente.

Partindo da contingência de que durante a etapa da adolescência, o jovem tem de assistir, passivamente, às mudanças físicas e hormonais no seu corpo (além de ter que lidar com as forças pulsionais e demandas sociais que surgem em sua vida), a reestruturação do Eu no adolescente terá de passar primeiro pela reconstrução da sua imagem corporal, não somente no que se refere às mudanças anatômicas, mas também às novas representações que as mudanças corporais promovem em si mesmo. Segundo Kancyper (2007), as inscrições anteriores que não alcançaram uma inscrição simbólica vão cobrar na adolescência um efeito a posteriori sendo que “as novas imagens provenientes das mudanças do corpo do adolescente abalam o patrimônio das autoimagens anteriores, as quais, nesta nova etapa de maturação orgânica, adquirem um novo tipo de significações”<sup>7</sup> (p. 32).

Outro ponto que devemos considerar para a reorganização do Eu e ideal do Eu no adolescente é a carga histórica que carrega e o lugar que ocupa como filho no imaginário dos pais desde antes de nascer. Kancyper (2007) faz a seguinte colocação:

O representante narcisista primário operará durante toda a vida como a referência constante a partir da qual o adolescente necessitará efetuar um trabalho diário de reelaboração para conquistar sua condição subjetiva de um ser vivo com existência própria<sup>8</sup> (p. 30).

---

<sup>6</sup> “Una encrucijada de fragilidades y de potencialidades que cuestiona la identidad y el devenir, pone en juego la organización psíquica al renovarse los conflictos, en primer lugar entre el yo y el ideal del yo.”

<sup>7</sup> “Las nuevas imágenes provenientes de los cambios del cuerpo del adolescente conmueven al patrimonio de las autoimágenes anteriores, las cuales, en esta nueva etapa de maduración orgánica, adquieren un nuevo tipo de significaciones.”

<sup>8</sup> “El representante narcisista primario operará durante toda la vida como la referencia constante a partir de la cual el adolescente necesitará efectuar un trabajo de reelaboración diario para conquistar su condición subjetiva de un ser vivo con existencia propia.”

Durante toda sua vida terá que realizar esse trabalho, entretanto, durante a adolescência, esse exercício se torna ainda mais importante, uma vez que, nessa etapa, o adolescente terá que enfrentar várias batalhas ao mesmo tempo, com a máxima interrogação sobre quem é, sobre seu sentimento de si e sua possibilidade de ser, como nos aponta Kancyper (2007). Nas palavras do autor, para que o Eu comece a nascer de novo no adolescente é necessário cumprir a condição de matar a representação da “criança-rei” que já estava inscrita nele desde seu nascimento.

A ameaça de perda da dependência infantil frente a seus pais causa instabilidade aos sistemas narcísicos do adolescente, como seu Eu ideal, pois ele possui uma representação na fantasmática individual de cada um e também do casal – “o que cada um é, o que cada um foi, o que cada um queria ser e, privilegiadamente, a pessoa que foi uma parte de si-mesmo-próprio”<sup>9</sup> (p. 35), como explica Kancyper (2007). Por isso, continua o autor, a reestruturação do Eu Ideal pode ser vivida de forma dramática diante do embate entre os sentidos que podem reabrir, a posteriori, as feridas narcísicas não solucionadas em ambas as partes especulares. O movimento de afastamento dessas representações em busca da independência coloca em risco o sentimento de sustentação e a estabilidade da estrutura narcísica que foram mantidos no adolescente por muito tempo tanto pela imagem dos pais salvadores e perfeitos para o filho como a imagem do filho idealizado e messiânico para os pais, os quais também temem a perda do filho que não é mais criança.

Seguindo as ideias de Kancyper (2007), a vontade que predomina no adolescente de “deixar de ser através dos pais e irmãos” para alcançar o sentimento de si mesmo postula o abandono da imagem parental idealizada, para que ele possa sair em busca de novas figuras ideais que pareçam mais adequadas à realidade atual.

A adolescência também é marcada pelo movimento pulsional em que se reatualizam os desejos pré-edípicos e edípicos estabelecendo uma modificação das funções desempenhadas pelo supereu que, anteriormente, no período da latência, exercia a função de proibidor e castigador da atividade sexual, e agora passará a cumprir uma dupla função: “impor novamente o tabu do incesto e, ao mesmo tempo, permitir a sexualidade exogâmica” (Kancyper, 2007, p. 32).

---

<sup>9</sup> “Lo que uno mismo es, lo que uno mismo fue, lo que uno querría ser y, privilegiadamente, la persona que fue una parte del sí-mismo-proprio.”

Outra mudança nessa etapa está relacionada à responsabilização dos próprios comportamentos pelo adolescente. Quando criança, sua conduta era regida pela responsabilidade dos seus pais ou responsáveis, pelo supereu deles, e agia de maneira a não ser castigado ou para evitar correr o risco de perder o amor dos pais, enquanto na adolescência o jovem começa a entender que suas atitudes têm consequências e ele é quem deve se responsabilizar pelos seus atos, sendo dependente do seu próprio supereu como regulador de suas ações. Para alcançar a independência dos pais e irmãos e garantir uma maior diferenciação, “seu Supereu necessita desprender-se das primeiras relações de objeto, suavizando as imagens parentais proibidoras e reconciliando-as com outras, de pais mais reais, sexualmente ativos, permissivos, que confirmem sua identidade sexual”<sup>10</sup> (Kancyper, 2007, p. 33).

Seguindo com as contribuições do autor, ele ressalta que vários psicanalistas vêm a “desestruturação temporária do Supereu” na adolescência como consequência do medo que o eu sente de que o Supereu seja um objeto incestuoso e, portanto, uma ameaça, sendo necessário afastar-se não somente dele como também abrir mão dos antigos laços incestuosos com os pais, o que também significa perder parcialmente um objeto amoroso. Contudo, o adolescente também precisa abnegar-se das ordens éticas e ideais correspondentes ao Ideal do Eu e que se encontram muito ligadas ao objeto incestuoso, para que possa fazer uma revisão dos padrões pré-estabelecidos e formar suas próprias opiniões e ideais de si mesmo levando-o à construção progressiva da sua própria visão de mundo. Assim, “o que fica mais claro para o adolescente é que necessita afastar-se daquilo que até o momento constituiu a sua fonte de segurança: as identificações parentais e seu Ideal do Eu”<sup>11</sup> (Kancyper, 2007, p. 34).

Kancyper (2007) utiliza de maneira perspicaz o termo *ingenuidade* para representar àquele que nasceu em um lugar do qual não se move por que lhe falta experiência e ferramentas para sair daí. Ele refere-se ao que é “primitivo, dado, herdado e não questionado” (p. 13) no sujeito inocente incapaz de sair desse lugar porque não sabe como fazê-lo. A ingenuidade dá nome ao lugar estabilizado das identificações alienantes conferidas à criança desde pequena pelos adultos, além de também remeter ao período da inocência da sexualidade infantil. Dessa forma, a etapa da adolescência seria o período propício para que essa

---

<sup>10</sup> “Su superyó necesita desprenderse de las primeras relaciones de objeto, suavizando las imágenes parentales prohibidoras y reconciliándolas con otras, de padres más reales, sexualmente activos, permisivos, que lo confirmen en su identidad sexual.”

<sup>11</sup> “Lo más claro que resulta para el adolescente es que necesita alejarse de aquello que hasta ese momento constituyó su fuente de seguridad: sus identificaciones parentales y su ideal del yo.”

ingenuidade seja sacrificada, pois, segundo o autor, é nessa etapa da vida que as identificações podem ser desveladas e processadas

Para que o adolescente possa conquistar um conhecimento, um inédito reordenamento do herdado, e assim dar a luz a um projeto desiderativo próprio, sexual e vocacional. Projeto que, alcançado, estruturará e orientará sua identidade, e que, ao ser assumido com responsabilidade por ele, colocará fim a sua posição anterior: a de uma ingênua vítima passiva da infância.<sup>12</sup> (p. 13)

Por isso é necessário que aconteça um processo de reorganização das identificações<sup>13</sup> durante a adolescência. Segundo Kancyper (2007), esse processo será a condição de liberdade frente à identificação que aliena o psiquismo e impede que o desejo de ser circule livremente. Assim, o adolescente poderá ter a chance de construir seu próprio futuro. Alguns laços afetivos deverão ser desfeitos, deixando espaço para a construção de novos laços, “reabrindo o acesso à configuração de novas identificações, em uma reestruturada dimensão afetiva, espacial e temporal”<sup>14</sup> (p. 37). Uma das maneiras pela qual o adolescente tentará buscar identificações é através da convivência em grupo, conforme marca Paladino (2005), “permitindo uma experimentação interacional como uma atitude de rompimento das dependências infantis” (p. 66). Este movimento representa também a busca pela unidade como algo que lhe proporcione segurança e estima pessoal, um processo de “superidentificação em massa, onde todos se identificam com cada um” (Knobel, 1970/1981, p. 36). Dessa forma, o jovem sente que não pode se separar da turma de amigos e adere às regras de condutas, vestimentas e costumes para manter seu sentimento de segurança.

O trabalho de reordenamento identificatório é mais complexo do que parece e irá contar com outros processos que servirão de aliados. O processo de historização é um deles, conforme ressalta Kancyper (2007), pois a partir dele é possível “reordenar a relação que o sujeito estabeleceu com as identificações alienantes dos sistemas narcisistas parentais”<sup>15</sup> (p. 39) internalizados que detém um movimento narcisista de “apropriação-intrusão” que acaba forçando o indivíduo a uma adaptação alienante quando se vê obrigado a identificar-se inconscientemente com a história dos seus pais. Isso impede que haja espaço psíquico para

---

<sup>12</sup> “para que el adolescente alcance a conquistar un conocimiento, un inédito reordenamiento de lo heredado, y así dar a luz un proyecto desiderativo propio, sexual y vocacional. Proyecto que, logrado, estructurará y orientará su identidad, y que, al ser asumido con responsabilidad por él, pondrá fin a su anterior posición: la de una ingenua víctima pasiva de la niñez.”

<sup>13</sup> Luis Kancyper prefere o termo “reordenamento” das identificações ao termo “desidentificação”, pois este último lhe parece mágico (comunicação pessoal, 03 de setembro de 2015).

<sup>14</sup> “Lo cual reabre el acceso a la configuración de nuevas identificaciones, en una reestructurada dimensión afectiva, espacial y temporal.”

<sup>15</sup> “Reordenar la relación que el sujeto ha establecido con las identificaciones alienantes de los sistemas narcisistas parentales.”

que o jovem desenvolva sua identidade em liberdade e ele precisa de um espaço discriminado, sem a intromissão e o empoderamento dos outros para que alcance sua independência.

A historização está intrinsicamente ligada ao processo de ressignificação (*a posteriori*), lembrando que esse conceito foi introduzido por Freud em 1896, no artigo “A hereditariedade e a etiologia das neuroses”. De acordo com Roudinesco (1944/1998):

Para designar um processo de reorganização ou reinscrição pela qual os acontecimentos traumáticos adquirem significação para o sujeito apenas num *a posteriori*, ou seja, num contexto histórico e subjetivo posterior, que lhes confere uma nova significação (p. 32).

Segundo Kancyper (2007), “a ressignificação do traumático acontece durante todas as etapas da vida – porque o trauma tem sua memória e a conserva –, mas explode fundamentalmente durante a adolescência”<sup>16</sup> (p. 19). Nessa etapa, as cenas traumáticas relacionadas às vivências com os progenitores e irmãos que se encontram suprimidas e não significadas na história do sujeito vem à tona, contribuindo para o aumento das tensões durante esse período. Daí a importância da ressignificação daquilo que não pôde ser significado nas etapas anteriores e de se construir uma nova compreensão do significado dos eventos traumáticos, para que o adolescente possa alcançar o reordenamento das identificações e a confirmação de sua identidade, como revela o autor<sup>17</sup>.

Diante desse cenário, o adolescente também terá que passar pela experiência de confrontação generacional com seus pais e irmãos para desfazer-se de aspectos alienantes de algumas identificações. Esse movimento colocará em risco o vínculo entre depositante e depositário e a organização narcísica de cada um e pode vir acompanhado de “intensos sintomas de angústia de despersonalização ou desrealização por ambas as partes do vínculo”<sup>18</sup> (p. 19). As fantasias de morte também podem ser ativadas durante a atitude de confrontação como reação à mortificação de algumas instalações narcísicas e queda das imagens idealizadas, como a figura dos pais.

Para Kancyper (2007), quando todos esses trabalhos são possíveis de acontecer, o adolescente tem a oportunidade de reescrever sua própria história a partir do seu passado misterioso que veio à tona e que agora passa a ser integrado e reordenado na sua realidade psíquica. Portanto, a análise dos aspectos metapsicológicos vivenciados pelo jovem durante a puberdade e a adolescência depende da estreita relação das dificuldades atuais com as

<sup>16</sup> “La resignificación de lo traumático acontece durante todas las etapas de la vida – porque el trauma tiene su memoria y la conserva –, pero estalla fundamentalmente durante la adolescencia.”

<sup>17</sup> Aprofundaremos a articulação entre o conceito de *a posteriori* e a noção de trauma no Capítulo 2.

<sup>18</sup> “Intensos síntomas y angustias de despersonalización o desrealización por ambas partes del vínculo.”

problemáticas enfrentadas anteriormente, durante a infância e o período de latência. Assim, diante dos desafios que o adolescente terá de enfrentar, alguns deles podem ser considerados novas batalhas, outros, resquícios de antigos combates.

Vemos ainda que a ambivalência e a intensidade das emoções que transitam na etapa da adolescência – “onipotência-impotência, certeza-incerteza, fortaleza-debilidade, plenitude-vazio, reconhecimento-desconhecimento, soberba-inocência, ternura-ódio”<sup>19</sup> (Merea, 2008, p. 172) – vão cedendo na medida em que o jovem alcança a consolidação da sua identidade e o reconhecimento de si mesmo, quando já se aproxima da conclusão da adolescência.

Diante do grande furacão adolescente e da grande demanda psíquica nessa etapa para a realização dos trabalhos de luto, a reorganização das instâncias ideais e do eu, além do reordenamento identificatório, lidaremos com mais um aspecto traumático que invadirá o psiquismo como algo insuportável: a figura de um pai abusador.

---

<sup>19</sup> “Omnipotencia-impotencia, certeza-incertidumbre, fortaleza-debilidad, plenitud-vacío, reconocimiento-desconocimiento, soberbia-inocencia, ternura-odio.”

## CAPÍTULO 2: UMA SOBRECARGA A MAIS: UM PAI PEDÓFILO

Mas sabemos que “o incesto, embora proibido pela lei e pelos costumes, existe, sendo mesmo, sem dúvida, muito mais frequente do que levaria a supor a convenção coletiva de silêncio. Explicar a universalidade teórica da regra pela universalidade do sentimento ou da tendência é abrir um novo problema, porque o fato admitido como universal não é tal de modo algum”.

(Claude Lévi-Strauss)

Vimos no primeiro capítulo como o jovem é impactado pelos lutos e pelos processos de reordenamento das instâncias ideais que ele deve enfrentar, para viver a etapa adolescente de maneira satisfatória. Como se não bastasse, as mudanças corporais e psíquicas lhe cobrarão uma nova identidade e um novo lugar na sociedade, sendo obrigado a dispendir uma grande quantidade de energia psíquica para organizar seu mundo interno e ser capaz de enfrentar os desafios, trilhando o caminho que o aproxima do mundo adulto.

Pensando nesse contexto de intensas mudanças, em que praticamente toda a energia está sendo usada nesse processo, o que seria de um adolescente que tivesse de lidar com mais um impacto, este ainda mais inesperado: a descoberta de que seu pai é abusador? E mais, ele não é somente abusador, a pessoa de quem ele abusou é sua irmã? Mas, e o tabu do incesto, como fica? A lei de caráter universal cai por terra e bem no terreno daquele jovem, que já não está passando por um momento nada fácil. Esse choque seria traumático? E os processos de idealização e desidealização, que descrevemos no capítulo anterior, fundamentais para a identificação com o pai e a internalização da lei paterna, como ficam? Muitas perguntas vêm à nossa cabeça, e é com o intuito de ao menos destrinchar algumas dessas questões que objetivamos, neste capítulo, estudar como surgiu o tabu do incesto dentro das famílias (clãs) e qual o significado da sua proibição para a manutenção da ordem entre os seus membros. Além disso, veremos o desenvolvimento da noção de trauma em Freud e a contribuição de outros autores, como Sándor Ferenczi e Masud Khan, e como seria o funcionamento dos processos traumáticos nesses jovens que também chamamos de vítimas, ainda que não sejam vítimas diretas dos abusos do pai. Em seguida, buscaremos fazer uma articulação entre essas problemáticas e o processo de idealização e funcionamento do eu diante de tantas turbulências.

Considerando a escassez da temática dos estudos sobre os impactos do abuso sexual nos familiares vítimas indiretas, nos deparamos com essa constatação também no campo

cinematográfico, cujos filmes sobre a temática do abuso geralmente focam na conduta do perverso ou da vítima direta ou, ainda, na relação entre os dois. Contudo, elegemos um filme muito representativo dentro da problemática do abuso sexual intrafamiliar na tentativa de ilustrar a dinâmica intrafamiliar em que o incesto vigora, mesmo sabendo que a condição dos personagens é diferente daquela que gostaríamos, uma vez que são todos adultos. *Festen* (Festa de Família) é um filme dinamarquês lançado em 1998, dirigido pelo diretor Thomas Vinterberg. Com esse filme, ele inaugura o interessante movimento Dogma 95, sobre o qual comentaremos brevemente também neste capítulo.

## 2.1. O tabu do incesto

Para começar, resgatemos algumas construções freudianas no importante texto de sua autoria, “Totem e tabu” (1913 [1912-1913]/2012), em que ele dedica-se ao estudo das concordâncias entre a vida dos homens primitivos, o psiquismo infantil e o funcionamento dos neuróticos. Sem desvaler-nos dos diversos detalhes contidos nessa trama, focaremos na importância do tabu do incesto para a organização social entre os irmãos e o pai dentro do clã e como o pai do mito da ordem primeva tornou-se a primeira e a mais importante identificação do indivíduo, pensando em como o comprometimento desses processos poderia prejudicar os processos psíquicos do adolescente.

A palavra “tabu” é um termo polinésio que apresenta significados que se dividem em direções opostas, conforme a visão freudiana: “Por um lado quer dizer ‘santo, consagrado’; por outro, ‘inquietante, perigoso, proibido, impuro’. O contrário de ‘tabu’ em polinésio, é *noa*, ou seja, ‘habitual, acessível a todos’” [itálico do autor] (Freud, 1913 [1913-1912]/2012, p. 42). Fica claro que a ideia de tabu está relacionada a algo reservado que implica em proibições e restrições. Porém, as restrições do tabu não são as mesmas daquelas constatadas nas proibições religiosas ou morais, uma vez que não são provenientes de doutrinas de um deus nem estão incluídas num sistema de privações, respectivamente. Vejamos, então, os detalhes que permeiam a relação entre o tabu e o totemismo.

Freud dedica-se ao estudo das comparações entre a vida psíquica dos homens primitivos, o psiquismo infantil e o funcionamento dos neuróticos valendo-se das tribos aborígenes da Austrália, consideradas as tribos mais atrasadas e miseráveis pelos etnógrafos.

Avaliados como uma raça peculiar, entre eles não havia lugar para adoração de seres superiores, muito menos para instituições sociais religiosas. Sua organização social baseava-se na lei da exogamia consequente da proibição ao incesto, fundamental para a manutenção de toda a comunidade. Caracterizavam-se também pelo sistema do totemismo, em que cada tribo se dividia em partes menores (clãs) e cada uma delas era nomeada segundo um totem específico. O totem geralmente era um animal comestível, temido, uma planta ou força da natureza que possuía uma relação especial com todos os membros; era o representante e o ancestral comum do clã. O totem era transmitido hereditariamente e cada membro deveria cuidar e preservar o totem comum.

Em praticamente todas as partes em que o totem vigorava havia outra lei instituída, já mencionada anteriormente, a saber: a lei de que os *“membros do mesmo totem não podem ter relações sexuais entre si, ou seja, também não podem se casar”*, instituindo-se, assim, a proibição do incesto e a exogamia (Freud, 1913 [1913-1912]/2012, p. 21). Outra proibição estava instalada nos clãs: o canibalismo entre os membros de um mesmo totem também não era permitido. Mas por que a proibição ao incesto era tão importante para essas tribos? Freud expõe alguns motivos : a) no caso de uma transgressão à lei de proibição do incesto, não havia uma punição automática dos culpados, mas toda a tribo era envolvida na tentativa de afastar o perigo visto como ameaça a toda a comunidade, e o castigo para quem tinha relações sexuais com uma pessoa de outro clã era a morte; b) nos casos de romances passageiros que não resultavam em nascimento de filhos, a punição era aplicada com a mesma severidade; c) como o totem era hereditário, a proibição preservava a herança hereditária; d) a exogamia era importante não somente para prevenir o incesto com a mãe e irmãs, mas também porque através dela, a união sexual com todas as mulheres do próprio clã pelo homem seria impossível, já que os descendentes do mesmo totem formavam uma família com parentes sanguíneos, em que todos os graus de parentescos representavam um obstáculo à união sexual. Tais evidências demonstravam *“um grau insolitamente elevado de horror ou sensibilidade ante o incesto”* (Freud, 1913 [1913-1912]/2012, p. 25). Ora, se o incesto e o canibalismo eram vistos como causadores de prejuízos à ordem social, as leis de proibição funcionariam como barreiras em prol da manutenção dessa ordem.

O totemismo revela um aspecto social muito importante, expresso como um mandamento rigoroso e restritivo. Os membros de um clã são irmãos e irmãs e devem comprometer-se a se ajudarem e se protegerem de forma recíproca. Por exemplo, no caso de

assassinato de um dos membros do clã, todos os outros membros se solidarizam quanto à exigência da punição ao assassino e todo o clã do assassino torna-se responsável pelo ato.

Vejam como isso funcionaria em outra situação. Pensemos em uma refeição totêmica, em que todo o clã mata seu animal totêmico de forma cruel e o devora por completo. Na ocasião, todos os presentes se assemelham ao totem com suas vestimentas e gestos, enfatizando suas identidades e a dele. Todos são conscientes de que estão fazendo algo proibido, mas que se torna justificável porque nenhum deles pode se excluir do envolvimento com o assassinato e a refeição do totem. Passado o ato, o animal morto é chorado e lastimado, sendo que o lamento é um ato obrigatório, pelo medo à represália, e visto como forma de livrar-se do peso da responsabilidade pela morte. Contudo, após o luto vem o momento de alegria, festivo, um excesso permitido e estabelecido que representa a ruptura de uma proibição.

Por que as pessoas envolvidas na festa por um lado sentem-se alegres com o assassinato e por outro lado guardam o luto pelo totem? A partilha do consumo do totem entre seus membros e a absorção da sua vida sagrada, da qual o próprio totem é portador, justificaria o ânimo festivo. Para a psicanálise, o animal totêmico é o substituto do pai e através disso é possível entender a contradição entre a proibição de matá-lo e o fato de o assassinato tornar-se ocasião comemorativa em que o animal morto é também lamentado, da mesma forma que os afetos ambivalentes presentes no complexo paterno.

Freud (1913 [1913-1912]/2012) propõe, então, a junção entre a concepção psicanalítica do totem e a refeição totêmica com a hipótese darwiniana sobre a horda primeva da sociedade humana. Não haveria lugar para o início do sistema totêmico na horda primeva darwiniana. Pensemos no estado primevo, em que um pai tirânico reserva todas as mulheres para usufruto próprio e expulsa os filhos de casa quando estes estão crescidos. Esse estado não foi reconhecido em nenhuma parte. As organizações primitivas conhecidas são formadas por grupos de homens com direitos iguais, sujeitos às restrições do sistema totêmico. Freud se pergunta se seria possível que uma tenha se desenvolvido da outra? Em busca de uma resposta, nos remete à cerimônia da refeição totêmica. Um belo dia, aqueles irmãos expulsos retornam e, unidos, matam o pai, devorando-o logo em seguida, colocando fim, assim, à horda primeva:

Unidos, ousaram fazer o que não seria possível individualmente. (...) Sem dúvida, o violento pai primevo era o modelo temido e invejado de cada um dos irmãos. No ato de devorá-lo eles realizavam a identificação com ele, e cada um apropriava-se de parte de sua força. A refeição totêmica, talvez a

primeira festa da humanidade, seria a repetição e a celebração desse ato memorável e criminoso, com o qual teve início tanta coisa: as organizações sociais, as restrições morais, a religião (Freud, 1913 [1913-1912]/2012, pp. 216-217).

Podemos dizer que os irmãos rebeldes eram dominados por sentimentos ambivalentes em relação ao pai, uma vez que o temiam e o odiavam, por ser um obstáculo ao alcance do poder social e sexual, mas ao mesmo tempo, porque o amavam e o admiravam, queriam ser como ele. A morte do pai deveria representar seu fim. Contudo, o morto tornou-se mais forte ainda do que era em vida. Segundo Freud (1913 [1913-1912]/2012), os filhos

Revogaram seu ato, declarando ser proibido o assassinio do substituto do pai, o totem, e renunciaram à consequência dele, privando-se das mulheres então liberadas. Assim criaram, a partir da *consciência de culpa do filho*, os dois tabus fundamentais do totemismo, que justamente por isso tinham de concordar com os dois desejos reprimidos do complexo de Édipo [itálicos do autor] (p. 219).

Os irmãos instituem as mesmas proibições que os impulsionaram a acabar com o pai, mostrando a forte influência exercida pela figura deste último, mesmo estando morto. Desta forma, a fratria consegue manter a organização entre eles. Ainda na situação do assassinato do pai, somos levados a pensar em um fator que geraria, ao longo do tempo, um grande aumento da “ânsia pelo pai”. Pois

Os irmãos que se juntaram para liquidá-lo eram animados, individualmente, pelo desejo de tornar-se como o pai, e exprimiram tal desejo pela incorporação de partes do seu sucedâneo, na refeição totêmica. Em virtude da pressão que o bando de irmãos exercia sobre cada um deles, esse desejo tinha de ficar insatisfeito. Ninguém mais podia nem era capaz de alcançar a plenitude de poder do pai, a que todos haviam aspirado. Assim, após um longo período pôde se abrandar a irritação contra o pai, que impelira o ato, o anseio por ele pôde aumentar, e foi possível nascer um *ideal que tinha por conteúdo o ilimitado poder do pai primevo*, outrora combatido, e a disposição de a ele sujeitar-se [itálicos nossos] (Freud, 1913 [1913-1912]/2012, pp. 226).

Nasce, então, o ideal como a presença interna mais marcante do poder do pai, efeito da primeira identificação do indivíduo com o pai da horda primeva. A abordagem da identificação, conforme aponta Mendes (2011), aparece neste momento como importante elemento organizador e principal mola impulsionadora do processo civilizatório. O totemismo, com as regras de proibição do incesto e canibalismo, funciona na identificação em vários sentidos. Segundo Florence (1994), o recalçamento dessas duas proibições traz pelo menos três consequências importantes ao indivíduo: ele é a condição para que o sujeito adquira uma identidade própria e individualidade, através da sua inscrição em uma rede geracional por meio do nome; representa a possibilidade de inserção no sistema de trocas com os semelhantes (trocas linguísticas, econômicas, sexuais), garantindo a socialização; e a transformação do pai morto em totem instaura-o, retroativamente, como autor da lei e como ideal.

Assim, a identificação totêmica é uma “identificação resolutive, simbolização ativa e lúdica da ambivalência, sublimação do Édipo” (Florence, 1994, p.129), que promove a transformação da relação com o pai real, ultrapassando a rivalidade rancorosa e a colagem homossexual. Dessa forma, esse tipo de identificação opera o luto do objeto edipiano e promove a renúncia à ambivalência pulsional, ao contrário da identificação neurótica, na qual o sujeito sofre com a presença da relação incestuosa no seu inconsciente.

A partir da organização do mito da horda primitiva, Freud nos deixa contribuições valiosas com relação à constituição psíquica e à resolução do complexo de Édipo, privilegiando a instauração da lei paterna após a morte do pai:

A relação dos irmãos com o ideal (o Pai morto) os faz, cada um deles, virtualmente pai (...). Esta ligação com um mesmo ideal sustenta a identificação dos sujeitos entre si, como membros de uma comunidade que se funda sobre a lei paterna. O ideal substitui o objeto da ambivalência: essa mutação ocorre junto com o reconhecimento de que o pai está morto. É um trabalho assim que não se atinge na neurose, na qual só os sintomas anunciam, de maneira velada, a saída impossível das fixações edipianas. (Florence, 1994, p.130)

Para que cada um dos irmãos sustente o ideal representante da lei paterna internamente é indispensável que haja uma relação de respeito entre eles e o pai e que ele seja eleito um modelo a ser seguido pelos filhos. Esse contexto nos transporta ao nosso problema chave, o pai que comete o mais horrível dos crimes também deveria ser internalizado, como lei, pelo adolescente, para que assim fosse possível buscar modelos identificatórios no mundo externo que se pareça com aquele que tanto almejou ser, tamanha admiração sentida por ele. Contudo, a desagradável novidade vai dificultar e muito esse processo. Veremos mais adiante.

Sabemos que praticamente não há necessidade de comprovar que a proibição do incesto é uma regra, tamanha difusão do tabu nas redes de parentesco encontradas por todo o mundo, conforme nos mostra o antropólogo Lévi-Strauss, em seu livro “As estruturas elementares do parentesco” (1908/1982). Segundo seus escritos,

A proibição do incesto apresenta, sem o menor equívoco e indissolúvelmente reunidos, os dois caracteres nos quais reconhecemos os atributos contraditórios de duas ordens exclusivas, isto é, constituem uma regra, mas uma regra que, única entre todas as regras sociais, possui ao mesmo tempo caráter de universalidade (p. 47).

Mesmo assim, verificamos o quanto o incesto é um problema atual que assombra crianças e adolescentes dentro de suas famílias e ainda provoca grande horror na sociedade. Como fundamento da vida social, basta que haja o abuso do menor (como o dito popular, “do qual se poderia ser o pai”) para que o agressor gere sentimentos de horror e vingança coletiva

(Modesto, 2010). Por outro lado, esse horror também provém do despertar da lembrança do desejo incestuoso inconsciente pelos pais.

Segundo Lévi-Strauss (1908/1982), “a proibição do incesto está ao mesmo tempo no limiar da cultura, na cultura, e em certo sentido é a própria cultura” (p. 50). A proibição do incesto é uma medida protetiva que visa defender a espécie dos resultados funestos dos casamentos consanguíneos. E no folclore de alguns povos primitivos, como os australianos, por exemplo, existe a crença de que os descendentes de pais incestuosos estão fadados a diversos tipos de monstruosidades, mostrando que a punição ao incesto é perpetuada e sentida também pelas gerações seguintes.

A proibição do incesto também encontra-se na passagem da natureza para a cultura, em que o ato sexual é considerado o momento mais “social” na natureza e o momento mais “natural” na sociedade. A partir do momento que começa a fazer parte do mundo da cultura, uma espécie de contrato é estabelecida, com regras a ser cumpridas para que seja possível se manter na cultura. A principal delas é a que diz: para se ganhar algo novo, antes é preciso perder. No caso do incesto, não abrir mão de uma mulher da família impede a troca de mulheres com outros grupos e a possibilidade do advento da sociedade. O pedófilo é capaz de burlar a rede de trocas e obter gozo sexual sem a troca de mulher. “Por isso, aqueles que, com a prática do incesto, quebram a linha imaginária entre natureza e cultura, são taxados de monstros pela população” (Modesto, 2010, p. 61).

A partir dessas formulações, não parece difícil pensar na dimensão traumática nas situações incestuosas, excessos que ultrapassam os recursos defensivos e que irão estender suas marcas para outros membros da família, como os irmãos dos agredidos.

## **2.2. O trauma na psicanálise**

Dada a importância do conceito de trauma psíquico para a psicanálise e o tratamento analítico, observamos como ele é trabalhado em vários textos importantes de Freud e como sofre uma evolução significativa no decorrer da história. No percurso freudiano, podemos destacar três momentos-chaves para o desenvolvimento da teoria do trauma, como nos lembra Fuks (2000) e outros autores (Uchitel, 2000; Souza, 2003):

1º) Período das descobertas iniciais sobre as neuroses com a publicação dos “Estudos sobre a histeria” (1893-95) e a teoria da sedução;

2º) Deslocamento da teoria traumática para a teoria das fantasias sexuais infantis;

3º) Aparição nas reformulações metapsicológicas principalmente a partir do texto “Além do princípio do prazer” (1920), em que o conceito de trauma aparece com toda força.

Abordaremos as principais contribuições freudianas em seu caminho sobre a teoria do trauma e somaremos ao percurso as contribuições de outros autores. Para o desenvolvimento do nosso trabalho é importante percorrer essa trajetória tendo em vista o objetivo de fundamentar o entendimento sobre os processos traumáticos vividos pelos jovens irmãos de vítimas diretas de abuso sexual, os quais ainda são obrigados a lidar com a figura de um pai abusador em pleno momento de transformações na etapa adolescente.

#### 2.2.1. Descobertas iniciais sobre as neuroses

Nos primeiros anos de pesquisa sobre a origem das neuroses, mais especificamente a histeria, Freud entra em contato com os resultados do tratamento de Anna O., realizado pelo médico e pesquisador Josef Breuer, quem já gozava de alto prestígio em Viena e de quem era amigo há muito anos. Freud, muito impressionado com o relato de Breuer, apresenta o caso a Charcot três anos depois que toma conhecimento dos relatos, mas ele não se mostra nem um pouco interessado sobre o assunto. Mesmo assim, seu trabalho clínico em Viena é muito influenciado pelo trabalho de Breuer e, o tratamento de Anna O., ocorrido entre 1880 e 1882, acaba servindo de base para toda a obra “Estudos sobre a histeria”, escrita por ambos os médicos. Logo no início da obra, no tópico “Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar” (1893/1996b), os autores estabelecem uma ligação entre o desencadeamento da maioria dos sintomas histéricos e a incidência de um “trauma psíquico”, sendo comum a ocorrência de mais de um trauma formando um grupo de causas desencadeadoras nas histéricas. A partir dessa formulação, Freud estabelece o caráter interno e permanente do trauma psíquico no psiquismo humano: “o trauma psíquico - ou, mais precisamente, a lembrança do trauma - age como um corpo estranho que, muito depois de sua entrada, deve continuar a ser considerado como um agente que ainda está em ação” (1893/1996b, p. 42).

Freud tenta estabelecer suas primeiras conexões entre os momentos considerados traumáticos e o momento posterior, nomeado por ele de “auxiliar”, no qual aparecem os fenômenos histéricos. Inclusive Charcot já classificava esse intervalo de “período de elaboração psíquica” (1893/1996b). Contudo, somente em 1896, no artigo “A hereditariedade e a etiologia das neuroses”, em que Freud atribui o desenvolvimento das neuroses, tanto a histeria como as obsessões, a uma característica especial do evento sexual na tenra infância, é que o psicanalista apresenta pela primeira vez a noção de *a posteriori*, também chamado de *après-coup*, retroatividade ou ressignificação retroativa, uma das partes essenciais da constituição do trauma psíquico em dois tempos. Freud (1896/1996d) explica que uma experiência de excitação sexual precoce vivida na primeira infância pode ter pouco ou até mesmo nenhum efeito no período que ocorreu, contudo, seu traço psíquico é preservado. Posteriormente, na puberdade, com o desenvolvimento dos órgãos sexuais e o encontro com a sexualidade, esse traço psíquico inconsciente é, de alguma maneira, despertado. A lembrança da experiência vivida na infância exibe um poder que antes estava ausente. Essa lembrança produz um efeito como se o evento passado fosse contemporâneo, ocorrendo, assim, a ação posterior de um trauma sexual. O traumatismo sexual precoce dependeria, assim, de um “encadeamento temporal de fatos psíquicos”. Em outras palavras:

*Num primeiro tempo*, uma cena em que o que produz impacto vem de fora, não compreendendo a criança o sentido que tem para o adulto perverso ou a criança mais velha, nem os meios utilizados por essa pessoa que faz parte, em geral, da própria família. O papel da criança é de alguém passivo, ignorante ou impotente, que consente; *num segundo tempo*, o do *a posteriori*, no momento da puberdade, acontece um incidente que lembra, a partir de um traço associativo, o primeiro. A criança poderia conceber agora o sentido sexual daquela cena, reorganizando e internalizando o cenário, em função da sua própria evolução intelectual e afetiva (depois, acrescenta Freud, em função de seus próprios fantasmas) [itálicos da autora] (Fuks, 2000, pp 102-103).

O caráter traumático não estaria no primeiro evento nem na falta de compreensão do mesmo pela criança. O cenário patogênico se armaria por meio da reativação da lembrança que irá promover a associação entre a ocorrência dos eventos<sup>20</sup>. Sendo assim, conforme Fuks (2000), “dois elementos definem o essencial da concepção freudiana do trauma: o caráter sexual do mesmo e a significação aportada *a posteriori* pelo segundo tempo. Se o acontecimento é chamado de traumático por Freud, é pelo seu efeito *après-coup*” (p. 103). Para a autora, não devemos nos esquecer de que sobre o trauma em dois tempos incide uma influência energética, já que na lembrança do acontecimento está presente um fluxo de excitação irrefreável e que somente em parte poderá ser elaborado e tornado consciente.

<sup>20</sup> Como exemplo, sugerimos a leitura do caso clínico Khatarina (Caso 4), descrito por Freud e Breuer em “Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar (1893)”.

Em outro artigo publicado no mesmo ano, “Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa” (1896/1996e), Freud retoma a discussão iniciada no primeiro artigo sobre o assunto produzido dois anos antes, “As neuropsicoses de defesa” (1894), mas que já havia antecipado alguns progressos no artigo contemporâneo de 1896 sobre a hereditariedade. No atual trabalho, Freud realiza um exame mais detalhado sobre o que mobiliza a ação da defesa ou recalçamento. O artigo é dividido em três sessões, em que trata, respectivamente, da histeria, das obsessões e dos estados psicóticos. Sobre a primeira, Freud e Breuer já haviam expressado em publicações anteriores a opinião de que os sintomas na histeria só poderiam ser compreendidos quando relacionados às experiências de efeito traumático ligadas à vida sexual do paciente. No presente artigo, Freud acrescenta uma novidade que indicará a especificidade dos eventos traumáticos nessa patologia, relacionada ao caráter dos traumas e ao período de vida em que ocorrem: os eventos devem ser de natureza sexual e devem ter ocorrido na tenra infância. Em suas palavras, “*tais traumas sexuais devem ter ocorrido na tenra infância, antes da puberdade, e seu conteúdo deve consistir numa irritação real dos órgãos genitais (por processos semelhantes à copulação)*” [itálicos do autor] (p. 164).

Freud assegura um ponto em comum nas três patologias: a emergência dos sintomas a partir da ação de um mecanismo de defesa inconsciente diante de uma “experiência *sexual* de caráter traumático - no caso da histeria, uma experiência *passiva*; no das obsessões, *ativa*, muito embora, mesmo nesse caso, uma experiência passiva anterior remonte a um plano ainda mais remoto. Em outras palavras, a causa última seria sempre a sedução de uma criança por um adulto”<sup>21</sup> [itálicos do autor] (Freud, 1896/1996d., p. 160). Nos casos atendidos por Freud, ele constatou que a maioria dos ofensores sexuais era composta por babás, governantas e empregadas domésticas, cujos cuidados infantis eram delegados sem despertar desconfiança; seguidos pelos professores e pelos irmãos mais velhos das próprias crianças, os quais geralmente praticavam o abuso como repetição de violações antes sofridas por parte de alguma mulher adulta, que despertara sua libido prematuramente. Nossa atenção é despertada para o fato de que Freud não menciona os pais em sua lista de adultos abusadores, porém, o faz posteriormente quando escreve uma carta a Fliess no ano seguinte. Através da psicanálise seria possível acessar os traumas de infância de um histérico, por exemplo, pois podemos

---

<sup>21</sup> Para melhor compreensão sobre o desenvolvimento do conceito de sedução, sugerimos a leitura da dissertação de mestrado de Izabela Dias Velludo Roman, “Sedução feminina e teoria da sedução generalizada: considerações sobre a personagem Lolita, do romance de V. Nabokov”, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em psicologia da UFMG, sob orientação do Prof. Dr. Paulo César Carvalho Ribeiro.

encontrar vestígios deles não na memória consciente, mas nos sintomas da doença. Nas palavras de Freud (1896/1996d),

Todas as experiências e excitações que, no período *posterior* à puberdade, preparam o caminho ou precipitam a eclosão da histeria, só surtem esse efeito, *como se pode demonstrar*, por despertarem o traço mnêmico desses traumas de infância, que não se tornam conscientes de imediato, mas levam a uma descarga de afeto e ao recalçamento. Esse papel dos traumas posteriores se adequa bem ao fato de que eles não estão sujeitos às condições estritas que regem os traumas da infância, mas podem variar em intensidade e natureza, desde a efetiva violação sexual até meras investidas sexuais, ou ao testemunho dos atos sexuais de outras pessoas, ou ao recebimento de informações sobre os processos sexuais [itálicos do autor] (p. 166).

Em uma nota de rodapé, Freud esclarecerá a razão de apenas as representações de conteúdo sexual sofrerem ação do recalque. Um dos motivos é o fato de que, se uma experiência sexual vivida enquanto se é sexualmente imaturo for despertada através de uma lembrança durante ou após a maturidade, o efeito excitatório da lembrança é muito mais intenso do que o da experiência na época em que aconteceu, porque, nesse intervalo de tempo, a puberdade aumentou a capacidade de reação do aparelho sexual. “Esse tipo de relação invertida entre a experiência real e a lembrança parece conter a condição psicológica para a ocorrência de um recalçamento” (Freud, 1896/1996d, p. 167, nota de rodapé). Quando recalçada, a lembrança permanece no interior do psiquismo a nível pré-consciente.

Assim, podemos concluir que nesse período de desenvolvimento do conceito e teoria do trauma, a defesa se torna o núcleo principal das neuroses e o traumatismo aparece associado a uma fonte de excitação interna, baseado na relação que pode existir entre o encontro traumático e algo com o qual o sujeito já possui familiaridade. Dessa forma, “o *après-coup* será visto como a própria constituição do sujeito” (Fuks, 2000, p. 105).

### 2.2.2. Da teoria do trauma ao papel das fantasias sexuais infantis

No segundo momento-chave da teoria do trauma, Freud abandona a teoria que vinha desenvolvendo nos últimos anos, em que substitui “o modelo da causalidade mecânica e da temporalidade linear a favor de um modelo dialético de causalidade, em que futuro e presente condicionam-se e significam-se, reciprocamente, na estruturação do passado” (Fuks, 2000, p. 105). Na carta de nº 69, escrita em 21 de setembro de 1897 a Fliess, Freud lhe confia sua decepção com relação à teoria do trauma: “Não acredito mais em minha *neurótica*” (Freud, 1897/1996f, p.309). Importante pensar o uso do possessivo na frase de Freud como indicativo de um lugar de responsabilidade diante do que estava vivenciando como “fracasso

terapêutico” (Uchitel, 2000). Na tentativa de explicar os motivos que o levaram a tal descrença, Freud emite suas principais razões: as tentativas frustradas de concluir casos; o abandono da análise por pacientes que, durante algum tempo, parecia compreendê-los com segurança; a ausência de sucessos absolutos; o impasse em ter que sustentar uma teoria em que apontava todos os pais, sem exceção, como perversos; a descoberta de que não há indícios da realidade no inconsciente e a comprovação de que nem na psicose mais profunda, nem nos delírios mais confusos as lembranças inconscientes das experiências infantis aparecem de forma clara. Além de abandonar a teoria da sedução, Freud estava disposto a abandonar a ideia de uma resolução completa da neurose e o conhecimento seguro de sua etiologia na infância.

Desde 1897, Freud não acreditava mais na eficácia da ab-reação, principalmente por causa da sua decepção frente ao fracasso das curas que pensava levar até o fim através da revelação da cena traumática. Assim, introduz também as fantasias infantis na abordagem do complexo de Édipo (Fuks, 2000). Diante das indagações e questionamentos sobre sua teoria, Freud aponta para a necessidade de uma revisão teórica em que a teoria da fantasia e a existência da sexualidade infantil deslocariam a teoria traumática.

Somente um ano após a publicação de “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905) é que Freud decide esclarecer as modificações que sua teoria sobre a etiologia das neuroses sofreu, com a publicação do texto “Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses” (1906 [1905]). Inicialmente, Freud (1906 [1905]/1996h) apresenta um resumo sobre o desenvolvimento da sua teoria e reconhece a debilidade de não ter sido capaz de distinguir com segurança entre as fantasias dos histéricos sobre sua infância e os resquícios de eventos reais. Quando passa a considerar as fantasias de sedução como tentativas de repelir as lembranças da atividade sexual infantil (masturbação infantil), “cai por terra a insistência no elemento “traumático” presente nas vivências sexuais infantis, restando o entendimento de que a atividade sexual infantil (seja ela espontânea ou provocada) prescreve o rumo a ser tomado pela vida sexual posterior após a maturidade” (p. 260). Assim, a suposta frequência da sedução na infância e a ênfase exagerada nas influências acidentais na sexualidade são derrubadas, porém, não descartando a importância dos fatores constitucionais e a hereditariedade.

### 2.2.3. Novas bases metapsicológicas para o conceito de trauma

O terceiro momento no qual o conceito de trauma é enfatizado na psicanálise se passa quase duas décadas depois, quando Freud se vê diante de novos impasses na clínica, o que o leva a reformular as bases do conceito de trauma:

O conceito de trauma interroga a teoria. Questiona a realização de desejos como único motor dos sonhos, questiona o princípio do prazer pela sua ausência em certas expressões da vida e demanda por outros princípios que parecem reger – na falta do princípio do prazer – o funcionamento psíquico. Questiona também o trabalho com a histérica, e questionará mais tarde a metapsicologia do funcionamento psíquico (Uchitel, 2000, p. 137).

Vejamos como Freud introduz o conceito de trauma, agora sobre novas bases, no marcante texto “Além do princípio do prazer” (1920/2010c). Inicialmente, Freud apresenta algumas hipóteses que poderiam confirmar a dominância do princípio do prazer na vida mental, em que o curso de cada um dos eventos mentais é colocado em movimento por meio de uma tensão desagradável, mas cuja direção aponta para a redução dessa tensão, a fim de evitar o desprazer ou produzir prazer. Nas palavras de Freud (1920/2010c),

Decidimos relacionar prazer e desprazer com a quantidade de excitação – não ligada de nenhuma maneira – existente na vida psíquica, de tal modo que o desprazer corresponde um aumento, e o prazer, a uma diminuição dessa quantidade (p. 163).

Dessa forma, o aparelho mental teria que se esforçar para manter a quantidade de excitação presente nele o mais baixo possível ou pelo menos para mantê-la constante, a fim de evitar o desprazer. Ao aparelho mental seria atribuída a busca pela estabilidade, conforme o princípio da “tendência no sentido da estabilidade”, desenvolvido pelo investigador G. T. Fechner (Freud, 1920/2010c). Entretanto, Freud irá mostrar que não procede a afirmação quanto à dominância do princípio do prazer sobre o curso dos processos psíquicos e a busca pelo prazer, já que na experiência nos deparamos com exatamente o contrário. Ele complementa dizendo:

O que pode então suceder é que haja na psique uma forte tendência ao princípio do prazer, à qual se opõem determinadas forças ou constelações, de modo que o resultado final nem sempre corresponde à tendência ao prazer (Freud, 1920/2010c, p. 165).

Ao investigar as conjeturas que poderiam inibir o princípio do prazer, Freud (1920/2010c) nos oferece dois exemplos de impedimentos. O primeiro ocorre com a substituição do princípio do prazer pelo princípio de realidade, o qual não tem a intenção de abandonar a obtenção do prazer, porém, atua de modo a determinar e efetuar o adiamento da satisfação, abandonando as possibilidades que levariam ao alcance do prazer. Esse mecanismo pode ser observado em apenas algumas experiências desagradáveis, e não seriam as mais

intensas delas. Outra ocasião em que há liberação do desprazer pode ser percebida nos conflitos e divergências que ocorrem no aparelho mental enquanto o eu se desenvolve visando às organizações mais altamente compostas. A ideia apresentada aqui está relacionada à necessidade da ação do recalque frente a algumas pulsões e acontecimentos que se mostrem incompatíveis entre si, sendo afastados da possibilidade de satisfação. Porém, se, por alguma razão, alcançam êxito, tal acontecimento, que seria considerado motivo de prazer em outros casos, acaba sendo sentido como desprazer pelo eu. Em decorrência do conflito anterior que culminou na ação do recalque, nos deparamos com uma nova ruptura no princípio do prazer, no momento em que algumas pulsões esforçavam-se para alcançar a obtenção de um novo prazer.

A noção de “neurose traumática” é retomada por Freud ao referir-se àqueles acidentes que envolvem risco de vida, lembrando que o fim da guerra deixou um grande número de pessoas com esse quadro patológico. Para Freud (1920/2010c), as características dos quadros sintomáticos nos casos de neurose traumática aproximam-se da histeria pela semelhança com os seus sintomas motores, porém, contam com outros sinais, como a exacerbada indisposição subjetiva, assemelhando-se à hipocondria e à melancolia, além das debilidades e perturbações mais abrangentes e gerais das capacidades mentais. Os casos de neuroses traumáticas comuns contam com duas outras características importantes – em primeiro lugar, a associação da sua causa ao fator da surpresa, do terror; em segundo, um ferimento ou dano sofrido simultaneamente operam no sentido de impedir o desenvolvimento de uma neurose desse tipo. O terror é o estado em que nos encontramos quando se corre perigo sem estar preparado para ele. Assim, de acordo com Fuks (2000), o *efeito surpresa* “deve entrar em tensão com a posição particular do sujeito, a respeito de seu fantasma, no momento mesmo em que se produziu o encontro traumático. O que faz a singularidade do trauma para um sujeito é, então, aquilo no que foi pego por surpresa” (p. 109).

Através do estudo dos sonhos, Freud pôde investigar os processos mentais mais profundos. Nos sonhos dos pacientes com neurose traumática, geralmente eles eram levados novamente à cena do acidente, passando por outro momento de susto ao despertarem. Essa era uma prova de que a realização de desejos não deve ser considerada a única mola impulsionadora dos sonhos. Freud (1920/2010c) traça um caminho onde indica que, mesmo sob a dominância do princípio do prazer, existem maneiras e meios de as experiências desagradáveis serem lembradas, repetidas vezes, até alcançarem a elaboração mental. Ele então questiona como é possível justificar a coexistência de um princípio do prazer que rege o

funcionamento mental ao mesmo tempo em que formas de funcionamento agem repetindo de maneira compulsiva experiências consideradas desprazerosas e traumáticas.

*A compulsão à repetição é proveniente da natureza mais íntima das pulsões e é detentora de poder para desprezar o princípio do prazer. Pode ser observada tanto no comportamento das crianças que, nas brincadeiras, passam da passividade de uma experiência desagradável à atividade, ao transferir sua experiência desprazerosa ao colega de brincadeira, vingando-se e, ao mesmo tempo, obtendo prazer num substituto; como no tratamento psicanalítico, quando o paciente reproduz, de maneira indesejada, o material recalcado como se fosse uma experiência atual. Desse modo, Freud alcança uma novidade na sua teoria: “a compulsão à repetição também traz de volta experiências do passado que não possibilitam prazer, que também naquele tempo não podem ter sido satisfações” (Freud, 1920/2010c, p. 179).*

Freud tenta explicar o funcionamento dos processos de excitação tanto externos como internos no aparelho psíquico. Anatomicamente, a “sede” da consciência estaria situada no córtex, camada mais externa do cérebro e que, portanto, envolve as demais camadas. Ela quem está em contato com o mundo exterior e seus estímulos. Sua superfície conta com uma proteção que funciona como escudo protetor, o qual age de maneira a modular a intensidade dos estímulos externos promovendo a redução dos seus efeitos em sua chegada. Contudo, o interior do aparelho psíquico não pode contar com essa proteção:

As excitações das camadas mais profundas se propagam de forma direta e não atenuada no sistema, na medida em que determinadas características de seu curso produzem a série das sensações de prazer-desprazer. Sem dúvida, as excitações vindas de dentro serão, por sua intensidade e por características outras, qualitativas (e eventualmente por sua amplitude), mais adequadas ao modo de funcionamento do sistema do que os estímulos provenientes do mundo exterior (Freud, 1920/2010c, p. 191).

Como o aparelho psíquico não conta com uma proteção interna que irá regular a intensidade das excitações que surgem de dentro, haverá uma tendência a percebê-las como se agissem a partir do mundo externo e não interno, para assim poder usar contra elas a proteção defensiva contra os estímulos. Esse processo daria origem ao mecanismo defensivo da projeção.

As excitações externas que detém força suficiente para romper a barreira de proteção são chamadas *traumáticas*. Um evento como esse vai ser capaz de mobilizar uma elevada quantidade de energia psíquica e meios de defesa para agirem no local da irrupção, produzindo-se um enorme “contrainvestimento”. Por outro lado, “todos os demais sistemas

psíquicos empobrecem, de modo que há uma extensa paralisação ou redução do funcionamento psíquico restante” (Freud, 1920/2010c, p. 192-193).

Sendo assim, os casos de neurose traumática deveriam surgir como consequência de uma extensa ruptura da proteção contra estímulos . O fator surpresa/susto é de suma importância para a condição do trauma, no sentido de que para existir é preciso que a preparação da angústia esteja ausente. Quer dizer, a produção de angústia representa a última linha da barreira contra os estímulos. Se ela não está formada, há uma falha na defesa, ocorre um sobreinvestimento dos sistemas que primeiro recebem o estímulo, rompendo a barreira protetora por causa desse excesso que não foi capaz de ser contido, levando à ocorrência do trauma. Uchitel (2000) resume de forma admirável as condições para que suceda o trauma, segundo as ideias do texto freudiano:

Não é só a tensão libidinal acumulada e não descarregada (...) a única e verdadeira causa do trauma. O trauma também se constitui por uma defesa ineficaz – em especial ante as excitações pulsionais internas – que impede o psiquismo de reagir e funcionar segundo o princípio do prazer, segundo as tópicas e os processos primário e secundário. O *caráter traumático* reside, nesse texto, na *ruptura da capa de proteção contra as excitações*, provocadas pelo excesso; no *fracasso da ligação*; mas também na *falta de preparação ou produção da angústia*, que faz do susto, da surpresa e do perigo de morte uma condição também essencial para o trauma [itálicos da autora] (p. 138).

Seguindo os dizeres da autora, o trauma trata-se de um acontecimento intenso, que surpreende e que não conseguiu ser integrado pelo aparelho psíquico. Não foi elaborado, está fora do princípio do prazer e, por conseguinte, retorna sob a forma de sonhos traumáticos e de compulsão à repetição. “É a pulsão de morte, é o que *escapa à linguagem*, é pura intensidade, caos, às vezes vazio ou silêncio; o que *preexiste ou existe paralelamente* à organização psíquica, aos lugares e à ordem; o que se situa *aquém ou além do princípio do prazer* e do funcionamento psíquico” [itálicos da autora] (Uchitel, 2000, p. 138). Para a autora, o trauma possui localidade e temporalidade próprias que não se enquadram na dinâmica do recalçamento, estando alheio inclusive à atemporalidade do inconsciente. Dessa forma, o trauma exige um tratamento diferente, em que o que está em jogo não são os conteúdos que mal ou bem foram ligados de alguma maneira, nem uma modalidade de ligação, mas a própria ligação.

Bem, devemos considerar que cada encontro traumático produzirá efeitos diferentes em cada pessoa, de acordo com sua singularidade e com o momento em que se produz esse encontro, levando em conta não somente a ressonância que pode ter com a história particular de cada um, mas também a posição tomada diante dessa experiência única (Fuks, 2000).

Avancemos um pouco mais rumo à exploração do terceiro momento da elaboração de Freud sobre o trauma, com a publicação do trabalho “Inibição, sintoma e angústia” (1926), em que diferencia os três fenômenos próprios da neurose e uma revisão da teoria da angústia e do trauma. Deixaremos o trabalho da diferenciação entre os três elementos para outra oportunidade uma vez que não é alvo desse trabalho. Focaremos em algumas novidades de Freud sobre o trauma.

De acordo com Souza (2003), neste momento, Freud abandona a ideia da angústia como produto do recalque da libido e passa a considerá-la um sinal que, no eu, desencadeia o recalque da libido. A angústia, então, passa a ser gerada pelo trauma, melhor dizendo, pelo eu ao reproduzir o trauma ou uma situação de perigo. Nas palavras de Freud (1926/1996k),

O determinante fundamental da angústia automática é a ocorrência de uma situação traumática; e a essência disto é uma experiência de desamparo por parte do eu face de um acúmulo de excitação, quer de origem externa quer interna, com que não se pode lidar. A angústia ‘como um sinal’ é a resposta do eu à ameaça da ocorrência de uma situação traumática. Tal ameaça constitui uma situação de perigo. Os perigos internos modificam-se com o período de vida, mas possuem uma característica comum, a saber, envolver a separação ou perda de um objeto amado, ou uma perda de seu amor - uma perda ou separação que poderá de várias maneiras conduzir a um acúmulo de desejos insatisfatórios e dessa maneira a uma situação de desamparo (p. 85).

Nesse trecho, Freud diferencia dois tipos de angústia: a angústia automática, em que o aparelho psíquico é tomado por um fluxo de excitações difícil de ser controlado, produzindo um estado de desorganização psíquica; e a angústia como sinal, em que o eu deve impedir que a primeira aconteça e seja capaz de construir um sistema defensivo a fim de dar um lugar mais limitado e, de certa forma organizado, à angústia. As diversas situações de perigo teriam em comum, então, o medo da separação ou perda do objeto amado ou de seu amor. Segundo Fuks (2000), para o modelo freudiano, a experiência do nascimento seria a matriz das angústias e a separação do objeto primário, a mãe, o modelo do traumatismo.

Freud (1926/1996k) inclui o perigo da castração como o perigo mais familiar e detentor dos efeitos mais devastadores para o psiquismo. O temor à ameaça de castração surge cada vez que o eu percebe o desejo sexual incestuoso. “O perigo traumático é pressentido como externo, mas sua motivação, o desejo incestuoso, é interna” (Souza, 2003, p. 120). Uma relação em três tempos é constituída: a pulsão desencadeia a ameaça de castração, a qual desencadeia a angústia como sinal, que desencadeia o recalque da pulsão. A instância que vai propulsionar a angústia como sinal frente ao perigo é o eu, através de um processo defensivo que vai incidir sobre a pulsão. Percebemos, neste momento, a importância

da relação entre o eu e o id, em que o eu é responsável por ligar o excesso traumático gerado pela ameaça de castração resultante das forças pulsionais do id.

O trauma continua aparecendo discretamente em textos posteriores, como na Conferência 32, das “Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise” (1933), quando o instante traumático é caracterizado como um momento de grande excitação e desprazer, em que o princípio do prazer fracassa ao tentar atuar. Também é localizado no “Esboço de psicanálise” (1938), quando se refere ao fato de que nenhum de nós seres humanos estamos isentos às vivências traumáticas, sejam elas de origem interna, pelas demandas pulsionais, sejam pelas excitações externas (Uchitel, 2000).

O psicanalista Masud Khan (1963, citado por Fuks, 2000, p. 111) utiliza um conceito muito valioso para o nosso trabalho. Ele chama de *traumatismo cumulativo* “as tensões e ansiedades vivenciais experimentadas pela criança no contexto da dependência do seu psiquismo em relação ao de sua mãe. Este adquire, por acumulação, o valor de traumático”. Dessa forma, a mãe deve desempenhar o papel de escudo protetor, protegendo o filho contra os estímulos do mundo exterior que podem representar ameaças, mecanismo semelhante ao desenvolvido por Freud em “Além do princípio do prazer” (1926). O fracasso do papel da mãe como escudo abriria espaço para a entrada de invasões disruptivas e desorganizadoras do psiquismo. Fuks (2000) sinaliza que “o trauma cumulativo resulta das fendas observadas no papel da mãe durante todo o curso do desenvolvimento da criança, desde a infância até a adolescência” (p. 112). Assim, para que se produza o efeito do trauma cumulativo, as falhas devem ser frequentes e significativas, seguindo um ritmo e uma regularidade capazes de trazer prejuízos ao psiquismo infantil. É importante considerar que, para nós, o papel da mãe, ou melhor, a função materna, pode ser exercida por outros adultos responsáveis pela criança ou adolescente, pois identificamos, em muitas famílias, como esse papel é exercido constantemente por outros membros, como tias e avós, por exemplo.

Nos casos que serão apresentados no próximo capítulo deste trabalho, nos deparamos com a questão traumática nos filhos de pais pedófilos em que se mostra difícil detectar se estamos diante do segundo tempo do trauma, em que a cena da denúncia do pai agressor evocaria uma cena anterior, que, a posteriori passa a ter o verdadeiro sentido traumático. Ou se estamos diante da construção do trauma cumulativo, o qual, como sugere Uchitel (2000), “cada acontecimento, por si só, não é suficiente para ter caráter traumático, mas a soma dos

efeitos de cada um” (p. 148), já que a última revelação dispara a ligação entre outros momentos anteriores que poderiam levar a esse último.

Para complementar a trajetória freudiana, passaremos, de forma sucinta, pelas ideias desenvolvidas por Ferenczi, quem trouxe originalidade à teoria do trauma e assumiu nunca ser demais insistir sobre a importância do traumatismo, principalmente, do traumatismo sexual como fator patogênico. Sua marca também perpassa pelo valor traumático que atribui ao desmentido, ponto importante para nosso trabalho.

#### 2.2.4. A originalidade das contribuições de Sándor Ferenczi sobre o trauma

O trauma é retomado com certa ousadia por parte de Ferenczi na década de 1930. Em seu reconhecido texto “Confusão de línguas entre os adultos e a criança” (1932/2011a), o autor admite a importância do traumático, principalmente para a clínica, e o aponta como fator injustamente negligenciado nos últimos tempos na patogênese das neuroses. Para ele, o espaço analítico pode ser considerado “um espaço *potencialmente terapêutico ou traumático*” [itálicos da autora] (Uchitel, 2000, pp. 140-141). Através da sua experiência clínica, Ferenczi pôde perceber o quanto seus pacientes percebem os humores, sutilezas, simpatias e antipatias dos analistas. Mas, em vez de contradizê-los, de acusá-los por cometerem erros, os pacientes se identificam com eles. Sem coragem para protestar, eles não se permitem fazer críticas ao analista. Para o autor, grande parte dessa crítica recalcada deve-se à *hipocrisia profissional* (Ferenczi, 1932/2011a, p.113). A falta de sinceridade e a ideia de que o analista é uma autoridade inquestionável fazem com que o paciente caia numa extrema submissão, por medo ou incapacidade de exprimir sua opinião e desagradar o analista com suas críticas. Para o autor, “renunciar à ‘hipocrisia profissional’, considerada até agora como inevitável, em vez de ferir o paciente, proporcionava-lhe, pelo contrário, um extraordinário alívio” (p. 114). A importância de o analista admitir o cometimento de erros ao analisando refletiria a conquista do estabelecimento da relação de confiança entre o par terapêutico.

A observação da situação analítica, em que predominam a hipocrisia profissional e a frieza com relação ao analisando, favoreceu a percepção de que essa situação se aproxima muito do estado de coisas que, na infância, provocou o adoecimento do paciente. Por isso, permitir-se admitir os próprios erros, promover a abertura e autorização às críticas ao analista, faz com que seja possível ganhar a confiança do paciente. Nas palavras de Ferenczi

(1932/2011a): “*Essa confiança é aquele algo que estabelece o contraste entre o presente e um passado insuportável e traumatogênico. Esse contraste é indispensável para que o passado seja reavivado, não enquanto reprodução alucinatória, mas como lembrança objetiva*” [itálicos do autor] (pp. 114-115). Se o analista mantém uma distância do paciente através de uma postura fria, será capaz de quebrar o último vínculo que o ligaria a ele, permitindo que se crie, novamente, uma situação de abandono – a mesma situação insuportável que levou o paciente à clivagem psíquica<sup>22</sup> e, conseqüentemente, à doença. Dessa forma, não seria surpresa que o paciente não consiga fazer outra coisa senão repetir a formação dos sintomas desencadeados pelo processo de comoção psíquica, processo sobre o qual falaremos mais adiante.

A insistência sobre a importância do traumatismo continua, especialmente o traumatismo sexual como fator patógeno. Ferenczi (1932/2011a) percebeu um grande número de crianças vítimas de abusos sexuais pelos próprios pais, pessoas de confiança ou outros membros da família. Ele descreve que no jogo de sedução incestuosa entre a criança imatura e o adulto haveria uma confusão de línguas, em que a ternura da criança e as brincadeiras infantis passam a ser vistas pelo adulto com desejos de alguém que já alcançou a maturidade sexual, caracterizando uma relação assimétrica de desejos e poder. A reação imediata da criança de resistir, recusar ou sentir repugnância é inibida por um medo intenso, em que a defesa torna-se algo inviável. Nas palavras de Ferenczi:

Mas esse medo, quando atinge seu ponto culminante, obriga-as a submeter-se automaticamente à vontade do agressor, a adivinhar o menor de seus desejos, a obedecer esquecendo-se de si mesmas, e a identificar-se totalmente com o agressor<sup>23</sup> (p.117).

Ao introjetar a figura do agressor, ele sai de cena enquanto realidade externa e passa a ser intrapsíquico, submetendo-se, num estado que se aproxima do sonho, como é o transe traumático, ao processo primário, em que o conteúdo intrapsíquico pode ser transformado de maneira alucinatória, negativa ou positiva. No desenrolar do transe traumático, a criança é capaz de preservar a anterior situação de ternura.

Ferenczi (1932/2011a) demarca a introjeção de outro elemento pela criança: o sentimento de culpa sentido pelo adulto agressor após a prática da violência é incompreendido pela criança, porque ele a trata com grosseria, confundindo os sentimentos da criança. O que

<sup>22</sup> Aprofundaremos o conceito da clivagem psíquica do eu em outro tópico deste trabalho referente à noção de “recusa” ou *Verleugnung*, utilizado por Freud a partir de 1927, com a publicação do artigo sobre “Fetichismo”.

<sup>23</sup> Para um maior aprofundamento do processo de identificação com o agressor, sugerimos a leitura da dissertação de mestrado de Anna Paula Njaimé Mendes, intitulada “Identificação com o agressor: Interfaces conceituais e implicações para o estudo da violência sexual infantil”, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFMG, sob orientação da Profa. Dra. Cassandra Pereira França.

antes pareceria apenas uma brincadeira torna-se algo que merece punição e a criança sente-se responsável por ter enfurecido o adulto. Ao tentar buscar outra pessoa que possa dar sentido ao incompreendido, a criança depara-se com a negação do relato contado e a não aceitação pelo adulto. Esse processo pode gerar sentimentos ambivalentes na criança, sentindo-se dividida principalmente entre a inocência e a culpa, além de gerar desconfiança com relação ao testemunho de seus próprios sentidos diante da negação pelo adulto do que aconteceu.

O *desmentido*, quer dizer, a não confirmação pelo adulto da realidade do evento traumático pelo qual a criança passou, adulto esse que deveria protegê-la e ampará-la é, para o autor, a verdadeira fonte do trauma. Para Mendes (2011), esse posicionamento desfavorável dos adultos demonstra uma profunda falta de compreensão do sofrimento da criança. Segundo Pinheiro (1993), essa é a marca registrada da teoria do trauma ferencziano, “atribuir ao desmentido toda a responsabilidade do trauma” (p. 52). Nas palavras de Uchitel (2000), “o desmentido destitui o sentido, coloca em dúvida o universo simbólico, o sentido de realidade, a sustentação do eu, a percepção e a organização psíquica” (p. 141), pois a impossibilidade de representar verbalmente o ocorrido impossibilita o processo de simbolização. Seria interessante aprofundarmos nos processos de simbolizações para compreender melhor os efeitos das representações inscritas no psiquismo, contudo, esse tema não será nosso objeto de estudo no atual trabalho.

Além da regressão como consequência do abuso sexual na criança, outra consequência sinalizada como resposta à urgência traumática e ao choque, é a manifestação das emoções de um adulto maduro precocemente pela criança, faculdades como a paternidade e a maternidade. Esse processo é chamado de “prematuração (patológica)” ou “progressão traumática (patológica)” e pode afetar tanto o âmbito emocional como o intelectual, permitindo que uma parte da pessoa amadureça repentinamente. De acordo com Ferenczi (1932/2011a),

Se os choques se sucedem no decorrer do desenvolvimento, o número e a variedade de fragmentos clivados aumentam, e torna-se rapidamente difícil, sem cair na confusão, manter contato com esses fragmentos, que se comportam todos como personalidades distintas que não se conhecem umas às outras (p. 120).

Diante desse processo de fragmentação é preciso encontrar meios adequados de se ligar os diversos fragmentos entre si e dar um sentido à vivência anterior que acionou o processo de clivagem como forma de defesa diante do perigo.

Em um dos artigos póstumos, em que foram reunidas cinco notas tomadas por Ferenczi entre 1920 e 1932, “Reflexões sobre o trauma” (1934), nos deparamos com duas conceituações importantes para a noção de trauma. A primeira delas, o choque, seria “equivalente à aniquilação do sentimento de si, da capacidade de resistir, agir e pensar com vistas à defesa do Si mesmo” (Ferenczi, 1934/2011b, p. 125). A segunda, a comoção psíquica, significa desmoronamento, perda de sua forma própria, aceitação fácil sem resistência; restos, destroços. A comoção psíquica pode gerar o choque e nela detectamos dois momentos: um anterior, em que é precedida pelo “*sentimento de estar seguro de si*” [itálicos do autor] (p.125) e o excesso de confiança em si e no mundo à sua volta e, outro momento posterior, que vem depois da grande decepção, com a diminuição da confiança em si ou a ausência de confiança, em que a ilusão de que tal coisa “não deveria acontecer comigo” é destruída.

Novamente, Ferenczi (1934/2011b) aponta a importância do comportamento dos adultos frente à criança que sofreu o traumatismo. O trauma é visto como uma “falha na relação entre sujeito e o outro” (Souza, 2003). Geralmente, os adultos dão provas de elevada incompreensão diante do que aconteceu e ainda punem a criança injustamente. Também podem reagir com um “*silêncio de morte*” [itálicos do autor] (p.127), refletindo o desamparo diante da vivência traumática pela criança não acolhida em seu sofrimento.

Veremos mais adiante que não são apenas as vítimas diretas de agressão sexual aquelas sacrificadas pelo mal feitor, uma vez que o choque tem um poder de alcance muito maior do que o imaginado, pois atinge todos os membros da família, principalmente nos casos de violência sexual intrafamiliar. Por mais que talvez não se espere, os irmãos daqueles que foram agredidos sexualmente pelo pai podem manifestar sintomas semelhantes àqueles constatados nas vítimas diretas<sup>24</sup>.

#### 2.2.5. Reverberações do trauma sobre os processos de idealização e de formação do Eu

Pensemos um pouco sobre a influência dos processos traumáticos no mecanismo da idealização e no eu. Como será que o choque e conseqüentemente o traumatismo ocasionado pela surpresa, ou melhor, decepção com relação à figura do pai que se deve descolar, poderá interferir no processo de idealização e na introjeção da imago paterna?

---

<sup>24</sup> Algumas conseqüências do abuso sexual apontadas por Fuks (2000) são: culpa, vergonha, autodestruição, transtornos alimentares, conduta antissocial.

Vimos anteriormente, no capítulo 1, a importância dos processos de idealização e desidealização para o adolescente. Baranger (1981) nos lembra que Melanie Klein oferece valiosas contribuições para pensarmos como a idealização é um fenômeno de grande valor presente na vida psíquica desde os níveis mais arcaicos até os níveis mais evoluídos. Com a clivagem entre o seio bom e o seio mau, a idealização aparece em contrapartida da angústia persecutória, ou seja, está em função direta da grandeza da angústia persecutória. Klein (1946/1991) afirma que

Um traço característico da relação mais arcaica com o objeto bom, interno e externo, é a tendência a idealizá-lo. Em estados de frustração ou de maior ansiedade, o bebê é levado a refugiar-se no seu objeto interno idealizado como um meio de escapar de perseguidores. (...) *Quando o medo persecutório é muito intenso, a fuga para o objeto idealizado se torna excessiva, o que prejudica gravemente o desenvolvimento do eu e perturba as relações de objeto.* (...) Com um objeto idealizado não assimilado, vem o sentimento de que o eu não tem vida nem valor próprios. Eu diria que *o fugir para o objeto idealizado não assimilado requer ainda outros tantos processos de cisão dentro do eu*, isso porque partes do eu procuram unir-se ao objeto ideal, enquanto outras partes se esforçam em lidar com os perseguidores internos” [itálicos nossos] (pp. 28-29).

Bom, lembremos que o ciclo de persecutoriedade também pode ser retroalimentado pelas experiências provenientes do ambiente externo. No caso do adolescente que idealiza seu pai e descobre a pedofilia contra seu próprio irmão, parece que o traumatismo ocasionado pela surpresa com relação à figura do pai pedófilo, surpresa que acaba vindo acompanhada por outras surpresinhas, vai colocar a imagem paterna idealizada em jogo. A verdade que impacta parece ter a força de revigorar esse ciclo persecutório e causar uma grande confusão no eu, o qual recorrerá aos processos de cisão ora para tentar unir suas partes ao objeto ideal, ora para lidar com a persecutoriedade sentida, provocando o sentimento de despedaçamento, um estado de desintegração egóica. Segundo Klein (1946/1991), esses processos serão responsáveis pelo enfraquecimento e empobrecimento do eu, o qual se tornará incapaz de assimilar seus objetos internos, conduzindo-o ao sentimento de ser governado por eles. Uma perturbação grave na introjeção de objetos bons é capaz de impedir a operação das funções egóicas, provocando uma retirada maciça para o mundo interno. “Contudo, essa retirada é causada não apenas pelo medo de introjetar um mundo externo perigoso, como também pelo medo de perseguidores internos, com a conseqüente fuga para o objeto idealizado interno” (p. 30). Ao mesmo tempo, o eu enfraquecido se sente incapaz de ter novamente para si as partes projetadas por ele no mundo externo. O equilíbrio entre os movimentos de introjeção e

projeção fica comprometido, favorecendo uma cisão excessiva do eu, além de exercer um efeito prejudicial sobre a relação entre os mundos interno e externo<sup>25</sup>.

### **2.3. A incidência traumática de um pai pedófilo**

#### 2.3.1. Sobre o movimento Dogma 95

O filme escolhido para nosso trabalho inicia a sequência de produções do movimento Dogma 95, criado em 1995, a partir da insatisfação de um grupo de cineastas formado pelos diretores Las Von Trier, Christian Levring, Søren Kragh-Jacobsen e Thomas Vinterberg, diante do elevado grau de industrialização das produções cinematográficas (Dogme95, 2014). O grupo traça algumas regras para que os filmes sejam considerados parte do movimento, como: as cenas devem ser filmadas ao ar livre, sem uso de cenografia ou acessórios; a trilha sonora só pode ser utilizada no ambiente, sendo proibida sua inserção após a montagem das cenas; a câmera deverá ser usada à mão, sem o apoio de aparelhos; o filme deve ser colorido, sem iluminação especial; não é permitido usos de filtros de filmagens e truques fotográficos; o filme não deve conter nenhuma ação superficial; deslocamentos temporais ou geográficos estão proibidos; não são permitidos filmes de gênero; o nome do diretor não deve aparecer nos créditos (Dogma 95, 2008). O objetivo de seguir as regras é também diminuir os custos da filmagem e mostrar que é possível fazer longas-metragens de qualidade sem gastar muito, questionando os altos investimentos nas criações de filmes de massa. Uma ação entre amigos que se unem e fazem frente aos grandes diretores e produções hollywoodianas.

#### 2.3.2. O enredo do filme *Festen*

Faremos uso do enredo do filme *Festen* (1998), “Festa de família”, dirigido por Thomas Vinterberg, para elencar algumas ideias sobre a dinâmica do abuso sexual intrafamiliar. Apesar de a família ser composta por membros já adultos, podemos verificar elementos que se aproximam das discussões que nos interessam para o presente trabalho. A

---

<sup>25</sup> No próximo capítulo nos aproximaremos mais da relação entre o mecanismo de cisão egóica e o empobrecimento do eu, buscando compreender outros mecanismos que estão envolvidos na origem do processo de clivagem.

escassez de filmes que mostram a trama familiar e o impacto do abuso sexual entre os membros da família fez com que elegêssemos “Festa de família” como objeto de estudo, devido à aproximação com nossa temática e à importância do filme para o cinema e o movimento Dogma 95.

Christian é o personagem principal do filme. Filho mais velho da família Hansen, ele conta com mais dois irmãos, Michael e Helène, seu pai, Helge e sua mãe, Elsie. Linda, irmã gêmea de Christian, também fazia parte da família, mas recentemente havia tirado sua própria vida. A história inicia com o filho mais velho caminhando pelas terras do pai rumo à grande festa de comemoração dos sessenta anos do patriarca. Ao telefone, anuncia ao amigo: “acho que vai ser um choque”. O que será que ele planejava para a festa? No trajeto, depara-se com seu irmão Michael acompanhado de sua esposa e seus filhos que passavam de carro por ali. Cumprimentam-se, Michael apresenta-se de maneira agressiva e convida seu irmão para entrar no carro, ordenando que sua esposa e filhos saiam do carro e caminhem o restante do percurso.

Chegando ao local da festa, o irmão mais novo trata o recepcionista com arrogância, o qual lhe dá a notícia que seu nome não se encontra na lista e mais, seu pai havia dito que Michael não estava entre os convidados. Ele se exalta, grita com o funcionário, mas, por fim, Christian se responsabiliza e pede ao funcionário que dê um quarto ao irmão. A terceira irmã, ansiosa para chegar rápido em casa e receber os convidados, cobra a presença de Michel no enterro da irmã logo que o vê, pois ele não havia ido ao funeral. Os outros convidados chegam para a tão esperada festa do sexagésimo aniversário do patriarca.

Christian encontra sua mãe e ela diz que seu pai o espera para conversar. Ao vê-lo, fica desconsertado, um pouco nervoso. Seu pai o chama de “menino” e pergunta-lhe sobre seus relacionamentos, se está namorando e se pretende ter filhos, convidando-o a voltar para casa, pois estava ficando velho e desejava ter a família perto dele. O pai pede a Christian que pronuncie algumas palavras sobre a irmã e ele concorda, afirmando que já havia preparado um texto para falar durante o jantar.

Nas cenas seguintes, acompanhamos o que se passa no quarto de cada um dos três irmãos. Helène se hospeda no mesmo quarto em que a irmã suicidou. Quando entra, sente más vibrações e pensa em mudar de habitação. Começa a caminhar pelo cômodo e entra no banheiro, local onde a irmã havia morrido. Ela encontra desenhos na parede que pareciam pistas, como quando brincava com seus irmãos de “tá quente, tá frio”, e começa a seguir as

pistas. No outro quarto, Michael está extremamente irritado com a esposa porque ela havia se esquecido de colocar seu sapato preto na mala e ele não se sentia bem vestido para estar diante do pai. Christian encontrava-se em outro quarto com a amiga Pia. Enquanto ela lhe falava e tentava seduzi-lo, ele se mostrava apreensivo e distante.

Por fim, Helène encontra o “tesouro” escondido: uma carta escrita pela irmã. Enquanto ela lê e se emociona com a carta, cenas da amiga de Christian afundada na banheira parecem remeter à morte da irmã, Michael aparece tomando banho e de repente, um estrondo faz com que, ao mesmo tempo, o recepcionista que acompanhava a moça na busca pelo “tesouro” se assuste, a amiga de Christian se levante da banheira recuperando ar e seu irmão Michael escorregue e caia no chão. A irmã, muito angustiada, pega a carta e esconde para que ninguém a encontre.

O filho Michael sai desesperado do quarto quando seu pai aparece e diz que o espera na sala em cinco minutos. Sempre querendo atender as expectativas do pai e esperando pelo seu reconhecimento, Michael é surpreendido quando o patriarca lhe comunica que Christian optou por não entrar na maçonaria e o indicou. Mesmo que ele, seu pai, não o veja como adequado, ele deveria esperar o convite para ingressar na maçonaria, o que o deixa muito contente e satisfeito. Além disso, o pai deixa ao filho a tarefa de cuidar para que tudo saia bem na festa.

No primeiro momento, com a reunião de todos os convidados, o patriarca faz um discurso lembrando a época em que ele e sua família se mudaram para aquela casa, transmitindo a imagem da família feliz, mas, ao lembrar-se da filha morta, ele interrompe sua fala. O jantar é servido. Christian apresenta sinais de ansiedade e tensão; por um momento hesita falar o que planejou para toda a família. Em seguida, toma coragem e pede a atenção de todos para o primeiro brinde e para ouvirem seu discurso. Em clima de alegria e descontração entre os convidados da festa, o primogênito pede ao pai que escolha entre os dois papéis que segurava para ler, assim como seu pai fazia, ao sortear qual dos gêmeos seria escolhido para seu desfrute. O patriarca escolhe o verde, intitulado pelo filho de “Discurso da verdade doméstica” ou “Os banhos do papai”. Helge muda sua expressão facial, sua irmã sorri sem graça, enquanto sua esposa e irmão mais novo se mostram sorridentes. Os dois primeiros se mostram tensos quando Christian começa a falar sobre o ritual de Helge que precedia a entrada para o banho. Ele levava os gêmeos para o escritório, todos tiravam suas roupas e o pai os estupra no sofá verde. “Era um homem asseado, tomava muitos banhos”, conta

Christian. E, ironicamente, revela que precisava compartilhar essa lembrança de família, já que celebravam o sexagésimo aniversário de seu pai, o agradece por todos aqueles anos – “Que homem!”, diz. E deseja-lhe um feliz aniversário. Instala-se o primeiro clima desconfortável entre os convidados da festa, comentários baixos, caras pasmas, risos sem graça, até que o avô se levanta para fazer um novo discurso e todos o aplaudem, menos Christian, que se levanta da mesa para ir embora. Ele vai até a cozinha onde conversa com seu amigo de infância Kim, que sabia de toda a história desde criança e esperava pela atitude de Christian há longos anos, incentivando-o a ir até o fim. Enquanto isso, sua irmã pede aos convidados que não levasse em conta o discurso do irmão, pois, por mais que o ame muito, o que disse não era verdade e seu discurso havia sido muito impactante.

Helge entra na cozinha e chama seu filho para uma conversa a sós. Curiosamente, diz a Christian que sua memória devia estar falhando, pois não se lembrava de nada do que o filho havia falado. Atônito, Christian pede desculpas e diz que pode ser que ele tenha entendido mal. Coloca a culpa na tensão do trabalho e na morte da irmã, pedindo que Helge esqueça tudo isso. O próprio pai comenta que o que falou é crime e por isso deviam chamar a polícia. O filho mantém sua postura e pede desculpas novamente. “É preciso mais que aquilo para abalá-los”, diz o pai. Sentindo-se desafiado, Christian volta para a sala de jantar. Seu pai o observa enquanto ele caminha em direção à cabeceira da mesa, onde se senta de frente para Helge, enquanto o avô repete o discurso de quando o filho era mais novo e tinha problemas para atrair as moças e ensinou-lhe como atraí-las colocando uma batata dentro da calça. Todos se divertiam com a história e cantavam: “Ele é um bom companheiro, ele é um companheiro, ele é um bom companheiro, ninguém pode negar”.

Na cozinha, o amigo Kim anuncia que esta é a noite de Christian e conta com a ajuda de duas funcionárias para roubar as chaves dos convidados para impedir que fossem embora da festa. O irmão Michael verifica se está tudo bem e pergunta ao recepcionista se o irmão passará a noite ali, mas ele não sabe dizer. Um táxi aponta na janela, Michael vai até a porta verificar quem é. Quando vê um homem negro saindo do carro, dirige-se a ele dizendo que se equivocou de lugar, ali não haviam contratado músicos e era uma festa particular, oferecendo-lhe dinheiro para ir embora no mesmo táxi que veio. O homem revela ter sido convidado pela irmã de Michael, quem aparece na cena logo em seguida. O irmão insulta seu namorado, chama-o de macaco e ela parte para a agressão, chamando-o de racista e nazista.

Os convidados estão reunidos na sala de jantar. Christian decide se levantar e propõe mais um brinde, dizendo que era o aniversário do pai e não um acerto de contas. Pede para que todos se levantem, ergam as taças, e anuncia: “Ao homem que matou minha irmã, um assassino”. O pai se levanta da mesa muito irritado e sai da sala. O mestre de cerimônias propõe que façam um intervalo. Os convidados estão desconfortáveis, assustados, querem ir embora da festa, porém Helge pede para que não os deixem ir, pois o filho estava louco. Michael pede para que toquem música em outra sala onde todos se reúnem, exceto Christian, sua irmã e o namorado. Alguns convidados querem ir embora de qualquer maneira, porém não encontram as chaves dos carros.

Uma das funcionárias que trabalhava aí passou toda a festa tentando falar com Michael, até que aparece em seu quarto e pede para que conversem. Ela lhe conta que abortou um filho dele ano passado. Michael dá dinheiro para que ela vá embora, pois não podia fazer nada já que estava com sua esposa e ainda tinha que lidar com o caos que se instalava ali. Ela lhe dá um tapa na cara: “Você é tão louco quanto seu pai”. Ele se irrita muito e reage batendo nela, até que ela cai no chão e ali fica. “Não fale mal de minha família”, anuncia.

Na mesa de jantar, o pai senta-se ao lado do filho Christian e pergunta o que ele acharia se falasse algumas verdades, sobre o menino “mau” que foi na infância, sua dificuldade com as mulheres e como fugiu e deixou sua irmã no momento em que ela mais precisava; ou, então, as vezes que precisou ser internado por causa de sua loucura. “Agora arrasta na lama a família que só quis seu bem. Sua mãe acha que deve partir. Ela não quer vê-lo mais. Mas acho que deve ficar e saber o que é cuspir no rosto de sua família.” Christian mantém-se em silêncio.

A festa continua. Os convidados voltam a beber e a comer, excessivamente, ao redor da mesa de jantar. É hora do discurso da mãe. Primeiramente, ela agradece a presença de todos os convidados e o quanto está feliz por isso; em segundo lugar, agradece ao marido pelos trinta anos de casados e o “infinito amor à sua família que deram a mim tudo que uma esposa pode almejar”. Em seguida, fala sobre cada um dos filhos, começando pelo caçula, com o qual conviveram pouco, pois ele estudou muitos anos fora. Michael não conseguiu se formar como *chef* de cozinha, mas lhe deu três netos. Helène, a solitária da família, decidiu virar cantora, associou-se ao partido socialista e estudou antropologia, mesmo que a vontade dos pais era que fizesse direito. Por último, Christian. Sempre foi especial, uma criança criativa, com muita imaginação. Pensava que seria um grande escritor. Quando pequeno, tinha

um amigo invisível, o companheiro inseparável Snoot. Neste momento, Christian parece sentir aonde a mãe irá chegar com o discurso.

Ela prossegue dizendo sobre a importância de distinguir fato de ficção e como ele tinha dificuldade com isso. A matriarca atribui a dimensão fictícia às histórias contadas pelo filho e diz: “Christian, Snoot estava com você hoje. Francamente, vocês entristeceram o papai. Seria adequado se você se levantasse deixando Snoot na cadeira e pedisse desculpas ao papai. Não há vergonha em pedir desculpas”. Christian está perplexo com toda a fala da mãe. Seu irmão Michael grita à mãe que ele tem problema de cabeça. Segundos depois, o primogênito se levanta, e pronuncia mais algumas palavras. “Em 1974, você, minha mãe, entrou no escritório e viu seu filho de quatro e seu marido de calça arriada. Lamento se me viu assim. E que seu marido a tenha mandado sair. E que tenha saído. Lamento por ser tão hipócrita, corrupta e eu desejar sua morte.” Neste momento, seu irmão e seu tio retiram-no da sala e o colocam para fora da casa. Os irmãos discutem entre si, Christian diz que ele não sabe de nada porque na época que tudo aconteceu Michael estava no colégio suíço, mas em seguida acusa-o de saber de tudo e segue com a provocação. A discussão segue entre tentativas de Christian de entrar na casa e tentativas de expulsão pelos parentes, os quais terminam trancando uma das portas. Contudo, o primogênito consegue entrar na casa novamente e interrompe o canto da avó para continuar sua denúncia contra a mãe, quando novamente é tomado por seus parentes e levado para o bosque, onde o amarram ao pé de uma árvore e ali o deixam.

Ao retornar a casa, Michael, muito nervoso e agitado, depara-se com a irmã e seu namorado querendo saber onde estava Christian. Eles discutem entre si e Michael diz que ele foi embora. De volta à mesa de jantar, Michael continua exaltado e troca provocações com o namorado da irmã. A provocação chega ao auge quando ele começa a cantar uma música preconceituosa e racista acompanhado por toda a família. Helène não suporta a cena e sai enlouquecida da sala em direção ao banheiro, onde conta com a ajuda de Pia, que a consola. Chorando muito, dizendo “vocês são loucos”, Helène pede para que a amiga busque seus remédios e, ao encontrá-los, Pia se depara com a carta deixada pela irmã gêmea de Christian. Ela lê a carta e guarda no seu bolso. Enquanto isso, o mestre de cerimônias convoca os convidados à apoteose, momento de homenagear o aniversariante. Todos saem enfileirados, cantando e se deparam com Christian, que devolve a carta à sua irmã (Pia havia entregado a carta para ele). Helène pensa em ir embora, mas seu namorado a convence para que permaneçam na festa.

De volta à sala de jantar, o mestre de cerimônias lê um bilhete em voz alta de um homem solicitando que sua irmã leia uma carta ao pai. Sentindo-se desafiada ao ser considerada tímida demais para realizar o pedido, Helène levanta-se, muito abalada e decide ler a carta deixada pela irmã. Nos escritos, Linda indica que algum dos irmãos deveria encontrar a carta porque era bom no jogo “tá quente, tá frio”. Christian está presente na sala, atento à leitura da carta assim como todos os presentes. Linda revela o tormento que é sonhar com os abusos do pai novamente, algo que se tornou insuportável para ela. Demonstra seu grande amor pelos irmãos, principalmente por Christian, seu irmão gêmeo. Despede-se com a esperança de encontrar “luz e beleza do lado de lá” e com uma declaração de amor a Christian: “amo-o para sempre”.

Como se o conteúdo da carta não o tivesse atingido, o patriarca pede que sirvam vinho a ele e à sua filha para que façam um brinde. O silêncio toma conta de todo o salão. Pede mais uma vez e não é servido. Quando pede pela terceira vez, muito exaltado, exige que lhe respeitem. “É culpa minha ter filhos tão inúteis? Vocês só serviam para aquilo”, e retira-se da mesa acompanhado de sua esposa.

Christian sente-se muito mal e é levado para o quarto, onde se mantém na companhia de Pia. Ele vê o fantasma da irmã, conversam sobre sua partida e pergunta se deve ir com ela. Sua resposta é não. Eles se despedem com um forte abraço. Momentos depois, Christian desperta com o telefone tocando. Era Helène, dizendo que Michael havia sumido. Enquanto os dois irmãos se reúnem e festejam juntos o triunfo sobre o patriarca, Michael vai atrás do pai, bêbado, transtornado, gritando: “É o pequeno Michael. Estou chegando!”. Helge abre a porta e Michael o agarra puxando-o para fora. Começa a lhe bater muito, mandando que fique calado. “Nunca mais verá seus netos! (...) Essa família “*kaput* (arruinada)!”. O pai tenta se levantar do chão e Michael não permite: “Mandei ficar deitado aí! Sou eu que estou mandando! É Michael, cara!”. Paralelamente, a festa entre os irmãos e os convidados mais próximos continua, quando de repente a matriarca chega desesperada pedindo que socorram o marido. Quando eles chegam, Christian pede que Michael pare: “Já chega, Michael!”. Ele se agacha, olha para o pai ferido esparramado no chão, derrotado, que pronuncia: “Vocês estão me matando. Estão me matando”.

No dia seguinte, todos aparecem sentados à mesa para o café da manhã em um clima mais descontraído. Michael cumprimenta seu irmão, Christian convida Pia para morar com ele em Paris e ela, muito contente, aceita. De repente, o aniversariante e sua esposa entram

pela porta e o incômodo se instala mais uma vez. A filha de Michael vai em direção ao avô e senta em seu colo para que ele leia uma história. Imediatamente seu pai vê a cena e chama a filhinha: “Dorthe! Dorthe! Venha com o papai”, privando o avô do contato com a neta. Helge se levanta e pronuncia suas últimas palavras: “Só queria dizer que sei que quando se arrumarem e forem para a casa eu nunca mais os verei. Agora eu vejo que o que fiz com meus filhos foi imperdoável. Sei que todos vocês, especialmente meus filhos, me odiarão pelo resto da vida. Ainda assim quero dizer que serão sempre meus filhos e que eu os amei e amo não importa o mundo que estejam ou o que façam. A você, Christian, quero dizer que lutou o bom combate, meu menino. Obrigado”. Michael se levanta, vai até o pé do ouvido do pai e diz: “Muito bom, pai. Ótimo discurso. Bem feito. Mas terá de se retirar para podermos tomar café”. Ele responde: “Claro, claro.” Convida sua esposa para sair, mas ela decide ficar. E Helge deixa a mesa do café, sozinho.

### 2.3.3. Família Hansen: uma família “*kaput*”

O filme nos permite participar da hipocrisia dessa família testemunha das denúncias e relatos dos abusos sexuais cometidos por um pai perverso. Vamos fazer uma viagem no tempo e transpor algumas cenas para o período em que os filhos ainda eram crianças e adolescentes e os abusos se passavam naquela casa. Primeira cena: Christian denuncia os abusos do pai à família. Qual a reação de todos? Inicialmente, se mostram espantados e muito incomodados, mas, num segundo momento, a festa continua como se nada tivesse acontecido: o avô faz um discurso em que ignora completamente o que foi dito pelo neto, é aplaudido pela família e Helène termina pedindo aos convidados que não levassem em conta o discurso feito pelo irmão, tentando preservar o quadro da família feliz, enquanto Christian sai de cena. É a primeira tentativa de denunciar o pai e ser acolhido em seu sofrimento, mas o amparo não vem de nenhum dos adultos, assim como acontece com a noção de desmentido de Ferénczi, conceito que trabalhamos anteriormente. O único que apoiou Christian, incentivando-o que permanecesse na casa e fosse até o fim com sua denúncia foi seu amigo de infância, o *chef* de cozinha que trabalhava na festa. Do contrário, Christian tinha desistido, assim como também acontece nas situações em que as crianças e adolescentes não tem o apoio de algum adulto ao denunciar o abuso sexual.

No momento seguinte, quando o patriarca chama o filho para conversar e dizer que não sabia do que falava no primeiro discurso, e que a gravidade do que contara era tamanha que deveriam chamar a polícia, Christian volta atrás e pede desculpas por talvez ter entendido mal o que aconteceu no passado. Para o patriarca, aquelas palavras não eram suficientes para abalar sua figura diante de todos, ele, um homem rico que ocupava lugar de prestígio entre os maçons. Esse episódio poderia representar o tempo em que a sedução entre adulto e criança torna-se algo que merece punição e a criança sente-se responsável por ter enfurecido o adulto. Somada à descrença do seu relato quando decide contá-lo a outro adulto, depara-se com sentimentos ambivalentes, sentindo-se dividida principalmente entre a inocência e a culpa, além de desconfiar do testemunho de seus próprios sentidos.

Com o segundo discurso, os convidados ficam ainda mais incomodados, inclusive o pai de Christian. Seu irmão, Michael, muito identificado com o pai, tenta manter o controle da situação e sai em defesa da família quando o insultam e o comparam com o pai, assim como sua irmã no discurso anterior. Estava na cara que havia algo de errado com a família, mas era como se não quisessem admitir e escancarar a família arruinada que eram.

Mais uma vez o patriarca tenta induzir o filho a desistir do seu propósito ameaçando contar sobre seus comportamentos durante a infância e adolescência, mas Christian não cede e vai até o fim. Sabemos que é muito comum que o agressor ameace a vítima direta nos casos de abusos sexuais, fazendo com que o agredido sintam-se coagido a não contar o segredo a ninguém.

O próximo discurso, desta vez proferido pela matriarca, vem acompanhado pelo desmentido, situação em que ela ainda pede ao filho que se desculpe com o pai, potencializando ao máximo o desamparo de Christian. Mesmo assim, ele tem coragem de acusar a mãe por ser corrupta e hipócrita, uma vez que ela havia presenciado uma cena de abuso do pai com os gêmeos e nada fez. Foi tão insuportável para seu irmão Michael escutar isso que ele decide retirar Christian da sala. Eles discutem e Christian se mostra confuso entre o fato de que o irmão sabia ou não sabia do que acontecia com ele e sua irmã gêmea. A trama do abuso sexual intrafamiliar envolve segredos e situações que costumam deixar alguns rastros e dúvidas entre os familiares sobre algo de errado que possa estar acontecendo, mas que não se tem certeza. Será que Hélène e Michael, ao ouvirem a denúncia do irmão, lembraram-se de algumas situações que teriam conexão com os abusos?

Por fim, Helène lê a carta deixada por sua irmã para os convidados, a última prova dos abusos cometidos pelo pai e motivadores do seu desejo de suicidar-se. Agora não tinha mais como escapar das acusações. Michael, o filho que parecia mais idealizar o pai, fica transtornado, decepcionado e, depois de beber muito, vai até a casa dele a fim de acertar as contas. Priva-o do direito de ver seus netos e mostra que agora ele era a autoridade, simbolizando o parricídio quando o pai anuncia que os filhos estão matando-o. Michael expõe um misto de ódio por tudo de ruim que o pai fez com seus irmãos, mas, além disso, também expressaria a decepção por ele não ser o escolhido? Christian ainda consegue demonstrar certa compaixão ao pai quando pede que o irmão pare de bater em Helgel, sinalizando a presença de sentimentos ambivalentes.

Por fim, o pai arruinado, morto simbolicamente, pronuncia suas últimas palavras, sabendo que depois daquele dia não seria mais visto e respeitado como antes pelas pessoas ali presentes. Michael mais uma vez confirma a destituição do lugar do pai na família quando pede para que se levante da mesa e permita que tomem seus cafés.

Depois de todo o ocorrido, Christian pode realizar sua escolha amorosa ao convidar Pia para viver com ele em Paris e seguir sua vida. Nos chama a atenção o fato de Linda não ter alcançado revelar o segredo em vida, talvez por saber que não acreditariam nela se contasse, ou até já tivesse denunciado os abusos, mas como Christian expressa, sua mãe havia presenciado os abusos e nada fez; então de onde viria o socorro, se também não podia contar com o apoio da mãe? Interessante observar como a gêmea destina o encontro do tesouro (a carta) aos irmãos, que eram bons na brincadeira do “Tá quente, tá frio”. Mesmo estando morta, ela alocou sua última esperança nos irmãos e na força da aliança fraterna que poderia ser formada para derrubar o pai tirânico que cria suas próprias leis dentro da família, como vimos no mito da horda primeva.

## CAPÍTULO 3: OS EFEITOS INTRAPSÍQUICOS DE UM RESENTIMENTO QUE NÃO SE APAGA

Temos, todos que vivemos,  
 Uma vida que é vivida  
 E outra vida que é pensada,  
 E a única vida que temos  
 É essa que é dividida  
 Entre a verdadeira e a errada.

Qual porém é a verdadeira  
 E qual errada, ninguém  
 Nos saberá explicar;  
 E vivemos de maneira  
 Que a vida que a gente tem  
 É a que tem que pensar.

(Trecho de “Tenho tanto sentimento”,  
**Fernando Pessoa**)

### 3.1. Escuta clínica

Com o propósito de elaborar melhor os textos que temos lido relacionados à problemática em que o próprio pai é um pedófilo que abusa sexualmente de seus filhos e como essa verdade pode exercer uma força disruptiva a mais, durante o processo da adolescência dos irmãos das vítimas diretas, recorreremos a algumas breves vinhetas clínicas de três casos que acompanhamos em supervisão no Hospital de Niños Ricardo Gutierrez, em Buenos Aires, Argentina.

#### 3.1.1. Caso 1: Duas irmãs, uma sentença

Relatemos as primeiras entrevistas individuais de duas irmãs, de quinze e treze anos de idade, que chegaram ao hospital por necessitarem de consulta médica, mas acabaram encaminhadas juntamente com a mãe para a terapia de grupo multifamiliar, onde estiveram durante apenas três meses. Em uma das entrevistas<sup>26</sup>, a adolescente de treze anos, demonstrando uma imensa angústia através de seu choro ininterrupto, disse ter vivido na

---

<sup>26</sup> A paciente foi entrevistada pela psicóloga Susana Toporosi, coordenadora da área de adolescência do Hospital de Niños Ricardo Gutierrez.

própria pele o que entendemos ser o segundo tempo do traumatismo psíquico ao ressignificar as marcas de percepções anteriores de que o pai abusava sexualmente de sua irmã. No dia fatídico em que se fechou o sentido do que se esboçava como algo provável, ou seja, do abuso sexual praticado pelo pai contra sua meia-irmã, foi possível entender uma cena perdida na memória: o pai, na calada da noite, ajoelhado no chão, ao lado da cama, apoiado no colchão. A irmã, que sempre dormia no primeiro andar da beliche, já lhe relatara o comportamento do pai e propôs que algum dia trocassem de lugar, mas ela não aceitava por medo. No entanto, houve uma certa noite em que, por estar com medo de um filme de terror que assistiram, ela se deitou no colchão de baixo junto com a irmã e aí dormiu. A jovem fez então o seguinte relato: “mi papá vino y me tocó la teta. No sé si se confundió y creyó que yo era mi hermana, o se hizo a mí”. Apesar de alegar não ter tido reação alguma naquela hora, por não saber o que falaria com sua mãe, a adolescente contou tudo posteriormente, tanto essa cena quanto a anterior em que o pai estava ajoelhado na cama da irmã. Desse modo, acabou ajudando a irmã que, mesmo tendo fugido de casa sob a alegação de ter sido molestada, não tinha conseguido que acreditassem nela. A mãe apenas garantira à filha mais velha que isto não voltaria a acontecer porque, a partir de então, dormiriam juntas e ele não a tocaria mais.

No entanto, depois desse incidente em que o pai tocou a própria filha de treze anos, a mãe chamou a menina e o marido para conversar. Nesta ocasião, o pai pergunta diretamente à filha: “¿Alguna vez le pegué su teta?”. Ela confirma, enquanto ele nega tudo. No outro dia, a mãe chama a outra filha para conversar com o padastro e este lhe pergunta diretamente: “¿Que te toqué, el culo?”. A enteada confirma e ele dispara a chorar e a dizer que não acreditava no que estava acontecendo e que era tudo mentira. Apesar dele mesmo ter se entregado com perguntas tão certeiras, a mãe custava a acreditar, ficava com muita pena dele, afinal, não queria que seu filho de apenas dois anos perdesse o contato com o pai. Finalmente, após três anos de abusos sexuais na família, a mãe pediu ao marido que se retirasse da casa. Entretanto, a falta de discriminação de lugares nesta família que gerava confusões e espelhamentos, tais como os filhos terem o mesmo nome e fazerem aniversário no mesmo dia, novamente se reafirmou. Entretanto, desta vez, através de uma excentricidade menos grave: a mãe e os filhos saíram da casa onde vivem, e que era da avó materna, enquanto o marido lá ficou pagando um aluguel com os recursos que deveriam ser destinado às despesas dos filhos, os quais tiveram de mudar de escola. O sumiço do pai era justificado para o filho mais novo com uma mentira: “Él se fue a trabajar”.

Durante a entrevista, a filha biológica desabava em prantos ao pensar que a imagem que tinha do seu pai havia caído por terra depois de tudo o que passou: “Es que no puedo creer que mi papá hizo eso. No pensé que era capaz de hacer algo así.” A garota se mostra pesarosa e até certo ponto responsável por fazer com que as outras pessoas acreditassem no que estava acontecendo com sua meia/irmã: “Yo le dije a mi mamá porque yo tengo que ayudar a mi hermana porque es mi hermana. Si yo no lo digo todos pensarían que es una mentira. Si no se hace nada pienso que soy culpada. Yo le dije a mi mamá que no me gusta venir acá, pero si tengo que decir lo voy a decir. Por mi hermana. Si no diría nada, nadie creería a mi hermana y a ella le pensarían loca”.

Alguns pontos nesse enredo merecem nossa atenção. A vivência do segundo tempo do traumatismo psíquico pela filha legítima do pai lhe causou uma imensa angústia. A decepção sentida por ela diante do que seu pai fez foi tamanha que provocou a reação de denunciá-lo e sair em defesa da irmã, ou em sua própria defesa, já que ele terminou tocando-a também, ainda que permaneça a dúvida se foi algo proposital ou se ele se equivocou de corpos. Qual a função dessa garota na família? E da sua mãe? A filha que denuncia o abuso prevê a possibilidade de sua mãe desmentir o ocorrido, quando justifica a razão pela qual seu pai precisa perguntar se alguma vez já lhe tocou bem diante da sua mãe. E, mesmo quando sua mãe afirmou acreditar na ocorrência do abuso, ainda assim parecia confiar mais na inocência do seu companheiro, uma vez que não demonstrava sentimentos e reações negativas frente ao agressor. Como a garota devia se sentir com uma mãe que se cala e um pai que age dessa maneira?

A garota, tomada pelo sentimento de onipotência, ao colocar-se no lugar de salvadora, parece carregar a obrigação de ter que tomar uma atitude em respeito ao vínculo fraternal e consanguíneo que tinha com sua irmã, afinal, afirma que fez o que fez em favor de sua irmã. Para ela, era mais provável que acreditassem na sua palavra ao denunciar os abusos do que na palavra da irmã. A vítima que sofreu durante os três anos abusos do padrasto demonstra uma confiança grande na irmã mais nova, pois revela a verdade a ela antes de dizer à própria mãe, temendo que ela não acredite ou que seu pai deixe a casa e seus irmãos fiquem sem ele. A jovem relata que se sentiria culpada se não dissesse a verdade, mesmo que o acusado fosse seu próprio pai.

Outra indagação chega ao pensamento: uma hipótese, teria a mãe imaginado a insuportável cena incestuosa do pai com a própria filha e, a partir dessa visão, ela tenha

decidido tomar uma decisão com relação ao marido e sair de casa? Será que podemos pensar que a mãe teria dado mais créditos à menina mais nova por ela ser filha legítima desse pai, já que a outra filha, abusada há vários anos, era sua enteada?

A filha legítima do pai contou que à noite, seu irmãozinho ia dormir na cama dos pais e o seu pai ia até a cama da irmã, ocorrendo uma troca de lugares. Essa situação, somada ao fato de os filhos terem o mesmo nome e fazerem aniversário no mesmo dia, evidenciava a indiscriminação de lugares nessa família. Constatamos também a presença de mecanismos renegatórios, como a mentira contada para o filho mais novo pela mãe. Outra característica que devemos destacar é o sentimento de ambivalência que a garota sentia, pois ela manifestava o desejo de ver o pai, mas sempre pensava, com raiva, em tudo o que aconteceu quando ia visitá-lo acompanhada do irmãozinho.

### 3.1.2. Caso 2: O interminável ciclo de decepções

No segundo caso, veremos o impacto da evidência de um pai perverso na história de uma adolescente de dezessete anos<sup>27</sup>. Após uma esquentada discussão entre ela, sua irmã mais velha e seu pai, a garota decide ingerir uma grande quantidade de medicamentos e acaba sendo internada no hospital por tentativa de suicídio. A pele da jovem está assinada com grandes cortes na superfície e, seu peso, marcado por um transtorno de conduta alimentar (anorexia). Além dessas marcas, ela revela sintomas como crises de ansiedade e depressão. Quando chega ao hospital, ainda não sabia sobre o abuso sexual cometido pelo seu pai, e só ficará sabendo após um ano de tratamento.

Clara (nome fictício) vive com a mãe e sua irmã mais velha por parte de mãe. O pai da irmã não vive na mesma cidade que elas, mas se falam com frequência e algumas vezes ela vai visitá-lo. Já Clara, não vê seu pai há mais de três anos. Ela imagina que ele foi embora por sua culpa, após ter dito que não queria mais vê-lo e que desaparecesse de sua vida, em uma discussão que tiveram. “No era fácil para mí aceitar que se habia ido”, relata a jovem. Na descrição da garota, apesar de ser um pai muito afetuoso e amável com ela, é um mulherengo

---

<sup>27</sup> Essa adolescente foi acompanhada pela psicóloga Cynthia Funes e por uma equipe de profissionais composta por psicólogos, terapeutas ocupacionais e psicopedagogos, coordenada pelos terapeutas Thomas Hass e Patrícia de Giovanni.

que esconde muitas coisas; não é um bom pai. Define sua relação com ele através de duas palavras: “mentiras y abandono”.

A garota não tem apenas uma irmã, na verdade, não sabe ao certo quantos irmãos tem por parte de pai. Sua mãe acredita que ele tenha oito filhos no total: três de uma mesma mulher vivendo em outro país, três que vivem no próprio país, além de Clara e mais outra menina. Quando o casal se conheceu, ele era cozinheiro e parecia uma pessoa muito carinhosa e amável. Contou que estava separado e que tinha um filho. Após um ano de relacionamento, ele se muda para a casa da companheira e, aos catorze meses da filha Clara, a mãe fica sabendo de um fato chocante que irá provocar o seu rompimento com ele: ela ficou sabendo que ele havia engravidado uma adolescente de treze anos, filha de sua última companheira. A mãe achou melhor não contar nada para a filha, pois à época ela tinha apenas onze anos. Daí em diante, passa a suspeitar de que o ex-companheiro tenha abusado de sua filha mais velha. Certa vez, ele pede para ficar na casa da ex-mulher porque havia se acidentado, porém, sua filha reage com temor e recusa a entrada dele na casa. Quando a mãe lhe pergunta sobre o possível abuso, a garota nega. Somente um ano depois ela conta que os abusos aconteciam quando o pai de Clara ficava com elas em casa enquanto a mãe viajava a trabalho.

Apesar de a mãe de Clara relatar que anteriormente as duas tinham uma boa relação, atualmente já não se entendiam; sentia que a filha a tratava de forma ríspida e estava distante. Clara assume não confiar na mãe porque pensa que ela lhe esconde coisas e diz que “ya tuve bastante con mi papá”. Direciona provocações a ela com frases do tipo: “vos no te das cuenta de nada, así que no me sorprende”, mas não esclarece a que tipos de situações se refere. Com relação aos cortes, para ela “era un alivio, como sacar un poco el dolor de la mente. Además era algo que podía controlar en el descontrol de mi casa”. Sentia-se como a filha que faz tudo mal, ao contrário da irmã, que era mais tranquila e não gostava de sair muito. Ela se considera uma garota contestadora e brigona que tem dificuldades com as exigências.

Na escola, Clara faz somente as tarefas que lhe interessam, chega tarde e vai às aulas quando quer. Durante o tratamento no hospital, ela demonstra dificuldades para se relacionar com as outras pessoas que participam das atividades terapêuticas grupais. Em um episódio, morde uma das companheiras e lhe joga um copo d’água sem motivos aparentes. Apesar de costumar ficar isolada do grupo, revela ter amigos na internet, inclusive uma namorada virtual, dizendo que a ela não lhe interessa nem um pouco o vínculo com homens. Com os coordenadores dos grupos, geralmente apresenta atitudes provocativas, principalmente com

quem poderia representar a imagem ou função paterna. Ela revela que sente muito medo de se parecer com o pai e pedia que lhe contassem tudo relacionado ao pai, pois não queria se desestabilizar emocionalmente, surpreendida por algo que lhe dissessem sobre ele.

Após um ano de internação, sua mãe decide contar a verdade sobre o sumiço do pai. Clara reage com profunda decepção, se irrita muito com a mãe por ela não ter lhe contado antes e diz: “es um hijo de puta. Nunca lo vi como el tipo que hacía estas cosas”. Certa vez, durante seu tratamento, disse “a mí me gustaría que mi papá sea todo malo, sea una mierda. No que tenga las dos cosas, sería mucho más fácil”, querendo dizer que era melhor que fosse todo mau do que ser mau e ter uma parte boa. Muitas vezes se confundia entre sentimentos de amor e ódio ao falar sobre o pai, e algumas vezes dizia que sentia saudades dele.

Clara ainda não conseguiu conversar sobre o ocorrido com a irmã, cada vez que a olhava não conseguia sustentar o olhar porque se sentia representante do pai e não podia crer no que ele fez. As duas irmãs brigavam muito uma com a outra. Depois que Clara ficou sabendo do que seu pai fez passou a ser mais compreensiva com a irmã e aos poucos as relações familiares foram melhorando e, assim, os laços sociais fora de casa também.

No hospital, muitos profissionais manifestavam a dificuldade para lidar com a conduta antissocial da moça, cujas atitudes reivindicatórias e oposicionistas se direcionavam principalmente aos homens que poderiam remetê-la a alguma lembrança de seu pai. Sentia que as pessoas que deveriam cuidá-la poderiam lhe causar sofrimento e não podia confiar nos homens, prova disso foi a interferência na sua escolha, pelo menos a princípio, de relacionar-se com outra mulher, ainda que virtualmente.

A questão traumática neste caso nos faz questionar se não estaríamos diante da concepção do trauma cumulativo, em que a soma dos efeitos de cada acontecimento decepcionante revelaria o verdadeiro caráter traumático. Neste caso, já havia um sentimento de decepção pela jovem diante do abandono do pai e sua relação com outras mulheres, mas, apesar de todas as coisas ruins que ele havia feito, ela não imaginava que seria capaz de algo tão monstruoso como abusar de sua enteada, ressaltando a visão social de que o incesto é visto como o pior dentre todos os crimes que uma pessoa pode cometer. No início não aguentava nem ouvir o nome do seu pai, se angustiava muito e dizia que “hay cosas que los adultos no poden hacer”. Será que ela se referia ao abuso ou à decepção com o fato de os adultos não serem detentores do saber?

Uma pergunta ecoa em nossa cabeça: Será que a jovem nunca desconfiou de nada, já que os abusos aconteciam no banheiro, quando estavam os três em casa? E a mãe da adolescente, mesmo sabendo que o pai havia cometido um abuso sexual, inclusive engravidando sua enteada, não o denunciou. Na segunda oportunidade que teve para denunciá-lo também não o fez, por quê? A hipótese diagnóstica para mãe e filha é um funcionamento psíquico do tipo *borderline*. Com um pai perverso e uma mãe *borderline*, onde as filhas poderiam buscar espelhamento e amparo? Percebemos um desamparo muito grande com relação às filhas em toda essa trama e uma das saídas possíveis para uma construção subjetiva e o encontro de modelos identificatórios seria em seus pares, trabalhando na construção e valorização dos vínculos fraternos. Às vezes pensamos que as funções maternas e paternas são as principais, contudo, felizmente, também podem ser supridas pelos pares. Prova disso foi que, à medida que sua relação com a irmã foi melhorando no decorrer do tratamento, a garota pôde se relacionar melhor com seus companheiros tanto do hospital como da escola.

Percebemos a incidência de mecanismos renegatórios nessa família, tanto por parte do pai quanto da mãe. Vemos que a clivagem egóica está muito bem instalada na jovem, de um lado, sua capacidade de sentir ódio diante das atitudes do pai, de outro lado, amor, quando revelava sua saudade e a vontade de vê-lo, afinal, sempre foi muito amoroso com ela, apesar de tudo. A clivagem representa um obstáculo à reconstrução identitária, assim, esperamos que com o tratamento seja possível integrar as partes boas e más do objeto internalizado, no caso, seu pai e assim, manter algum respeito por ele.

### 3.1.3. Caso 3: Um namorado que seja reflexo de quem?

No terceiro caso, veremos o dilema de uma jovem de catorze anos<sup>28</sup> que, depois de realizar inúmeras visitas às escondidas ao pai que se encontrava preso, inteirou-se de que ele havia abusado sexualmente de sua irmã por parte de mãe, sendo esse o real motivo do seu encarceramento. O pai biológico da garota, alcoolista, acusado de ter abusado de outras filhas do primeiro matrimônio, ficou quatro anos preso. Quando saiu da prisão, conseguiu falar com a filha biológica em segredo e disse que era inocente, mas ela não acreditou.

---

<sup>28</sup> Essa adolescente foi acompanhada pelo psicólogo Tomas Vargas e por uma equipe de profissionais composta por psicólogos, terapeutas ocupacionais e psicopedagogos, coordenada pelos terapeutas Thomas Hass e Patrícia de Giovanni.

A adolescente foi internada pela primeira vez no hospital por ter ingerido uma grande quantidade de medicamentos antiepilépticos após uma discussão com a irmã mais velha por parte de mãe, “me enteré de cosas de la familia, de mi papá”. Depois de ficar uma semana no hospital para fazer uma desintoxicação, volta a ser internada no mês seguinte por apresentar condutas sociais de alto risco.

Há mais de um ano sem estudar, ela passou a consumir drogas ilícitas, como maconha e cocaína, e também a se cortar e a ter crises de angústia. Em sua casa, várias gerações de filhos e primos convivem juntos: dois filhos que seu pai teve com a tia materna, três filhos do pai com sua mãe e dois filhos de sua mãe com seu padrasto. Além dos cinco filhos que a mãe possui, ainda conta com mais um, o primogênito que teve com outro homem, mas esse vive com os avós em outra cidade.

Muitas vezes antes de deitar-se para dormir, a garota sente-se mal, angustiada e começa a chorar, “me pongo a pensar en las cosas que hice mal”. Sente muito medo, às vezes tem vontade de fugir de casa e ir para a casa de algum amigo. Sua mãe sente a filha muito angustiada porque a irmã que foi violentada está sem tratamento, não quer se tratar. Quando a filha se sente assim, revela o desejo de morrer como a avó falecida e encontrá-la no céu, pensando que “Díos me abandonó”.

Podemos destacar que a jovem pertence a um grupo familiar em que todos os moradores da casa são considerados irmãos: no mesmo espaço convivem primos e irmãos de diferentes relações, uma mistura que leva à indiferenciação entre os pares. Outra confusão se faz presente, percebemos que os sentimentos da garota com relação ao pai se dividem entre negativos e positivos; às vezes ela pensa em procurá-lo, inclusive adicionou-o nas redes sociais, entretanto, em outros momentos não o reconhece mais como seu pai, dizendo que agora é filha do padrasto, não suporta lidar com as novas revelações que continuam aparecendo sobre seu pai biológico. Certa vez, comentou sobre uma conversa entre as companheiras da escola em que diziam que a menina escolhe um namorado que seja reflexo de seu pai e ficou se questionando: “y yo con mi papá y mi padrasto ¿quién voy a elegir?”. Sua mãe conta que uma vez a filha conheceu um garoto adicto com antecedentes penais por quem a filha ficou muito apaixonada. A menina também mantém uma ligação muito forte com o primo-irmão (filho da tia com seu pai) mais velho que vive na mesma casa que ela, quem ela considera sua “otra mitad, no sé por qué, pero es así”. Uma vez ele foi preso, não

sabemos por qual motivo, mas ela se sentiu muito mal e se cortou. Depois que ele saiu da cadeia, pôde se sentir melhor.

O fato de sua mãe ter tido vários companheiros parece causar um grande incômodo na adolescente, “mi mamá no se aburría”, deixando transparecer conflitos entre lealdade e traições. A filha se apresenta como suporte da mãe, se oferece para ajudá-la várias vezes, ficando ligada às suas preocupações e sentimentos. A mãe da jovem confirma que ela é a única filha que lhe ajuda quando precisa. Durante o tratamento, manifesta a vontade de separar-se um pouco da mãe. Com relação à irmã, parece que ainda não conseguiram estabelecer uma relação estável, pois a jovem sente-se muito desconfortável depois de tudo que seu pai fez. Apesar disso, se identifica em um ponto com a irmã quando revela o desejo em comum de serem policiais. Seria importante trabalhar na direção de se construir uma aliança entre as irmãs para que a garota possa se separar do pai e entender que ela não tem nada a ver com que o pai fez, mostrar que há outras possibilidades que não a de identificar-se com ele.

#### 3.1.4. Pontos de convergência nos três casos

Encontramos alguns pontos em comum nos três casos que merecem destaque. O primeiro deles, é a presença de sentimentos como vergonha, culpa, ansiedade, ambivalência nas jovens. Quando Fuks (2000) expõe algumas consequências imediatas e tardias do abuso sexual sofrido por crianças e adolescentes, ela inclui esses sentimentos e, mostra que a longo prazo, podem aparecer outras manifestações sintomáticas, como quadros de transtorno de condutas alimentarias, condutas antissociais ou problemas de conduta, tendência às adições, perturbações do sono. Além desses quadros, destaca a autoestima baixa e uma percepção egóica danificada como consequências mais abrangentes. A partir dessas observações, podemos constatar a proximidade entre essas manifestações sintomáticas e aquelas apresentadas pelas jovens irmãs das vítimas diretas do abuso.

Esse fato nos coloca diante de uma série de outros questionamentos: estaríamos perante às fantasias de gozo e culpabilidade, como aquelas descritas por Freud em seu texto “Uma criança é espancada” (1919/1996j)? A violência de cada pai biológico às suas enteadas seria de certa forma agradável aos olhos das filhas legítimas que foram obrigadas a dividir o amor e a atenção dos pais com suas irmãs, gratificando o ciúme delas? O desejo de atacar a

irmã teria se tornado real a partir da violência do pai? E as fantasias edípicas que se tornaram reais, não comigo, mas com a outra? Podemos falar em uma identificação das irmãs com as vítimas diretas de abuso?

Percebemos nos três casos que, anteriormente aos abusos, a relação entre as filhas biológicas e seus pais era estreita, influenciando no aparecimento de sentimentos ambivalentes, além de culpa e raiva, conforme havia sugerido Angelcos *et al.* (2011) em seu estudo. Encontramos a presença do mecanismo da clivagem do eu diante da ação paterna e outros atos perversos praticados por ele, o que pode representar um entrave para o processo de reconstrução identitária. Curiosamente, nos três casos o abusador é o padrasto da vítima direta e pai biológico da adolescente que manifesta os sintomas, chamando atenção também para a importância da construção de vínculos subjetivos nos modelos familiares diferentes da família nuclear<sup>29</sup>. Podemos falar na disfuncionalidade dessas famílias, já que as funções materna (de amparo) e paterna (de corte) se mostram confusas e deficitárias. Como nos lembra Uchitel (2000), “a mãe, talvez pelo seu próprio trauma e pelo seu próprio desamparo, fracassa na sua necessária função protetora, mediadora e metabolizante” (p. 148), sem contar que o pai ou padrasto nesses casos estão ausentes ou são os próprios agressores. Faltam suportes para a angústia, referências e simbolizações a essas jovens e suas irmãs em suas famílias.

O sobrepeso das verdades impactantes recai sobre o psiquismo dessas jovens garotas, claramente inocentes, mas que se sentem de alguma forma culpadas pelas coisas ruins que seus pais fizeram. No presente trabalho, não alcançaremos explorar todas as nuances da incidência traumática das decepções no aparelho psíquico, até porque nos parece algo muito mais complexo do que imaginamos. Contudo, focaremos em alguns sentimentos e mecanismos que podem provocar danos maiores ao psiquismo a partir dos acontecimentos vivenciados, como a recusa, o ressentimento, o remorso e a relação deles com o mecanismo da clivagem.

---

<sup>29</sup> Chamamos de família nuclear “aquela composta por um par heterossexual casado, monogâmico, unido por laços sentimentais, por uma cooperação econômica contínua e por um interesse comum ligado ao cuidado da prole” (Mandelbaum, 2008, p. 28).

### 3.2. Sentidos para a recusa (*Verleugnung*)

O psicanalista francês Octave Mannoni nos lembra em seu importante texto “Ya lo sé, pero aun así...”<sup>30</sup> (1973), famoso pela perspicácia da escolha da frase para falar sobre a recusa, que constantemente a psicanálise se depara com problemas relacionados à crença, à renegação e à percepção, mas poucos se dedicaram a estudá-los. Freud abre caminhos e deixa “cabos soltos”<sup>31</sup> para essa problemática ao associá-la à *verleugnung* (recusa, renegação ou desmentido) e a clivagem do eu, principalmente no artigo de 1927, “O fetichismo”, trabalhando-a novamente em um dos seus últimos artigos, o inacabado texto “A divisão do eu no processo de defesa” (1940[1938]). Apesar de reconhecer que o mecanismo da *Verleugnung* está mais associado às psicoses e perversões na obra freudiana, sua associação às questões da crença pode nos oferecer valiosos questionamentos à sua presença nas neuroses e contribuições para pensarmos nos mecanismos presentes nos casos das jovens apresentados anteriormente.

Começaremos com as ideias expostas no texto freudiano de 1927, em que o autor nos mostra como a *Verleugnung* interfere na constituição do fetichismo, para depois entender a relação entre a cisão do eu e o processo de recusa em outros casos, para além do fetichismo. Quando o menino entra em contato com a anatomia feminina pela primeira vez, ele se depara com uma terrível decepção: a mulher não possui pênis como antes pensava. Porém, mesmo diante dessa prova da realidade, o menino se recusa a tomar conhecimento desse dado em sua percepção – o de que a mulher é desprovida de pênis. Nas palavras de Freud (1927/2014), “o fetiche é o substituto para o falo da mulher (mãe) do qual o menino acreditou e ao qual – sabemos por quê – deseja renunciar” (p. 304), pois, se ela é castrada, o menino sente que também corre o risco de ser castrado pelo pai. O pânico pelo qual a criança é tomada não faz com que ela apague a percepção que teve da falta do pênis na mulher. A percepção é mantida, mas não podemos afirmar que, depois da sua observação, o menino mantém intacta a crença de que ela tem um falo. De acordo com Mannoni (1973), o menino repudia o desmentido que a realidade lhe confere, com a intenção de manter a sua crença na existência do falo materno, mas não conserva intacta sua crença, porque ao mesmo tempo em que a conserva, a abandona. Ele acaba apresentando uma atitude dividida com relação a essa crença, pois

<sup>30</sup> Eu sei, mas mesmo assim...

<sup>31</sup> Expressão muito utilizada por Ricardo Rodolfo para referir-se à teorização de Freud sobre a *Verleugnung* e a crença (comunicação pessoal, 21 de setembro de 2015).

No conflito entre o peso da percepção indesejada e a força do desejo contrário chegou a um compromisso, o que é possível apenas sob a direção das leis do pensamento inconsciente – dos processos primários. Sim, na psique a mulher continua a ter um pênis, mas este pênis já não é o mesmo de antes. Outra coisa ocupou seu lugar, foi como nomeada seu substituto. (...) O horror à castração ergue para si um monumento, ao criar esse substituto. (...) Agora vemos o que o fetiche faz e de que modo é mantido. Ele subsiste como signo de triunfo sobre a ameaça de castração e como proteção contra ela (Freud, 1927/2014, pp. 305-306).

Isso significa que o fetichista repudia a experiência que comprova a ausência do falo nas mulheres, contudo, não mantém a crença de que elas não possuem falo, ele cria um fetiche como substituto, porque sua própria experiência mostrou que mulheres não têm falo. Ele não apaga a experiência vivida, pelo contrário, como afirma Mannoni (1973), ele cria uma maneira de torná-la indelével, algo que marcará para sempre o fetichista. Assim, para Freud (1927/2014), “a última impressão antes do que foi traumático, inquietante, é que seria conservada como fetiche” (p. 307). Pensando que a fórmula “eu sei, mas mesmo assim...” representa uma maneira de mostrar que uma crença pode ser abandonada e conservada ao mesmo tempo, no caso da perversão do fetichista, ela não poderia ser aplicada, pois ele sabe bem que as mulheres não possuem falo, porém, não existe a possibilidade de acrescentar um “mas mesmo assim...” porque, para ele, esta parte da fórmula é o próprio fetiche.

O artigo freudiano “A divisão do eu no processo de defesa” (1940[1938]) é considerado sequência do estudo sobre o fetichismo, em que Freud investiga a atuação do eu diante de circunstâncias difíceis, revelando o trabalho de clivagem do eu em consequência da recusa, no qual uma parte do eu aceita e reconhece a realidade e a outra não a reconhece ao negar a percepção da realidade ou parte dela. Esse mecanismo está presente nos indivíduos para além dos casos de fetichismo e psicoses, também o encontramos nas neuroses, porém, com características diferentes. Os neuróticos utilizam o mecanismo da *Verleugnung* para lidar com outros tipos de crenças. Para Mannoni (1973), podemos dizer que a recusa do falo materno seria o primeiro modelo de todos os repúdios da realidade e constituiria a origem de todas as crenças que sobrevivem ao desmentido da experiência. Essa seria a contribuição do fetichismo, já que seu entendimento nos obriga a contemplar com certa perplexidade uma série de fatos cotidianos e triviais que poderiam passar despercebidos por nossos olhos e ouvidos.

O embaraço psíquico provocado nas jovens adolescentes após os eventos traumáticos chama nossa atenção para a possibilidade de produção de modos de funcionamento mental em que a *Verleugnung* tenha uma presença marcante. Essa temática é muito bem trabalhada por Figueiredo (2003), após a sua percepção de que alguns de seus pacientes apresentavam

características peculiares em seu funcionamento mental. Exploremos suas contribuições. Ele percebeu que essas pessoas exibiam, por um lado, a capacidade de registro e armazenamento de aspectos importantes da realidade interna e externa, além da habilidade para comunicar o que haviam captado nos outros e em si mesmos, nas diversas situações vividas, principalmente aquelas mais difíceis e dolorosas. Por outro lado, apresentavam a tendência de não tirar conclusões desses elementos e de não ser capazes de integrá-los uns aos outros e assim ter uma visão conclusiva da realidade própria e alheia. São pessoas que acumulam e armazenam os elementos no psiquismo, que se repetem insistentemente, mas excluem a influência deles na tomada de decisões e posições favoráveis. Octave Manoni traduziu bem essa situação na frase já citada “Eu sei, mas mesmo assim...”. Eles sabem, mas mesmo assim, o que fazem de útil com esse saber? “Conservam-se dotados, simultaneamente, de um saber que os torna muito desconfiados e sem esperança e, de uma ingenuidade e falta de experiência que os deixa permanentemente à mercê de ‘surpresas’ e novos traumatismos” (Figueiredo, 2003, p. 58).

Algumas áreas de contato com a realidade parecem preservadas nessas pessoas, e nelas a capacidade de conexão e discriminação operam muito bem, revelando que aqui a capacidade de tomada de decisões é possível operar com eficiência. Outras dimensões da realidade, ao contrário, parecem muito comprometidas. Parece haver uma *resistência* proveniente daqueles elementos que são percebidos, guardados e relatados repetitivamente; nas palavras de Figueiredo (2003), “não se trata de não-ver e de não-lembrar como forma de resistência, mas de, ao contrário, fazer dessas percepções e lembranças recorrentes um empecilho ao progresso da vida” (p. 58).

Seguindo as ideias do autor, o mecanismo da *Verleugnung*, localizado por Freud como elemento central no fetichismo e na psicose, além de ser uma defesa básica presente na constituição normal do psiquismo infantil, é melhor entendido como “desautorização”, pois, através desse termo, é possível destacar um aspecto fundamental desse mecanismo, o da “interrupção de um processo pela eliminação da *eficácia transitiva* de um dos seus elos” [itálicos do autor] (p. 59). Para o autor, a recusa nos remete a uma dimensão temporal e processual do psiquismo, pois *o que se recusa é o que vem ou viria depois de uma dada percepção*. Não se nega o que se vê, mas as possíveis inferências que o psiquismo possa ter a partir daquilo que se vê. De acordo com Figueiredo (2003), na fórmula “Eu sei, mas mesmo assim...”, “o ‘*eu sei*’ não é puramente ou liminarmente desmentido; o que se impede é a consequência dessa saber; nessa medida, o ‘*mesmo assim...*’ aponta para a preservação de

uma posição subjetiva que não pode ser alterada” [itálicos do autor] (p. 60). No texto de Freud sobre o fetichismo, ele considera que a interpretação de Laforgue sobre a escotomização, processo em que há uma perda parcial da visão e por isso não se formariam imagens no campo visual do sujeito, não se aplica à *Verleugnung*, pois nela as imagens são formadas, embora algumas delas tornem-se de alguma maneira ineficazes. A percepção permanece e o trabalho da defesa é tentar restringir ou anular a autoridade dessa percepção. Contudo, como explica Figueiredo (2003), “a percepção é desfalcada da *autoridade* para ensejar outras percepções e outros processos psíquicos, vale dizer, é mantida isolada do processo perceptivo e das suas conexões naturais com os processos mnêmicos e de simbolização” [itálico do autor] (p.60). E como a psicanálise entende a percepção e a possibilidade de sua desautorização?

Seguindo as ideias de Figueiredo (2003), uma percepção se caracteriza basicamente por sua capacidade de dar lugar a outras percepções. Inicialmente, a desautorização não incide sobre a percepção propriamente dita, mas do que dela pode vir, como outras percepções e outros processos psíquicos. A recusa não admite novas percepções e acaba desautorizando a “capacidade de uma *percepção transitar para outras conservando uma certa continuidade*” [itálicos do autor] (p. 61). Dessa forma, nos deparamos com uma perda da *eficácia* de uma percepção quando essa é desautorizada, porque sua capacidade de engendrar outras percepções ou a possibilidade de levar uma dada sequência perceptiva a certas conclusões e reativar lembranças é comprometida. Diante da desautorização, “a percepção não perde significado (...), mas perde *significância*” [itálico do autor] (Figueiredo, 2003, p. 61). Com isso, entendemos que não há uma obstrução total do processo de simbolização, apenas parcial, por causa desse desvio no percurso. O que acontece é que uma parte da cadeia de associações é retirada e identificada como uma “quase-coisa”, em que itens colecionam lembranças que se encontram dissociadas do fluxo psíquico porque perderam a capacidade de metaforização e, portanto, de interpretação. Sintetizando essas ideias com o próprio autor, “uma desautorização da eficácia transitiva refere-se ao que já pôde se configurar e entrar, parcialmente, no campo do sentido. Entra nesse campo, mas não pode circular por ele, não pode ser interpretado e metaforizado” (p. 62).

Parece-nos importante explicar o funcionamento do processo de uma percepção propriamente dita. Para Figueiredo (2003), uma percepção desse tipo necessariamente deve passar por três momentos: um primeiro momento de síntese, que gera formas, produz certo fechamento que demarca e fornece figurabilidade a algo; um segundo momento, em que

ocorre o desfazimento das figuras fechadas e formadas no momento anterior, permitindo a articulação das figuras percebidas com outras figuras; e um terceiro momento, novamente de síntese, o qual garante a continuidade, fluência e transitividade do processo perceptivo, sendo aquilo que se mostra como “realidade” em termos fenomenológicos. “A chamada ‘recusa da realidade’ é, assim, a recusa dessa última dimensão transitiva do processo perceptivo” (Figueiredo, 2003, p. 63). Como numa cadeia em que cada percepção por si só se torna *significante* e abre portas para o campo das memórias e expectativas nas quais operam os processos de representação. Dessa forma,

A percepção desautorizada retém um potencial traumático imenso, ao mesmo tempo que tem sua eficácia transitiva abolida. Quanto mais impactante o objeto de uma percepção, maior o seu potencial disseminativo e metafórico, mais percepções novas ela será capaz de gerar, mais elos serão acionados e novas trilhas das redes associativas serão abertas e investidas. (...) Se esse potencial disseminativo não puder ser minimamente metabolizado, se as transições forem por algum motivo obstruídas, dá-se uma experiência de digestão difícil e traumática” (Figueiredo, 2003, pp. 63-64).

A relação da desautorização com o traumático nos interessa principalmente no ponto em que provoca o retorno repetitivo das “quase-coisas” geradas pela desautorização, impedindo a elaboração da experiência traumática. Conforme os escritos do autor, esses materiais chegam ao psiquismo de forma indigesta e descontrolada, provocando um grande embaraço que, em casos menos graves, pode soar ao sujeito apenas como um estado crônico de confusão, mas, nos casos graves, pode assumir um caráter demoníaco ou persecutório, gerando uma sensação de estar sendo ameaçado constantemente.

Quando inserimos a fórmula “eu sei, mas mesmo assim...” no clima nebuloso que comentamos acima, todo o saber é posto em dúvida quanto a sua capacidade de levar a algum lugar, a alguma conclusão ou decisão, “embora na sua realidade mesma seja um saber irrecusável” (Figueiredo, 2003, p. 65). No filme que contamos no segundo capítulo deste trabalho, podemos ver como Christian é desautorizado em sua percepção sobre os abusos do pai quando o patriarca coloca em xeque sua denúncia e o filho recua, por um momento, dizendo que pode ter se confundido quanto às suas recordações. Diante do desmentido ou recusa tanto do pai como da mãe (no discurso em que pede ao filho que se desculpe com o pai), nos deparamos com a possibilidade do desaparecimento ou perda desses conteúdos na cadeia dos significantes.

Podemos observar que o funcionamento do mecanismo da *verleugnung* também está presente nas adolescentes das vinhetas clínicas que contamos como defesa contra a angústia, quando as garotas tentam manter as experiências traumáticas e os sentimentos associados

apartados no psiquismo. Contudo, para o psicanalista Ricardo Rodulfo (2015), a renegação trata-se de algo que vai além da defesa; é um processo, uma forma de funcionamento em que há um desdobramento de duas ideias: sei uma coisa, mas creio em outra e posso manter as duas visões sem que seja necessário reprimir alguma delas<sup>32</sup>. Para Figueiredo (2003), a *Verleugnung* é uma “tentativa de lidar com a duplicidade do erótico gerando as duas atitudes diante da realidade” (p. 72). Ao parafrasear Mannoni, poderíamos aplicar em sua frase a ideia “Eu sei que dói saber que meu pai não é aquilo que eu sonhava, mas mesmo assim eu o amo”. Neste caso, poderíamos pensar no mecanismo da renegação também como uma saída positiva de maior tolerância à realidade, uma saída criativa diante da dor? Uma tentativa de ter esperança a partir da crença, a qual é preferível manter a reconhecer a dureza da realidade e me render a ela? Ricardo Rodulfo trabalha a crença como importante ativadora da criatividade e, para ele, “sem ilusão a relação com a realidade é sem sentido”<sup>33</sup>, pois manter uma crença também significa manter a ilusão de que há esperança de vida mesmo diante da adversidade. Contudo, deixaremos para pensar nessas perguntas e ideias em outra oportunidade de estudo.

### **3.3. Ressentimento e remorso: afetos que infectam<sup>34</sup>**

A recordação das decepções causadas pelos pais e o sentimento de culpa despertado pela ação traumática após a descoberta dos fatos parecem presenças constantes no psiquismo das jovens irmãs. Ao mesmo tempo em que demonstram se sentirem culpadas pelos danos causados, culpam seus pais pelo sofrimento que sentem, atribuem a eles a responsabilidade pelo sofrimento que parece não ter fim. Esse tipo de sofrimento de caráter interminável nos remete ao ressentimento<sup>35</sup>, um conceito que não foi teorizado na psicanálise, mas que alguns psicanalistas se aventuraram a desvendá-lo e do qual também tentaremos nos aproximar. No livro em que se debruça sobre a temática do ressentimento, Kehl (2014) define de forma ampla o ressentir-se como “atribuir ao outro a responsabilidade pelo que nos faz sofrer” (p.13), “uma categoria do senso comum que nomeia a impossibilidade de se esquecer ou

<sup>32</sup> Ideias apresentadas por Ricardo Rodulfo em aula (Comunicação pessoal, 09 de novembro de 2015).

<sup>33</sup> “Sin ilusión la relación con la realidad es sin sentido” (Comunicação pessoal, 21 de setembro de 2015).

<sup>34</sup> Frase derivada da ideia de Luis Kancyer sobre o ressentimento como afeto que afeta.

<sup>35</sup> Reconhecemos que o ressentimento e sua articulação com os valores morais ocupou um lugar de destaque na obra do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, porém, não faremos uso dessas articulações neste trabalho. Não nos esquecemos, portanto, da importante contribuição de seus escritos sobre o ressentimento aos trabalhos de outros estudiosos, inclusive naqueles utilizados na presente dissertação.

superar um agravo” (p.14). Questionando se se trata de uma impossibilidade ou recusa, o ressentimento trata-se de uma repetição ativa do sentimento que traz sofrimento mantida pelo próprio ofendido; trata-se de um não querer esquecer e superar o mal que o lastimou.

O ressentido atribui sua infelicidade ao outro, culpa aquele a quem anteriormente delegou o poder de decidir pelos dois pelo fracasso vivido e, como se houvesse apenas uma possibilidade de alguém sentir o prejuízo, quem acaba por senti-lo é o ressentido. Seu psiquismo é tomado por rumações acusadoras e recordações dolorosas que vêm acompanhadas do desejo de vingança que nunca se realiza em ato, mas é recorrente em pensamento. Uma vingança adiada que o ressentido prefere manter viva em fantasia a executá-la e dar-lhe um fim.

Utilizando-nos das formulações de Tavares (2013) sobre o ressentimento e seu lugar na psicanálise, podemos dizer que o sujeito é tomado por um frequente diálogo com sua consciência moral a qual, de algum modo, atrofia seu agir no mundo. Diante da sua impossibilidade para agir no mundo externo, ele encontra apenas na faculdade imaginativa um meio de desafogar sua raiva. Essa é a única forma de reação que se encontra ao alcance do sujeito que se sente incapaz de reivindicar do outro o que lhe havia dado e agora sua falta lhe causa sofrimento.

Para Kehl (2011), “o ressentido seria aquele que renuncia a seu desejo em nome da submissão a um outro (identificado desde o lugar do *supereu*), mas depois vem cobrar, insistentemente, pelo desejo negado. Ele não se arrepende – ele acusa (pp. 24-25).” Pensando nos casos que acompanhamos, será que as filhas biológicas, diante da renúncia ao desejo incestuoso pelos pais em nome da submissão ao supereu, acabam se cobrando (através do supereu) aquilo que tiveram de renunciar, ainda mais depois de verificarem a concessão do desejo às suas irmãs?

Outro ponto a ser destacado sobre o ressentido é a raiva que sente e da qual não consegue se desfazer ao constatar a inexistência da perfeição na sua percepção da realidade. Podemos verificar isso no caso das adolescentes, as quais, por circunstâncias chocantes, se veem diante da imperfeição dos adultos, decepção comum e necessária na etapa adolescente, mas que se agrava com a evidência da perversidade dos pais, já que afeta negativamente a introjeção da lei paterna e o respeito pelo pai. Também se deparam com a sua própria imperfeição, quando percebem pela realidade nua e crua o limite à ilusão de onipotência e de não ser o único no desejo dos pais, se pensamos na escolha do pai pela outra filha. Para

Kancyper (2010), o desamparo e o abandono sentidos incrementam a ideia de que “não há a crença de que algo vá completar aquilo que lhe falta, e enfurece ainda mais perceber, ou melhor, imaginar que o outro não sofre com sua falta” (p. 57). Aqui nos vemos diante de um impasse entre o desejo de novamente alcançar a completude e plenitude narcísica que leva o sujeito a tentar encontrar de forma compulsiva os elos faltosos de seu narcisismo fragilizado, e a sua dificuldade em aceitar que também lhe foi subtraída a possibilidade de completude e perfeição (Tavares, 2013, p. 57). Nas palavras de Kancyper (2010),

O sujeito ressentido permanece esperando algo de um ofertante impossível. Não reconhece a castração da realidade no outro nem em si mesmo, porque admiti-la seria uma prova inexorável de sua própria vulnerabilidade diante da impossibilidade de mudar a estrutura daquele outro, ou de chegar a ser ele mesmo transformado através dos poderes por ele investidos sobre esse outro<sup>36</sup> (p. 167).

Assim, segundo Kehl (2011), “o ressentido pretende anular o efeito de uma perda que já aconteceu” (p. 69), perda inevitável com a qual não se conforma, pois, ainda nas palavras da autora, “Perder um objeto e com isto, simultaneamente, perder um lugar, equivale a perder, ao mesmo tempo, algo da ordem do *ser* e algo da ordem de um atributo cujo valor consista em sua capacidade de obturar, relativamente, o buraco da *falta a ser*” [itálicos da autora] (p. 69). O sujeito comandado pelo rancor desmente a percepção da realidade que lhe escancara a existência da falta e se atém à convicção contrária, tentando provar a si mesmo, através de sua onipotência do pensamento, que “o outro sim tem, mas injustamente não me dá. Portanto, sou uma vítima inocente, já que de uma maneira desleal não me dão o que legalmente me corresponderia receber”<sup>37</sup> (p. 167), como se tivesse sido enganado. Essa crença serve para legitimar o sentimento de ser um eterno injustiçado preso à sua cega vingança repetitiva diante da recusa de uma realidade que, ao tornar-se intolerável para o sentimento de si do sujeito ofendido, provoca o processo de clivagem do eu. Ao se colocar no lugar de vítima do qual não se é possível sair e, diante de uma sede de vingança que nunca irá se concretizar, o ressentido acaba sofrendo de um empobrecimento do seu eu, contudo, não tem clareza de que seu sentimento de si está sendo ameaçado. Pelo contrário, o sentimento de si lhe parece garantido e ele se nutre pela ideia de que algo há de ser seu por direito, pois lhe quitaram o que pertencia a ele; porém, ainda não lhe devolveram (Kehl, 2011).

---

<sup>36</sup> “El sujeto resentido permanece esperando algo de un ofertante imposible. No reconoce la castración de la realidad ni en el otro ni en el sí mismo propio, porque admitirla sería una prueba inexorable de su propia vulnerabilidad ante la imposibilidad de cambiar la estructura de aquel otro, o de llegar a ser cambiado él mismo a través de los poderes por él investidos sobre ese otro”.

<sup>37</sup> “El otro sí tiene, pero que a mí injustamente no me lo quiere brindar. Por lo tanto, soy una inocente víctima, ya que de un modo alevoso no se me ofrece lo que legalmente me correspondería recibir”.

Segundo Kancyper (2010), o sujeito ressentido permanece instalado no seu rancor porque, por um lado, esse afeto lhe oferece um estado de satisfação narcísica ao elevar o sentimento de si e promover uma forma de coesão egóica e, por outro, possui finalidades defensivas ao amenizar os efeitos desestruturantes sobrevindos de outros afetos que ameaçam o sujeito com a possibilidade de perda da sua organização psíquica. Assim, duas atitudes psíquicas coexistem no eu do sujeito ressentido que fazem frente à realidade externa que se revela contrária à exigência pulsional. É através da clivagem que o eu tenta evitar a ruptura com a própria realidade.

Podemos estabelecer uma relação entre o ressentimento, o desmentido e a clivagem egóica, já que a clivagem está presente tanto no primeiro quanto no segundo modo de funcionamento do eu. Luis Kancyper (2010) nos revela uma diferença importante entre os dois primeiros:

Em efeito, a clivagem no sujeito ressentido é um mecanismo de defesa e um estado do eu, enquanto no desmentido costuma ter um caráter parcial, a partir do qual se estabelecem, ao mesmo tempo, dentro do seu eu, duas atitudes psíquicas opostas, que oscilam entre o reconhecimento e o desmentido da realidade da castração<sup>38</sup> (p. 168).

Assim, o ressentimento parece formar um lugar de segurança psíquica para onde o sujeito possa recorrer quando sente que precisa refugiar-se da realidade.

### 3.3.1. Ressentimento e remorso

A partir dos seus estudos sobre o ressentimento, Kancyper (2010) constata a presença de outro sentimento que pode coexistir junto ao ressentimento, o remorso. Para ele, o remorso se define como um pesar interno que é produzido por ter realizado uma má ação. Do latim medieval *remorsus*, derivado do latim *re-mordere*, re-morder ou morder reiteradamente tem a mesma raiz de mordedura, mordacidade. Antigamente, a mordaca era o pano ou instrumento usado na boca para impedir a fala. Também sinônimo de aflição, remordimento e tormento, “o remorso é a inquietude que desperta a memória de uma dívida (...). Esta dívida coloca em evidência o acionamento de um castigador interno, que cumpre suas funções de tortura no

---

<sup>38</sup> “En efecto, en el sujeto resentido la escisión es un mecanismo de defensa y un estado del yo, mientras que la desmentida suele tener un carácter parcial, a partir del cual se establecen, al mismo tiempo, dentro de su yo, dos actitudes psíquicas opuestas, que basculan entre el reconocimiento y la desmentida de la realidad de la castración”.

próprio sujeito, com eficiência e fidelidade, em forma alternada ou permanente”<sup>39</sup> (Kancyper, 2010, p. 77). Segundo o autor, o remorso é composto por duas facetas que se entrelaçam: o sentimento de culpa e/ou vergonha de um lado e a necessidade de se auto castigar de outro. Uma necessidade constante e compulsiva de sofrer que nos leva à associação com a pulsão de morte, muito além do princípio do prazer.

O sujeito ressentido é alguém que contabiliza injustiças e dívidas. Para Kancyper (2010), como ele se sente frequentemente ofendido, se vê isento de responsabilidades e detentor do direito de punir e atormentar. O ressentido que também sente remorso é alguém que coleciona culpas e vergonhas que na realidade não lhe pertencem e que resultam ser, portanto, irreparáveis. “Culpas e vergonhas que reclamam ‘merecidos’ auto castigos, executados por castigadores internos e/ou externos que representam obstáculos à felicidade”<sup>40</sup> (p. 78). Preso em um ciclo de perpétua insatisfação, o remorso provocado pela vergonha está relacionado a um sentimento de inferioridade por não conseguir cumprir com seus próprios ideais, muito menos com os ideais paternos. Um sentimento de não ter cumprido o que esperavam dele, de estar aquém do esperado. Já o remorso provocado pela culpa tem relação com a memória viva de uma ação considerada condenável que deixou uma marca traumática, oportunidade ideal para o supereu exercer sua crueldade e reclamar a necessidade de um castigo inexorável ao sujeito. De acordo com Kancyper (2010), ambas as formas de remordimento traduzem a tensão existente entre o eu e supereu, com diferentes motivações psicológicas e seus efeitos punitivos e representam uma barreira aos processos de elaboração diante de perdas. Nos casos apresentados, podemos perceber o remorso sentido pelas jovens provenientes de alguns motivos: pelas atitudes cometidas por seus pais, pelo que podem ter sido omissas ou por pensar que tiveram alguma participação nos abusos, por sentir que de alguma forma contribuíram com o que aconteceu – como a adolescente do segundo caso, quando escuta da irmã que se ela não existisse nada de mal teria acontecido, e a jovem do terceiro caso, que fica pensando nas coisas que fez mal. Kancyper (2010) nos aponta que tanto o ressentimento como o remorso patológicos podem operar como defesa, diante da impossibilidade de admitir a perda do irrecuperável. No caso, o abandono forçado do objeto

---

<sup>39</sup> “El remordimiento es la inquietud que despierta la memoria de una deuda (...). Esta deuda pone en evidencia el accionar de un castigador interno, que cumple sus funciones de tortura en el propio sujeto, con eficiencia y fidelidad, en forma alternada o permanente”.

<sup>40</sup> “Culpas y vergüenzas que reclaman ‘merecidos’ autocastigos, ejecutados por castigadores internos y/o externos que obstaculizan la felicidad”.

primário, o pai, “significaria a destruição definitiva da ilusão e da aceitação de que, real e efetivamente, o objeto foi perdido para sempre”<sup>41</sup> (Kancyper, 2010, p. 217).

---

<sup>41</sup> “Significaría el derrumbe definitivo de la ilusión y la aceptación de que, real y efectivamente, se han perdido dicho objeto para siempre”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após percorrer os caminhos teóricos e práticos apresentados neste trabalho, voltamos à nossa questão inicial: dar-se conta da revelação que mostra ao filho adolescente o pai pedófilo que tem e que a vítima abusada é, no caso, seu irmão, causaria uma força disruptiva no psiquismo do jovem? Quais as consequências desse choque na vida desse sujeito em plena construção da identidade? Veremos como ficaram as respostas para essas e outras questões que elaboramos ao longo da nossa pesquisa.

Mendes (2011) nos lembra que o trauma provocado pelo abuso sexual pode evocar a sensação de aniquilamento do eu na criança ou adolescente, intimando o aparelho psíquico a reagir. Dentre as respostas psíquicas possíveis frente a esse furacão, vimos a ação do mecanismo de cisão ou clivagem do eu, que tem origem com o processo de recusa, mecanismos trabalhados inicialmente por Freud e posteriormente por outros autores. Contudo, através da observação dos casos apresentados, verificamos esses mesmos processos também nas irmãs adolescentes. Vimos como a sobrecarga de excitação de caráter traumático nas adolescentes disparou a ação de mecanismo de defesa que conduziram à formação de sintomas. Como não houve um escudo protetor que evitasse a entrada das percepções e sensações das vivências traumáticas, o psiquismo dessas jovens foi obrigado a se defender da excitação massiva através do mecanismo da clivagem, saída que, como vimos, demanda uma energia enorme do Eu e causa o empobrecimento dessa instância psíquica.

Nos traumatismos sofridos, deparamo-nos com a dificuldade para detectar se as jovens estavam diante do segundo tempo do trauma, em que a cena da denúncia do pai agressor evocaria uma cena anterior, e que a posteriori passa a ter o verdadeiro sentido traumático; ou se estávamos diante da construção do trauma cumulativo, já que a última revelação disparou a ligação entre outros momentos anteriores que poderiam levar a esse último, como nos casos dois e três.

Com relação às escolhas identificatórias, Fuks (2000) demonstra que “nos meninos, o abuso pode levar a uma crise sobre sua orientação sexual e identidade de gênero” (p. 199). Em uma das vinhetas apresentadas (Caso 2), deparamo-nos com essa problemática em uma menina, o que nos leva a interrogar se também poderia haver uma ligação com o abuso praticado pelo pai à sua meia-irmã.

Vimos como o pai perverso é capaz de ultrapassar a barreira do tabu do incesto e instituir suas próprias regras e normas familiares. Para Fuks (2000), o pai abusador

Tem a particularidade de utilizar-se do poder paterno para transformar a intimidade de sua família num reduto reservado à realização impune desse ideal sexual onipotente e narcísico. Pode estar sustentado, nesse contexto, por um fantasma coletivo que foi delineado pela psicanálise através da teoria-mito da horda primitiva e do proto-pai. Aquele cuja derrubada é necessária para entrada da lei da cultura na constituição e o desenvolvimento da subjetividade humana (p. 168).

S. Lamberti (citado por Giberti, 2014) realizou um estudo sobre o incesto como resultado da relação entre pai adotante e filha adotiva que nos será útil para pensar os três casos usados como exemplos em nosso trabalho, os quais tem em comum a ausência de laços sanguíneos entre o abusador (padrasto) e a vítima direta (enteada). Esse tipo de relação provoca alguns questionamentos sugeridos pelo autor: Seria a inexistência de um vínculo sanguíneo e a explicação de que “ela não é verdadeiramente minha filha” argumentos desses homens para a violação? Estariam elas à disposição para uso sexual no imaginário desses padrastos? Seriam capazes de se compararem a figuras salvadoras por haver “resgatado suas filhas do abandono”, conferindo-lhes direito sobre elas?

A nossa experiência com casos de abuso sexual intrafamiliares comprova que a forma como eles são julgados mostra como muitos profissionais do direito estão desprovidos de embasamento teórico específico para realizar uma sentença satisfatória, correndo o risco de não compreender a dimensão do impacto que uma decisão nesses casos pode causar na vida de cada membro da família. Giberti (2014) aponta alguns exemplos de saídas encontradas pelos juízes como resolução: internar a criança ou adolescente em um instituto para separá-la do agressor, o que acarreta a desvinculação de seu lar e sua família e a coloca em posição de castigada e causadora dos problemas familiares; afastar o agressor de casa é uma saída favorável, mas se o sustento familiar vem do homem violador devem-se pensar alternativas para suprir as necessidades econômicas dessas famílias, pois muitas vezes a questão econômica serve como variável que regula a denúncia do incesto principalmente por parte das mães; tomar atitudes que visem a preservação da família pode não ser a melhor saída, como ressalta Helene Saffiotti (citada por Giberti, 2014), “a ruptura da família não é a pior coisa que se pode suceder a uma criança, já que sofrer abuso por parte de quem se ama e em quem se confia é pior que essa ruptura”<sup>42</sup> (p. 95).

---

<sup>42</sup> “La ruptura de la familia no es la peor cosa que le puede suceder a un niño, ya que sufrir abuso por parte de quien se ama y en quien se confia es peor que dicha ruptura.”

Quanto ao papel da mãe dentro da dinâmica do abuso sexual intrafamiliar, Fuks (2000) a aponta como vítima secundária, pois ela participa da rede de relações afetivas e de uma forma ou de outra é atingida por uma forte situação de perda. Quando toma conhecimento da situação de abuso do filho parece que está vivendo um momento de descoberta, de revelação, mas, em alguns casos é possível detectar posteriormente que, na verdade, ela havia passado por extensos períodos de dúvidas quanto aos indícios que suas percepções lhe mostravam de que algo estava errado na família. Vimos através dos casos que esse sentimento se estende às irmãs, pois elas também foram afetadas por um doloroso sentimento de perda por causa dos abusos cometidos por seus pais.

Se pensávamos que poderíamos chegar às consequências específicas do abuso sexual nos irmãos vítimas indiretas, deparamo-nos com a dificuldade de determinar consequências específicas neles, pois esses casos envolvem uma dinâmica psíquica e familiar mais complexa do que imaginávamos. Mesmo assim, pudemos perceber vivências subjetivas específicas após a revelação do abuso, levando à associação entre a revelação e a resposta psicoafetiva dos irmãos indiretamente afetados, conforme demonstrou Angelco *et. Al* (2011).

Dessa forma, a partir do nosso trabalho, pudemos comprovar o lugar dos irmãos como vítimas secundárias ou indiretas que passaram pela experiência subjetiva de dor e mal-estar vinculados à vitimização sexual e suas consequências, conforme apontou Angelcos *et al.* (2011). Também foi possível verificar consequências similares nos irmãos vítimas indiretas com àquelas descritas na literatura a respeito da vítima direta, como culpa, vergonha, autodestruição, transtornos alimentares, conduta antissocial, chamando nossa atenção para a importância de promover atenção a esses adolescentes, prevenindo e evitando outras formas de reprodução da violência, seja como possíveis alvos de abuso sexual, seja reproduzindo comportamentos abusivos com outras crianças ou adolescentes.

A função exercida pelas irmãs e também pelos irmãos (no filme *Festen*) nos faz pensar o papel de suplência que os filhos acabam realizando quando os pais ou responsáveis fracassam como instâncias superegóicas. Nos casos de abuso sexual familiar, a fátia possuiria a força necessária para validar os fatos abusivos que até então haviam sido encobertos pelo mecanismo do “desmentido” familiar?

Vimos como essa união pode ajudar à dar visibilidade ao sofrimento da vítima direta quando a criança ou adolescente não pode contar com um adulto para fazê-lo. Kancyper (2004) fala sobre a importância de entendermos o funcionamento do complexo fraterno, “um

conjunto organizado de desejos hostis e amorosos que a criança experimenta com relação a seus irmãos” (p. 243). Segundo o autor, podemos diferenciar quatro funções desse complexo:

- a) Substitutiva: uma alternativa para suprir e compensar funções parentais falidas, além de assumir uma função elaborativa do complexo de Édipo e do narcisismo;
- b) Defensiva: quando encobre conflitos edípicos ou narcísicos não resolvidos. Também serve para obturar angústias e desmentir a confrontação geracional;
- c) Elaborativa: auxilia no limite à ilusão de ser o único filho e colabora ao incessante trabalho de elaboração do narcisismo e da dinâmica edípica;
- d) Estruturante: possui caráter fundador na organização anímica do indivíduo e da cultura, assim como o complexo de Édipo.

Assim, nos parece instigante aprofundar os estudos dessa temática para entender melhor as relações fraternas e as possibilidades de criar pactos que sobreponham as diferenças e rivalidades entre irmãos, para assim dar lugar à solidariedade e à cooperação.

Gostaríamos de finalizar com uma citação de Mandelbaum (2014) que não nos deixa esquecer a importância da elaboração e do perdão para que o ciclo da violência não seja mantido de geração em geração:

A experiência de um pai ou de uma mãe violentos não isenta cada membro da família de erguer um pai e uma mãe bons dentro de si. Isto é fundamental para que o ciclo da violência não se prolifere no suceder das gerações. A violência é traumática e, portanto, tende à repetição. Daí a necessidade de perdoar os pais. O perdão às vezes é uma tarefa quase impossível, mas esta é a grandeza da elaboração. Elaborar criticamente é também uma forma de perdoar (pp. 44-45).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aberastury, A. (1981a). O adolescente e a liberdade. In: Aberastury, A., & Knobel, M. (Orgs.) *Adolescência Normal*. (pp. 13-23). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1970).
- Aberastury, A., Dornbusch, A., Goldstein, N., Knobel, M., Rosenthal, G., & Salas, E. (1981b). Adolescência e psicopatia. In: Aberastury, A., & Knobel, M. (Orgs.) *Adolescência Normal*. (pp. 63-71). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1970).
- Almeida, A. O. (2012). *Violência sexual contra crianças e adolescentes: um olhar sobre as experiências de vitimização indireta dos familiares*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil.
- Angelcos, Y. E., Merkel, C. F., & Sepúlveda, C. C. (2011). Hermanos de víctimas de agresiones sexuales: una aproximación a las víctimas indirectas. *Revista de Psicología*, 20(2), 77-102.
- Baranger, Willy (1981). *Posição e objeto na obra de Melanie Klein*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Brasil. (2001). *Lei nº 8.069, 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações.
- Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. (1998). Brasília, DF. Recuperado em 19 de outubro de 2015, de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Constituicao.htm)
- Costa, J. F. (2006). Entrevista com Jurandir Freire Costa. In: Marta Rezende Cardoso (Org.) *Adolescentes*. (pp. 17-23). São Paulo: Escuta.
- Dogma 95. (2008). Museu do cinema. Recuperado em 08 de dezembro, 2015, de <http://www.museudocinema.com.br/2008/12/dogma-95.html>

- Dogme95. (2014). Festen (The Celebration). Recuperado em 08 de dezembro, 2015, de <http://www.dogme95.dk/celebration/>
- Ferenczi, S. (2011a). Confusão de línguas entre os adultos e a criança. In: *Obras completas - Psicanálise IV*. (2a ed., pp. 111-121). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1932).
- Ferenczi, S. (2011b). Reflexões sobre o trauma. In: *Obras completas - Psicanálise IV*. (2a ed., pp. 125-135). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1934).
- Florence, J. (1994). As Identificações. In: J. Florence (Org.) *As Identificações: Na Clínica e na Teoria Psicanalítica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Figueiredo, L. C. M. (2003). Verleugnung. A desautorização do processo perceptivo. In: *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea*. (pp. 57-75). São Paulo: Escuta.
- Freud, S. (1996a). Histeria. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 77-96). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1888).
- Freud, S. (1996b). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 2, pp. 39-53). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1893).
- Freud, S. (1996c). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 333-444). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950[1895]).
- Freud, S. (1996d). A hereditariedade e a etiologia das neuroses. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 141-155). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1896).
- Freud, S. (1996e). Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 159-183). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1896).

- Freud, S. (1996f). Carta 69. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 309-311). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1897).
- Freud, S. (1996g). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 119-229). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1996h). Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 279-292). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1906[1905]).
- Freud, S. (1996i). Romances familiares. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 9, pp. 217-222). (Trabalho original publicado em 1909[1908]).
- Freud S. (2012). Totem e tabu. In: *Obras Completas, Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos* (Vol. 11, pp. 13-244). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913[1912-1913]).
- Freud, S. (2010a). Introdução ao Narcisismo. In: *Obras Completas, Introdução ao Narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (Vol. 12, pp. 13-50). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2010b). Luto e Melancolia. In *Obras Completas, Introdução ao Narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (Vol. 12, pp. 170-194). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917[1915]).
- Freud, S. (2014a). Conferência 21 – O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In: *Obras completas, Conferências introdutórias à psicanálise 1916-1917* (Vol. 13, pp. 424-450). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917).
- Freud, S. (1996j). Uma criança é espancada - Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 17, pp. 191-218). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919).
- Freud, S. (2010c). Além do princípio do prazer. In: *História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”)*, *Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)* (Vol. 14,

pp. 161-239). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920).

Freud, S. (2011a). Psicologia das Massas e Análise do Eu. In *Obras Completas, Psicologia das Massas e Análise do Eu e outros textos* (Vol. 15, pp.09-100). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921).

Freud, S. (2011b). O Eu e o Id. In *Obras Completas, O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos* (Vol. 16, pp. 13-74). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923).

Freud, S. (2011c). A Dissolução do Complexo de Édipo. In *Obras Completas, O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos* (Vol. 16, pp. 203-213). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1924).

Freud, S. (1996k). Inibição, sintoma e angústia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 20, pp. 81-171). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926).

Freud, S. (2014b). O fetichismo. In: *Obras completas, Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos* (Vol. 17, pp. 302-310). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1927).

Freud, S. (1996l). Conferência 31 – A dissecação da personalidade psíquica. In: *Obras completas, O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos 1930-1936* (Vol. 18, pp. 192-223). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933).

Freud, S. (1996m). A divisão do ego no processo de defesa. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 291-296). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em (1940 [1938])).

Fuks, L. B. (2000). *Narcisismo e vínculos*. São Paulo: Escuta.

Fuks, L. B. (2010). Abuso sexual de crianças na família: reflexões psicanalíticas, In: França, C. P. (org.) *Perversão: As engrenagens da violência sexual infantojuvenil*. Rio de Janeiro: Imago.

- Giberti, E. (2014). *Incesto paterno/filial: una visión desde el género*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico.
- Habgzang, F. L., Azevedo, A., & Machado, X. (2005). Abuso Sexual e Dinâmica Familiar: aspectos observados em Processos Jurídicos. *Revista de Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(3), 341-348.
- Hill, A. (2003). Issues facing brothers of sexually abused children: implications for professional practice. *Child and family social work*, 8, 281-290.
- Hinshelwood, R.D. (1992). *Dicionário do pensamento kleiniano*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Hornstein, M. C. R. (2008). Entre desencantos, apremios e ilusões. Barajar y dar de nuevo. In: Maria Cristina Rother Hornstein (Compiladora) *Adolescências: trayectorias turbulentas*. (pp. 117-135). Buenos Aires: Paidós.
- Kancyper, L. (2004). *El Complejo fraterno – estudio psicanalítico*. (1ª ed.). Buenos Aires: Lumen.
- Kancyper, L. (2007). *Adolescência: el fin de la ingenuidad* (1ª ed.). Buenos Aires: Lumen.
- Kancyper, L. (2010). *Resentimiento terminable e interminable* (1ª ed.). Buenos Aires: Lumen.
- Kehl, M. R. (2014). *Ressentimento* (4ª ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Klein, M. (1991). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. (pp.17-43). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1946).
- Knobel, M. (1981). A síndrome da adolescência normal. In: Aberastury, A., & Knobel, M. (Orgs.) *Adolescência normal*. (pp. 24-62). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1970).

- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário de psicanálise*. (4a ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1967).
- Lévi-Strauss, C. (1982). *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1908).
- Mandelbaum, B. (2008). *Psicanálise da família*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mandelbaum, B. (2014). Terror em casa: a dinâmica da violência no interior do organismo familiar. In: Cassandra Pereira França (Org.) *Tramas da perversão: a violência sexual intrafamiliar*. (pp. 33-46). São Paulo: Escuta.
- Mannoni, O. (1973). Ya lo sé, pero aún así... In: *La otra escena – Claves de lo imaginario*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Mendes, A. P. N. (2011). *Identificação com o agressor: interfaces conceituais e implicações para o estudo da violência sexual infantil*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.
- Merea, A. T. (2008). La terminación de la adolescencia. In: Maria Cristina Rother Hornstein (Compiladora) *Adolescencias: trayectorias turbulentas*. (pp. 161-173). Buenos Aires: Paidós.
- Modesto, A. L. (2010). Incesto: o último tabu? In: Cassandra Pereira França (Org.) *Perversão: as engrenagens da violência sexual infantojuvenil*. (pp. 59-65). Rio de Janeiro: Imago.
- Paladino, E. (2005). Os discursos sobre a adolescência. In: *O adolescente e o conflito de gerações na sociedade contemporânea*. (pp. 51-102). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pinheiro, Tereza. (1993). Trauma e melancolia. *Revista Percurso*, 10(1), 50-55.

- Rodulfo, R. (2008). Vida, no vida, muerte: dejando la niñez. Preludio y fuga a tres voces. In: Maria Cristina Rother Hornstein (Compiladora) *Adolescencias: trayectorias turbulentas*. (pp. 99-116). Buenos Aires: Paidós.
- Rosa, K. T. (2007). *A testemunha do abuso sexual contra irmãos: a vítima esquecida junto ao serviço de proteção*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1944).
- Souza, O. (2003). Trauma, defesa e criatividade. *Tempo psicanalítico*, 35, 115-135.
- Tavares, B. B. (2013). *O ressentimento e o subsolo: um estudo psicanalítico*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.
- Uchitel, M. (2000). Em busca de uma clínica para o trauma. In: Fuks, L. B., & Ferraz, F. C. (Orgs.) *A clínica conta histórias*. (pp. 135-150). São Paulo: Escuta.
- Vega, M. P. (2009). Metapsicología de los duelos en la adolescencia In: Vega, M. P., Barrionuevo, J., Vega, V. C. (Orgs.) *Escritos psicoanalíticos sobre adolescencia*. (pp. 131-136). Buenos Aires: Eudeba.